



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING

MIKAYLSON ROCHA DA SILVA

CONTATO DIALETAL: ATITUDES DO FALAR PARAIBANO EM SÃO PAULO

JOÃO PESSOA

2016

MIKAYLSON ROCHA DA SILVA

CONTATO DIALETAL: ATITUDES DO FALAR PARAIBANO EM SÃO PAULO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientador: Dr. Rubens Marques de Lucena

JOÃO PESSOA

2016

S586c Silva, Mikaylson Rocha da.
Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo /
Mikaylson Rocha da Silva. - João Pessoa, 2016.
120 f.: il. -

Orientador: Rubens Marques de Lucena.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/ CCHLA

1. Linguística. 2. Acomodação dialetal. 3. Dialeto
Paraibano. 4. Atitude linguística. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

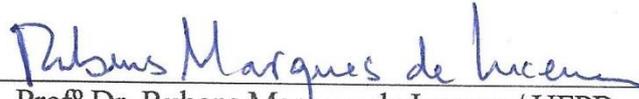
MIKAYLSON ROCHA DA SILVA

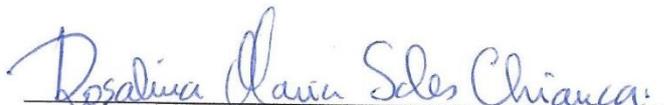
CONTATO DIALETAL: ATITUDES DO FALAR PARAIBANO EM SÃO PAULO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, como requisito para obtenção do título de mestre.

Dissertação aprovada em 02 de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA:


Prof^o Dr. Rubens Marques de Lucena / UFPB
(Orientador)


Prof^a Dr.^a Rosalina Maria Sales Chianca / UFPB
(Membro avaliador)

Prof^o Dr. Walison Paulino de Araújo Costa / UFRPE
(Membro avaliador externo)

JOÃO PESSOA

2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Margarida Araújo Rocha,
Ao meu pai, Rogério E.B. da Silva,
Aos meus irmãos, Mikeyas Rocha e Mikaelly Rocha,
por toda força, apoio e carinho incondicional.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que sabendo dos meus limites, me guiou durante toda a minha trajetória acadêmica, dando-me força e ânimo quando pensei em desistir.

Aos **meus pais**, Margarida Araújo Rocha e Rogério Eufrásio B. da Silva, exemplos de seres humanos, e que sempre confiaram no meu potencial, dando-me apoio e condições necessárias para que esse sonho acadêmico se tornasse possível. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Aos **meus irmãos**, Mikaelly e Mikeyas, que sempre desde muito jovem sabiam da importância que eu dava aos estudos. Pela motivação diária, carinho, e solidariedade quando mais precisei. Quanto à Mikaelly, obrigado por ter me recebido em sua casa, por ter me apresentado da melhor forma possível aos colaboradores dessa pesquisa.

Aos **meus primos** e meu cunhado, Robson de Oliveira e Rovilson Oliveira, pela paciência de me ajudar a transitar em São Paulo, por terem conseguido me apresentar boa parte dos colaboradores deste estudo, pela força e motivação quando precisei.

A **Geovane Fernandes Muniz**, meu amigo, pelo apoio, carinho, pela dedicação e por ter ajudado enormemente na construção desse estudo quando necessitei de ajudas para a construção deste trabalho, leituras e verificação dos áudios deste estudo. Muito obrigado!

A **meu melhor amigo**, Rômulo Felipe Ferreira de Assumpção (*in memoriam*), que apesar da prematura partida, me deixou grandes ensinamentos. Obrigado por ter sido um dos maiores colaboradores da minha decisão em mudar para o curso de Letras, obrigado também por desde sempre ter confiado e acreditado em talentos que eu mesmo não os conhecia.

A **Rubens Lucena**, meu orientador. Obrigado por ter acreditado em mim e no meu projeto. Obrigado por ter me apresentado à Sociolinguística Variacionista, pela paciência em ter me direcionado nas leituras corretas e nos caminhos teórico-metodológicos apropriados nesta área de estudo, também pela excelente orientação que me fez chegar até esse resultado final.

A **todos os colaboradores e colaboradoras** deste estudo, que disponibilizaram um espaço na rotina para que fosse possível a gravação de entrevistas e etnografias.

Aos **meus colegas** e amigos que fiz no percurso acadêmico de Mestrado, dos quais, muitos levarei comigo, em especial Almir Anacleto e Ramísio Vieira pelas discussões acadêmicas, seminários, leituras e pela força para que pudéssemos continuar com nossas pesquisas.

Ao **Programa de Pós-graduação em Linguística** (PROLING/UFPB), pela oportunidade de estudar com excelentes professores, pela presteza administrativa e institucional.

Aos **professores e professoras** da Universidade Federal da Paraíba, que tive a oportunidade de conhecer durante esses dois anos de pesquisa, pois hoje sou um pesquisador e professor mais consciente e preparado para a vida socioprofissional.

A todos os meus **amigos** que indiretamente colaboraram para que eu chegasse até aqui.

*Severino, retirante,
Deixe agora que lhe diga:
Eu não sei bem a resposta
Da pergunta que fazia,
Se não vale mais saltar
Fora da ponte e da vida
Nem conheço essa resposta,
Se quer mesmo que lhe diga
É difícil defender,
Só com palavras, a vida,
Ainda mais quando ela é
Esta que vê, Severina
Mas se responder não pude
À pergunta que fazia,
Ela, a vida, a respondeu
Com sua presença viva.*

João Cabral de Melo em “Morte e Vida Severina”.

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar o processo de acomodação linguística entre variedades do português brasileiro de falantes paraibanos residentes em São Paulo. Buscamos compreender como os falantes, em contato com outra variedade linguística, assimilam novos traços fonético-fonológicos, lexicais e discursivos, bem como, levando em consideração ao estudo da acomodação linguística, se há fatores extralinguísticos e linguísticos que condicionem o processo de acomodação dialetal. Durante a pesquisa, alguns fenômenos fonológicos nos permitiram verificar os efeitos da acomodação: a (não) palatalização da coronal /s/ anterior às oclusivas dentais surdas e sonoras /t/ e /d/. Foram também analisadas as variáveis estilísticas, sociais e atitudinais dos falantes para compreender a incidência do fenômeno estudado. Acreditamos que a variável atitudinal pode acelerar o fenômeno estudado, pois, consoante as perspectivas de Fernández (1998), as atitudes negativas podem retardar o processo de acomodação entre dialetos. As atitudes linguísticas nesse trabalho foram observadas a partir dos discursos dos colaboradores, as quais estão descritas na seção qualitativa deste trabalho. A metodologia que norteia este estudo é do tipo explanatória descritiva. Para dar conta do controle quantitativo das variáveis, foi utilizado o programa estatístico *GoldVarbX* (SANKOFF; TRAGLIAMONTE e SMITH, 2006). Para a realização deste estudo, foi necessário recrutar uma quantidade de 10 falantes paraibanos residentes em São Paulo há pelo menos dois anos. A coleta de dados obedeceu aos estilos de entrevista e de observação etnográfica, sendo esse último estilo apenas possível com três falantes deste estudo. Finalmente, para dar forma à discussão proposta que compõe o *corpus*, a pesquisa está baseada em pilares teóricos que se complementam teoricamente: a Teoria da Variação Linguística LABOV, (1966; 1972; 1983); a Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al, 1973; GILES, 1977; GILES et al, 2010 [1991]) e algumas considerações sobre as atitudes linguísticas (LAMBERT, 1967; GILES et al., 2010 [1991]) e COUPLAND (2007).

Palavras-chave: Acomodação linguística; Atitude Linguística do Falar Paraibano; Dialetos em Contato.

ABSTRACT

This study aims to investigate the process of linguistic accommodation between varieties of Brazilian Portuguese of speakers from Paraíba living in São Paulo. We seek to understand how speakers, in dialect contact with other linguistic variety, assimilate new phonetic-phonological, lexical and discursive traits, as well as taking into account the study of linguistic accommodation, whether extralinguistic and linguistic factors play a determinant role as variables conditioners to linguistic convergence. During the research, some phonological phenomena will allow us to verify the effects of accommodation: the (non) palatalization of coronal / s / prior to the voiced and unvoiced dental plosives / t / and / d /. It will also be analyzed the stylistic, social and attitudinal variables of speakers to understand the incidence of the phenomenon studied. We believe that the attitudinal variable might influence to this studied phenomenon, and according to Fernández (1998), negative attitudes can slow the process of accommodation between dialects. Attitudes will be observed from the speeches of the speakers in the qualitative section of this work. The methodology that guides this study is descriptive explanatory and to account for the quantitative control of the variables, we used the statistical program *GoldVarbX* (SANKOFF; TRAGLIAMONTE and SMITH, 2006). To perform this study, it was necessary to recruit a number of 10 respondents residents in São Paulo for at least two years. The present data collection followed the styles of interview and ethnographic observation, the latter being only possible style with four speakers of this study. Finally, to form the proposed discussion that makes up the corpus, the research is based on theoretical pillars that complement theoretically each other: the Language Variation Theory developed by Labov, (1966; 1972; 1983); Labov et al., 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]); The Communication Accommodation Theory (GILES et al., 1973; GILES, 1977; GILES et al., 2010 [1991]) and some considerations on language attitudes (LAMBERT, 1967; GILES et al., 2010 [1991]) and COUPLAND (2007).

Keywords: Linguistic Accommodation; Linguistic Attitude of Paraíba Talking; Dialects in Contact.

LISTA DE FIGURA

| | |
|--|----|
| Figura 01: Representação Fonológica da Sílabá..... | 24 |
|--|----|

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO 01: Fricativas [s, z] e [ʃ,ʒ]..... | 25 |
| QUADRO 02: Comportamento da fricativa /s/ em posição medial..... | 30 |
| QUADRO 03: Resumo do perfil dos falantes paraibanos em São Paulo..... | 55 |
| QUADRO 04: Variável fricativa /s/ antes de oclusivas dentais /t/ e /d/..... | 62 |
| QUADRO 05: Variáveis sociais..... | 62 |
| QUADRO 06: Percentual da acomodação ao falar paulista..... | 82 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 01: Comportamento da fricativa coronal /s/ no falar paraibano..... | 28 |
| GRÁFICO 02: Fricativa coronal /s/ em posição de coda final no falar paraibano..... | 29 |
| GRÁFICO 03: Acomodação geral da palatalização..... | 33 |
| GRÁFICO 04: Acomodação geral da palatalização relacionada ao estilo..... | 36 |
| GRÁFICO 05: Acomodação geral do fenômeno da não palatalização da fricativa /s/ anterior às oclusivas surdas e sonoras /t/ e /d/..... | 71 |
| GRÁFICO 06: Tempo de residência em São Paulo..... | 78 |
| GRÁFICO 07: Tonicidade..... | 79 |
| GRÁFICO 08: Tamanho da palavra x não palatalização..... | 80 |
| GRÁFICO 09: Instrumento de coleta: Etnografia x entrevista..... | 81 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 01: Acomodação com relação à idade..... | 34 |
| TABELA 02: Acomodação com relação à naturalidade dos pais..... | 35 |
| TABELA 03: Anos de escolarização..... | 72 |
| TABELA 04: Contato com falantes paraibanos..... | 73 |
| TABELA 05: Contato diuturno com falantes paraibanos..... | 74 |
| TABELA 06: Variável sexo <i>versus</i> não palatalização do /s/ antes de /t/ e /d/..... | 75 |
| TABELA 07: Idade x não palatalização..... | 76 |
| TABELA 08: Contexto fonológico anterior..... | 77 |

LISTA DE SIGLAS

VALPB- Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba

VARSUL- Projeto de Variação linguística na Região Sul

PB-Português do Brasil

TA-Teoria da Acomodação

SAT-*Speech Accommodation Theory*

CAT-*Communication Accommodation Theory*

CLG-*Curso de Linguística Geral*

// -Representação fonológica

[] -Representação fonética

/s/ -Fricativa alveolar surda

[ʃ] -Fricativa palatal surda

/z/ -Fricativa alveolar sonora

[ʒ] -Fricativa palatal sonora

| | |
|---|-----|
| SUMÁRIO | I |
| LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS | II |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS | III |
| RESUMO | IV |
| ABSTRACT | V |
| INTRODUÇÃO | VI |
| | |
| CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO | 23 |
| 1.1 ESTRUTURA SILÁBICA DO PB..... | 23 |
| 1.2 O COMPORTAMENTO DA FRICATIVA /S/ PÓS-VOCÁLICA EM ALGUMAS CAPITAIS BRASILEIRAS..... | 26 |
| 1.3 RESULTADOS DA PESQUISA DE CHACON (2012)..... | 32 |
| 1.3.1 Variável idade na pesquisa de Chacon (2012)..... | 34 |
| 1.3.2 Variável naturalidade dos pais..... | 35 |
| 1.3.3 Estilo..... | 36 |
| 2.CAPÍTULO II: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 38 |
| 2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA..... | 38 |
| 2.2 TEORIA DA ACOMODAÇÃO..... | 44 |
| 2.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS..... | 47 |
| 3.CAPÍTULO III: METODOLOGIA | 54 |
| 3.1 PERFIL DOS PARAIBANOS EM CONTATO DIALETAL EM SÃO PAULO..... | 54 |
| 3.2 METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 59 |
| 3.3 DA ENTREVISTA E ETNOGRAFIA..... | 60 |
| 3.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS | 61 |
| 3.5 VARIÁVEIS SOCIAIS..... | 62 |
| 3.5.1 Tempo de residência em São Paulo..... | 63 |
| 3.5.2 Contato diuturno com falantes paulistas..... | 64 |
| 3.5.3 Contato com falantes paraibanos..... | 64 |
| 3.5.4 Idade..... | 64 |
| 3.5.5 Sexo..... | 65 |

| | |
|--|------------|
| 3.5.6 Anos de escolarização..... | 66 |
| 3.6 VARIÁVEL ATITUDINAL.. | 67 |
| 3.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 67 |
| 3.7.1 Formação do <i>corpus</i> | 67 |
| 3.8 MÉTODO DE COLETA DE DADOS..... | 68 |
| 4. CAPÍTULO IV: RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 70 |
| 4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA..... | 70 |
| 4.1.1 Anos de escolarização..... | 72 |
| 4.1.2 Variável contato com falantes paraibanos..... | 73 |
| 4.1.3 Contato diuturno com falantes paulistas..... | 74 |
| 4.1.4 Sexo..... | 75 |
| 4.1.5 Idade..... | 76 |
| 4.1.6 Contexto fonológico anterior..... | 76 |
| 4.2 VARIÁVEIS NÃO DETECTADAS PELO PROGRAMA ESTATÍSTICO..... | 78 |
| 4.2.1 Tempo de exposição em São Paulo..... | 78 |
| 4.2.2 Tonicidade..... | 79 |
| 4.2.3 Tamanho da palavra..... | 79 |
| 4.2.4 Resultados etnografia <i>versus</i> entrevista..... | 80 |
| 4.3 RESULTADOS E ANÁLISE QUALITATIVA..... | 82 |
| 4.4 ANÁLISE QUALITATIVA DA FALA DOS COLABORADORES PARAIBANOS..... | 84 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 102 |
| REFERÊNCIAS..... | 106 |
| APÊNDICES..... | 111 |

INTRODUÇÃO

Diante do aumento da migração nordestina para o Sudeste do país, sobretudo, para capital paulista, e das evidentes diferenças dialetais que marcam categoricamente o falar do migrante paraibano em relação ao dialeto falado na capital paulista, é que surgiu o interesse de analisar como as atitudes linguísticas podem contribuir para o processo de convergência linguística do falar paraibano em São Paulo.

Ainda no que concerne esse movimento migratório, Albuquerque (2009, p.71), discorre sobre o olhar que se tem sobre o Nordeste em seu livro *A Invenção do Nordeste* como um “filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre Norte e Sul”. Assim, é de se considerar que a história do Nordeste é fortemente marcada pela expulsão de seu povo, pela sua desculturização e desterritorialização.

Levando-se em conta que o processo migratório de paraibanos em São Paulo também é marcado linguisticamente devido às diferenças dialetais, observamos que, por questões sócio-históricas, culturais e até midiáticas, o falar paraibano apresenta-se como um dialeto de menor prestígio social em detrimento às variedades padrões do português brasileiro.

Assim, este trabalho se propõe a investigar o processo de acomodação linguística entre variedades do português brasileiro de falantes paraibanos residentes em São Paulo. Examinaremos como os falantes, em contato com outra variedade linguística, assimilam novos traços fonético-fonológicos, lexicais e discursivos, bem como, levando em consideração o estudo da acomodação linguística, se há fatores extralinguísticos e linguísticos que corroborem ao processo de convergência linguística, pois qualquer variação linguística é inevitavelmente subordinada a condições sociais, culturais, políticas e econômicas. Desta maneira, pretendemos, neste estudo, compreender como as atitudes linguísticas podem estimular o processo de acomodação entre dialetos.

Durante a pesquisa, alguns fenômenos fonológicos nos permitiram verificar os efeitos da acomodação: a (não) palatalização da coronal /s/ anterior às oclusivas dentais surdas e sonoras /t/ e /d/ produzidas por paraibanos. Também foram analisadas as variáveis estilísticas, sociais e atitudinais dos falantes para compreender a incidência do fenômeno estudado.

No que concerne ao comportamento da fricativa coronal /s/ na Paraíba, há os trabalhos realizados por Hora (2003) e Ribeiro (2006). Hora (2003) argumenta que, só na capital paraibana, a fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica possui as

seguintes realizações: alveolar [s/z], como em e[s]cama e de[z]de; glotal [h] como em me[h]mo, palatalizada [ʃ,ʒ] presentes em li[ʃ]ta e em de[ʒ]de. Os pesquisadores notaram que é mais recorrente a presença do segmento em realização alveolar. No entanto, ainda segundo os estudos de Hora (2003), a ocorrência da palatalização ainda corresponde a um percentual de 28% no dialeto paraibano. Vale ressaltar que, ainda segundo Hora (2000) e Cardoso (2010) a palatalização do segmento /s/ é condicionada pelas oclusivas /t/ e /d/.

Essas pesquisas nos fizeram pensar sobre o fenômeno de acomodação dialetal. Percebemos, então, que outros pesquisadores, como Lima e Lucena (2013), revelaram em seus estudos que São Paulo e Porto Alegre apresentam uma distribuição quase que idêntica da vibrante alveolar. Esse fenômeno nos inclinou a observar o processo de acomodação de falantes paraibanos expostos a um novo dialeto. Também levamos em consideração as atitudes (sendo elas negativas, positivas ou de neutralidade) desses falantes face ao novo dialeto.

O presente trabalho se encaixa na linha de pesquisa da Sociolinguística Variacionista, especificamente em estudos de contato dialetal, cujo objetivo é compreender a acomodação linguística de falantes paraibanos residentes em São Paulo há pelo menos 2 (dois) anos. A escolha do objeto se deve ao fato de a variável /s/ ser marcada categoricamente pela não palatalização no dialeto em contato. Acreditamos também que o prestígio encoberto da variável paulistana pode gerar um reforço favorável à acomodação. Observaremos à luz da Teoria da Acomodação da Comunicação [CAT] (GILES et al., 1987) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística LABOV, (1966; 1972; 1983); LABOV et al. 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), da Teoria da Acomodação (GILES et al., 1973; GILES, 1977; GILES et al., 2010 [1991]), considerações sobre as atitudes linguísticas (LAMBERT, 1967; GILES et al., 2010 [1991]) e COUPLAND (2007).

Embora os estudos sobre acomodação dialetal sejam relativamente recentes no Brasil, há alguns estudos já realizados, tais como a dissertação de mestrado de Chacon (2012), na qual a autora buscou compreender o fenômeno da acomodação dialetal por paulistas residindo em João Pessoa. Nesse caso, temos um fenômeno em que falantes de uma variante de maior prestígio estavam expostos a uma variante de menor prestígio.

Desta maneira, compreendemos que esses estudos já realizados nos fazem pensar sobre a maneira como nos organizamos no mundo da língua(gem), sobretudo, no

universo da Sociolinguística, na qual o sujeito está a todo tempo ressignificando sua maneira de falar, portanto, sua identidade.

Os estudos de atitude linguística nos trabalhos de Coupland (2007), Fernández (1998), Giles et al. (2010; 1991) e Lambert (1967), mostram que o falante cria determinadas expectativas quanto ao seu interlocutor, passando de um estágio *psicossocial* ao de inferir quer seja positiva, negativa ou neutralmente, os comportamentos linguísticos de *outrem*.

Diante do exposto, buscamos compreender como as pessoas da Paraíba passaram a enxergar seu próprio dialeto e o dialeto de contato. Através de um instrumento de coleta baseado no método direto¹, analisamos as realizações fonéticas dos nossos colaboradores em situação de entrevista e de interação com outros sujeitos em situações ainda menos monitoradas, o que chamaremos mais adiante de observação etnográfica. Assim, temos uma distinção entre os dialetos de contato:

- I) Li[s]ta, ca[s]ta, linguí[s]tica (dialeto paulista)
- II) Li[ʃ]ta, ca[ʃ]ta, lingui[ʃ]tica (dialeto pessoense)

Para a realização desta pesquisa, lançamos hipóteses a partir das contribuições teóricas de Fernández (1998) de que as atitudes linguísticas (positivas, negativas ou de neutralidade) quanto ao dialeto de contato (falar paulista) podem justificar a acomodação dialetal do segmento /s/ em posição de coda medial anterior às oclusivas surdas e sonoras /t/ e /d/. Também esperamos que informantes com maior tempo de exposição ao dialeto alvo possam apresentar maior expectativa à acomodação da variável em estudo, assim como informantes com baixo nível de escolarização possam apresentar uma menor acomodação (LABOV, 1972). No que concerne às variáveis linguísticas independentes, acreditamos que o tamanho da palavra, tonicidade e o contexto fonológico podem acelerar o fenômeno de acomodação linguística.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como as atitudes linguísticas podem contribuir para o processo de acomodação linguística de falantes paraibanos morando em São Paulo. Os nossos objetivos específicos são: a) Examinar como os tipos de atitudes podem favorecer ao processo de convergência ou divergência linguística; b) Verificar como os falantes, em contato com outra variedade linguística, assimilam

¹ Nos estudos de Giles et al. (2010), o método direto se refere à técnica em que os respondentes de uma pesquisa sociolinguística estariam inconscientes quanto ao propósito da coleta de dados. Nessa abordagem, uma técnica famosa é a técnica dos pares falsos (*Matched-guise technique*).

traços fonético-fonológicos, lexicais e discursivos no processo de acomodação da comunicação; c) Avaliar em que medida o interlocutor pode ser o principal alvo para que a acomodação ocorra.

A construção de nossos objetivos vai ao encontro com a formação de algumas questões norteadoras deste estudo, as quais foram:

❖ **Qual o papel das atitudes para os estudos de acomodação dialetal?**

Consoante as contribuições teóricas de Fernández (1998, p.184), “as atitudes são formadas por comportamento, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço”, acreditamos que as atitudes são aspectos *psicossociais* da intersubjetividade coletiva e que são motivadas por expectativas que nós sujeitos temos em relação ao nosso interlocutor. Diante disso, acreditamos que as atitudes positivas podem favorecer a acomodação do falar paraibano ao dialeto de contato (paulista). Por outro lado, as atitudes negativas podem desfavorecer o fenômeno em estudo, visto que a rejeição ao dialeto em contato pode retardar a convergência linguística. Faz-se também necessário ressaltar que as atitudes não são, *per se*, comportamentos, mas expectativas que podem se materializar em comportamento linguístico.

❖ **Quais fatores sociais estarão intimamente relacionados ao fenômeno de acomodação?**

Partimos da hipótese de que os fatores sociais estariam numa escala de influência quanto à acomodação. O fator *anos de escolarização* nos fez pensar que é na instituição escola que os sujeitos aprendem a usar, de forma mais consciente, o vernáculo, mesmo que muitas vezes de maneira não plural. Ainda no que se refere ao fator *escolarização*, Lucena (2004) observou o uso da preposição *para* no dialeto pessoense e observou-se que informantes mais escolarizados estavam mais conscientes quanto às regras daquela comunidade. O fator *contato diuturno* com falantes paulistas nos fez conjecturar que haveria um efetivo resultado sobre a acomodação linguística, pois, como bem afirmava Trudgill (1972, *apud* WARDHAUGH, 2010), é nas diferentes circunstâncias sociais e pelo lugar ocupado pelo sujeito que muito pode ser dito sobre a forma como eles falam. Ou seja, acreditamos que o intenso contato com falantes do dialeto paulista promoveria a acomodação. Outro fator relevante para nossa pesquisa é a *idade*, pois como afirmava Labov (1966), os indivíduos mais jovens estariam submetidos a uma maior pressão social e linguística, tanto no que diz respeito à

necessidade em conquistar espaço numa comunidade fala, como por reinventar sua identidade a fim de compartilhar laços com outros falantes da comunidade em contato.

❖ **De que maneira o fator estilístico está relacionado com o fenômeno de acomodação?**

Partimos da hipótese de que as interações interpessoais são muito mais relevantes para os estudos de acomodação, especificamente do falar paraibano em São Paulo, do que o estilo de coleta de dados realizado na pesquisa variacionista. Portanto, concordamos com as perspectivas de Fernández (1998, p.95), quando afirma que “as variedades estilísticas são apenas uma projeção das variedades sociolinguísticas”. Coadunamo-nos com a Teoria da Acomodação da Comunicação [CAT] de que os fatores sociais, linguísticos aliados às atitudes recaem sobre o interlocutor, ou seja, os estudos de acomodação não podem ficar exclusivamente restritos aos estilos de coleta que levavam em consideração a maior ou menor monitoração à fala. Desta maneira, entendemos que, quanto mais espontânea for a coleta dos dados, em situação de interação verbal, mais fidedignos os resultados serão.

A relevância deste estudo é que, à medida que contribuiremos teórica e metodologicamente para os estudos de dialetologia do PB, também refletiremos sobre as percepções atitudinais que os nossos respondentes paraibanos têm quanto à sua forma de falar estando em contato dialetal com o falar paulista. Percebemos que esta pesquisa contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos linguísticos em relação ao povo paraibano, atentando ao fato de que não há formas mais ou menos corretas de se falar o PB, mas há distintas maneiras de se expressar dizendo a mesma coisa.

No capítulo I, será discutido o objeto de estudo desta pesquisa com base em estudos realizados na área de contato dialetal e da Sociolinguística Variacionista, contando especialmente com os trabalhos de Callou e Moraes (2002), Cagliari (2002), Chacon (2012), Hora (2003), Marques (2006), Pedrosa (2009), dentre outros estudos. Também discutiremos aspectos fonético-fonológicos quanto à estrutura silábica do PB à luz das contribuições de Câmara Jr (2006), que argumentou sobre o comportamento da fricativa /s/ na Paraíba e em São Paulo.

O capítulo II será dedicado aos pressupostos teóricos que alicerçam este estudo, tendo com pilares complementares a Teoria da Variação Linguística Linguística (LABOV, 1966; 1972; 1983; LABOV et al., 2006 [1968]). Também serão discutidos os fundamentos clássicos e pós-clássicos dos estudos em contato dialetal à luz da Teoria da

Acomodação da Comunicação, cujos expoentes são Giles et al. (1973), Giles (1977), Giles et al. (1991, 2010), e também discutiremos acerca das atitudes linguísticas a partir de contribuições dos autores Lambert (1967); Giles et al. (2010; 1991) e Coupland (2007).

Ao longo do capítulo III, discutiremos os procedimentos que foram utilizados para a realização deste estudo. Inicialmente, iremos descrever o perfil dos falantes colaboradores desta pesquisa, para que, *a posteriori*, possamos explicar os aspectos metodológicos que nortearam esta pesquisa, tais como: a tipologia da pesquisa e sua natureza, a definição das variáveis linguísticas e extralinguísticas, a coleta de dados a partir de entrevistas e de etnografia. Dissertaremos também sobre as escolhas teórico-metodológicas anteriores à coleta e pós-coleta de dados.

Por fim, o capítulo IV será destinado às discussões dos dados e resultados obtidos. Nesse capítulo, iremos problematizar as análises qualitativa e quantitativa, dedicando atenção às variáveis importantes para este estudo e o porquê que elas foram relevantes para este trabalho. Ainda nesse capítulo, observaremos as atitudes linguísticas a partir dos discursos dos falantes paraibanos residentes em São Paulo e, com base nesses discursos, tentaremos compreender não só a trajetória desses falantes, mas se há uma relação entre as atitudes e o comportamento linguístico em situação de convergência linguística.

CAPÍTULO I – OBJETO DE ESTUDO

Nesta seção, pretendemos revisitar alguns trabalhos importantes da Sociolinguística, sobretudo, aqueles que abordam a realização da fricativa /s/ antes de oclusivas dentais surdas e sonoras /t/ e /d/, bem como levando em consideração o papel atitudinal da realização desses sons presentes em contato dialetal por paraibanos morando em São Paulo.

1.1 ESTRUTURA SILÁBICA DO PB

É de fundamental relevância estudar a estruturação silábica do português brasileiro (PB), para que possamos compreender quais regras influenciam na realização das fricativas alveolares antes das oclusivas dentais /t/ e /d/. Essa necessidade decorre tendo em vista que a variação linguística se dá de maneira regular e sistemática.

Dentre os modelos não lineares falaremos brevemente sobre a Teoria Métrica, que visa entender e descrever os elementos constituintes da sílaba. A Teoria Autossegmental, que também faz parte do bojo teórico dos modelos não lineares, alega a existência de camadas independentes dos elementos silábicos ocorrendo em mesmo nível. Por outro lado, o objetivo da Teoria Métrica é propor uma observação do relacionamento dos elementos finais da sílaba, alegando uma maior proximidade entre eles.

Essa proposição foi corroborada pela representação fonológica proposta por Selkirk (1982), em que discutia a divisão silábica em *ataque* e *rima*; sendo a *rima*, o lugar onde se encontra o núcleo silábico e o fechamento da sílaba – a *coda*.

Quanto à formação silábica, Silva (*apud* GOMES, 2014, p.23), discute que a sílaba (representada pela letra grega σ) é internamente dividida em: *ataque*, ora também chamado de *onset*, e representa “o elemento silábico que precede o núcleo formado por uma ou mais consoantes”; já a *rima* é descrita como “elemento silábico formado por uma posição nuclear e uma posição pós-vocálica, ou seja, a *coda*”. Por fim, segundo Silva (2011, p.15), a *coda* é um “termo da Fonologia Autossegmental para determinar a posição pós-vocálica, isto é, sendo ocupada por um som consonantal”.

Um exemplo dessa formação silábica é o verbo “dar” no infinitivo, que é formado por uma única sílaba. Assim, a consoante “d” que inicia a sílaba constitui-se como o *ataque* silábico. A vogal “a” na sílaba representa o *núcleo* silábico e o “r” a *coda* da sílaba.

Observa-se a figura 1 quanto à formação interna de uma sílaba.

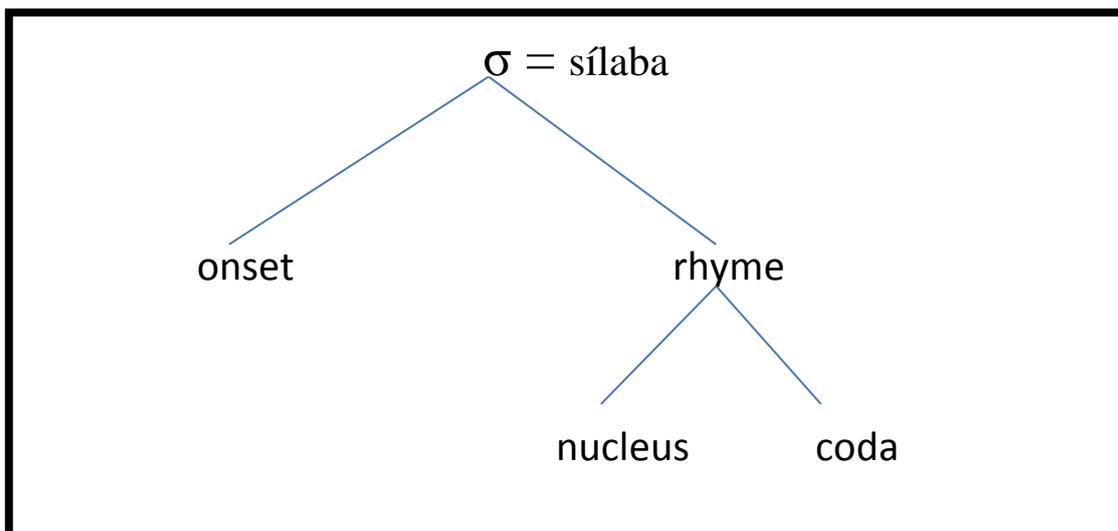


Figura 1: Representação fonológica da sílaba

Fonte: Selkirk (1982)

Consoante as contribuições de Câmara Jr. (1973; 2006), a estrutura silábica do PB é caracterizado por um núcleo formado por vogais e pela presença ou não de margens (consoantes). Assim, compreendemos que, segundo o autor, o padrão silábico do PB é determinado pela existência de uma vogal e geralmente é formado pelo padrão silábico CV (consoante e vogal). Ainda segundo o autor, a sílaba é formada por um aclave, um ápice e um declive decorrentes da força expiratória e também dos articuladores do trato vocal.

Segundo Câmara Jr.(1973), a estrutura silábica do PB tem quatro tipos: V = quando a sílaba é formada apenas por um som vocálico; CV = quando a sílaba apresenta formato mais complexo crescente, formada por som consonantal e vocálico; VC = quando a sílaba for fechada ou travada decrescente, sendo formada por sons vocálicos e consonantais; e por fim temos o padrão CVC = que ocorre quando a sílaba está completa em sua dimensão consonantal, vocálica e consonantal.

Collischonn (2010) e Silva (2011) já argumentavam sobre a capacidade constitutiva do padrão silábico do PB, e revelaram que o padrão máximo admitido é CCVVCC, onde C refere-se à consoante e V à vogal.

As contribuições da Fonética Articulatória e Acústica também foram aspectos relevantes para Chacon (2012), em sua dissertação de mestrado intitulada por: *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Na pesquisa, a autora estuda as motivações atitudinais que culminam na acomodação dialetal por paulistanos residentes

em João Pessoa. Uma distinção categórica entre os falares nesse estudo é a produção da fricativa /s/ antecedendo as oclusivas /t/ e /d/, e que no falar paulista, diferentemente do paraibano, não acontece a palatalização do fone. Ainda no que concerne à pesquisa de Chacon (2012), a autora verificou que os fonemas /s/ e /z/ e suas representações [ʃ] e [ʒ] em posição pós-vocálica são mais recorrentes em padrões simples (CVC'CV) do que em casos mais ou menos complexos como em (VCC'CV... e CVCC'CC...).

Dada a distinção dialetal já discutida por Câmara Jr.(2006), Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) quanto à palatalização do segmento /s/ antes das oclusivas dentais /t/ e /d/ como fenômeno categórico do falar paraibano e a não ocorrência desse fenômeno da comunidade de fala paulista, observam-se tais distinções:

Quadro 1: Fricativas [s, z] e [ʃ, ʒ] diante das oclusivas /t/ e /d/.

| Dialeto Pessoense | Dialeto Paulista | Estrutura Silábica |
|--------------------------|-------------------------|---------------------------|
| Te[ʃ]te | Te[s]te | CVC'CV |
| De[ʒ]de | De[s]de | CVC'CV |
| Go[ʃ]to | Go[s]to | CVC'CV |
| Pauli[ʃ]ta | Pauli[s]ta | CVV'CVC'CV |
| Arra[ʃ]tado | Arra[s]tado | VC'CVC'CV'CV |
| Con[ʃ]trução | Con[s]trução | CVCC'CCV'CVV |
| Norde[ʃ]tino | Norde[s]tino | CVC'CVC'CV'CV |
| Caracteri[ʃ]tica | Caracterí[s]tica | CV'CVC'CV'CVC'CV'CV |

Ao caracterizar o falar paulista, Alves (1979) afirma que a comunidade de fala paulista como um todo se identifica categoricamente pela produção do fonema /s/ de maneira línguo-alveolar, ou seja, sibilante (surdo).

Para Hooper (1976), o padrão silábico CV constitui uma sílaba ótima (*optimal syllabus*), ou seja, não há língua natural que não permita esse padrão silábico, e, segundo a autora, há também línguas que só permitem essa formação.

Segundo a autora, essa tendência se caracteriza pelo fato de a sílaba obedecer a forças internas do inventário linguístico. As relações internas são o que estabelecem a construção da palavra; assim, há que se pensar que existam posições silábicas mais fortes e mais fracas. As posições mais fortes são preenchidas por consoantes mais fortes, e as posições mais fracas são preenchidas por consoantes mais fracas. O que Hooper (1976) argumentou é que a força consonantal determina a localização das consoantes quanto ao núcleo, distinguindo a posição que inicia e finaliza a sílaba.

À luz dos estudos não lineares, a pesquisadora Bisol (1999) examinou a estrutura silábica do PB e revelou que o núcleo vocálico é obrigatório, podendo ou não, ser seguido por uma coda. Quanto ao *onset* (ataque), por fim, Bisol (1999) afirma que não é obrigatório na construção do molde silábico.

1.2 O COMPORTAMENTO DA FRICATIVA /S/ PÓS-VOCÁLICA EM ALGUMAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Encontramos no PB uma enorme variedade de falares. Esse fato sempre motivou diversos pesquisadores a estudar os fenômenos linguísticos, sociais, culturais e históricos que deles decorrem. Não seria diferente que grupos de pesquisadores passassem a investigar o comportamento das fricativas em diversas capitais do Brasil.

Nesse sentido, podemos citar alguns autores, tais como Callou e Moraes (2002), com pesquisas realizadas em Recife, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, com dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta); Hora (2000) e Ribeiro (2006), na Paraíba, com o VALPB; Bescancini (2002), em Florianópolis; Monteiro (2009) com pesquisas no Amapá e dentre tantos outros sociolinguistas. Esses trabalhos tornam-se vitais para os estudos de contato dialetal, visto que o ponto de partida desses estudos era o de mapear os comportamentos de determinadas formas de falar no PB, bem como levando em consideração sua importância social, estigma, ou seja, pressões sociais e linguísticas que envolvem o fenômeno.

Leite e Moraes (2002), Hora (2003) e Marques (2006) utilizam o termo *palatal* para caracterizar os alofones [ʃ, ʒ]. Por outro lado, Bescancini (2002) adota o termo palato-alveolar, cuja definição está baseada em argumentos sobre o lugar de articulação

do fone. Ou seja, ainda de acordo com Brescancini (2002), os sons [ʃ, ʒ] não devem ser considerados como palatais, pois a produção desses fonemas se dá por um estreitamento entre a lâmina da língua e uma região intermediária entre a arcada alveolar e o palato duro, por isso o nome de palato-alveolar. Já de acordo com Cagliari (2002) citada por Lima (2013, p.25), “um segmento só é palatal ou parecido com som palatal devido a uma articulação secundária palatalizada”.

Embora existam discussões na literatura da Fonética Articulatória em torno do lugar de articulação dos sons, sobretudo das fricativas, coadunamo-nos com Pedrosa (2009) quanto ao termo *palatalização*, com Hora (2003), ao mencionar o fato da palatalização como tendência linguística e histórica e com Cagliari (2002) em seus estudos sobre palatografia, reforçando uma marca categórica dos falares no PB.

Nos estudos de Fonética Articulatória, Ribeiro e Silva (2006) e Cagliari (2002), já haviam entendido que os grupos de sons [s,z,ʃ,ʒ,f,v, x, ɣ, h, fi] se tornariam distintivos em determinadas comunidades de fala do PB, sendo as fricativas-alveolares os fones [s,z], as línguo-palatais os fones [ʃ,ʒ]. No entanto, conforme já discutido, nosso objetivo será coadunar esses estudos ao grupo de fonemas /s,z/ e suas representações alofônicas [ʃ] e [ʒ].

Ao mencionar o comportamento da fricativa /s/ no estado de São Paulo, Câmara Jr. (2006, p.93), afirma que:

Que na área do Rio de Janeiro a pronúncia do fonema chiante /ʃ/ coincide com a maior parte do Brasil e do português europeu. Já o fonema /s/ sibilante aparece tipicamente em São Paulo (sudeste) diante de pausa ou de consoante surda inicial [...] Diante de consoante sonora inicial, sem intervenção de pausa, aparece o fonema sonoro /z/ [...]

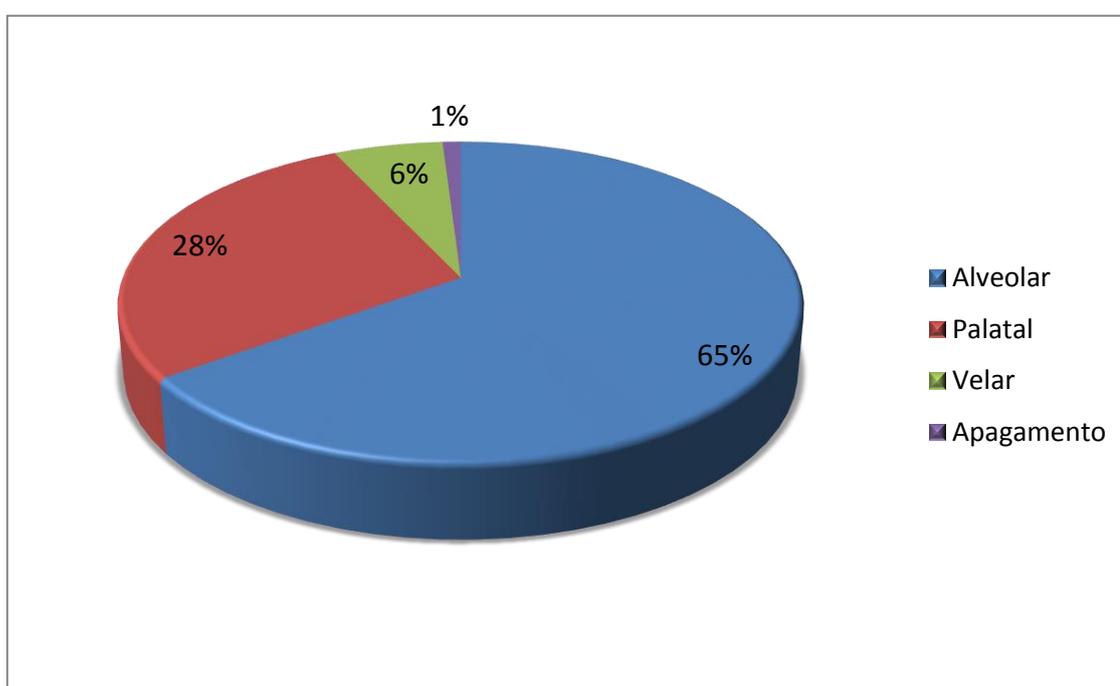
Câmara Jr. (2006) afirma que a produção da fricativa /s/ em posição de coda medial é uma marca categórica do falar paulista, visto que a produção desse fone ocorre de maneira línguo-alveolar surda e sonora (nesse caso, quando precedida pelas oclusivas /t/ e /d/). Assim, observa-se que há uma harmonização dos pares mínimos [s,z] para [sh, zh] na comunidade de fala paulista.

No que concerne ao comportamento da fricativa coronal /s/ na Paraíba, há trabalhos realizados por Hora (2003) e Ribeiro (2006). Hora (2003) argumenta que, só na capital paraibana, a fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica possui as seguintes realizações: alveolar [s/z], como em e[s]cama e em de[z]de; glotal [h] como em me[h]mo, palatalizada [ʃ,ʒ] presentes em Li[ʃ]ta e em de[ʒ]de.

Desta maneira, levando-se em consideração o comportamento da fricativa /s/ (antes dos segmentos /t/ e /d/), Hora (2003; 2010) argumenta que padrão silábico dessa de fone é: /s/ → [s,z], [ʃ,z], [h], [ø].

O trabalho de Hora (2003) é relevante, pois tem o objetivo de mapear o comportamento da coronal /s/ em todos os contextos no falar paraibano. Deste modo, é importante ressaltar, que nossa intenção neste trabalho é a de entender a palatalização desse fone em coda medial. Segundo Hora (2003), esta realização está restrita ao contexto seguinte /t,d/.

Gráfico 1: Comportamento da fricativa coronal /s/ no falar paraibano



Fonte: Hora (2003)

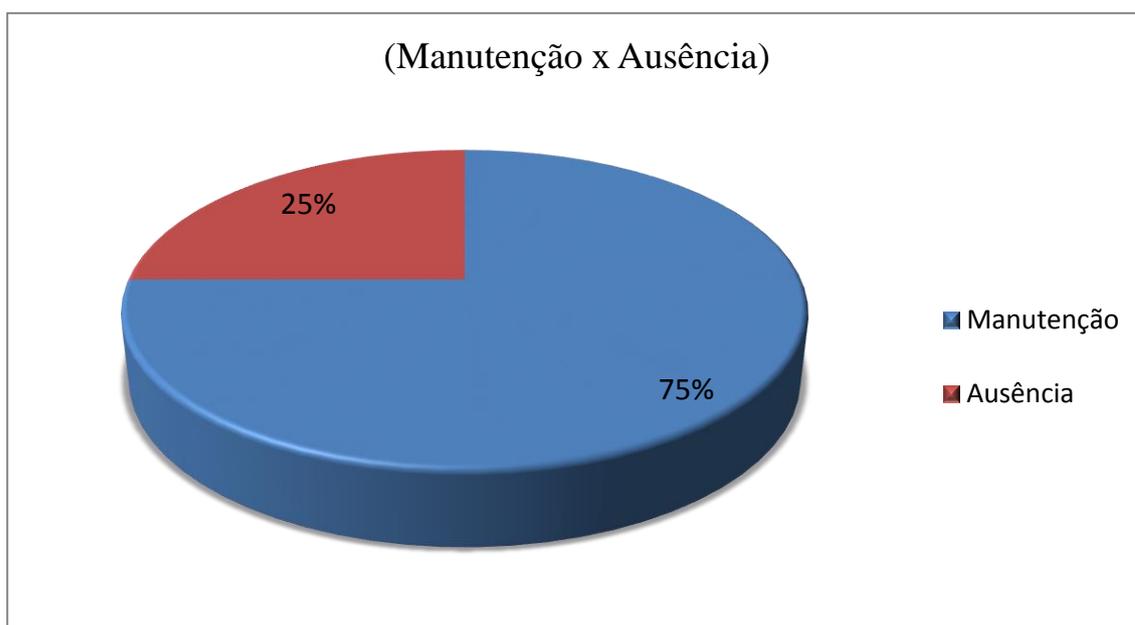
Quanto ao comportamento da fricativa /s/ em posição de coda medial e final, Hora (2003) percebeu que a realização glotal teve uma frequência em posição média e final de 6%, o que de certa maneira mostrou pouca produtividade deste comportamento na fala do paraibano. Por outro lado, a realização alveolar em posição média e final mostrou-se mais recorrente em seus estudos, cujo comportamento obteve 65% de produtividade. No que diz respeito à realização da variante palatal, Hora (2003) identificou uma relação de 28% dos casos. Neste sentido, o comportamento palatal da fricativa /s/ ocorria apenas em casos de coda medial. Dessa maneira, podemos entender

que em posição em coda medial, a realização palatal foi a segunda mais bem sucedida nos estudos realizados por Hora (2003).

Foi verificado, nos resultados da pesquisa de Hora (2003), que o comportamento palatalizado da fricativa coronal /s/ em posição de coda medial era condicionado pelo contexto fonológico seguinte, no caso, pelas oclusivas surdas e sonoras /t,d/.

Embora a presença da palatalização da fricativa /s/ seja bastante forte no falar paraibano, Ribeiro (2006) investigou o comportamento desse fonema em situação de coda final. A autora buscou compreender o binarismo (manutenção x ausência) na produção da fricativa /s/ em posição de coda final no falar paraibano. Verificou-se que foi mais recorrente a manutenção do comportamento da fricativa /s/, conforme mostram os dados do gráfico 2:

Gráfico 2: Fricativa coronal /s/ em posição de coda final no falar paraibano



Na pesquisa de Ribeiro (2006), podemos observar que o comportamento da fricativa /s/ em posição de coda final é diferente dos dados obtidos por Hora (2003) em posição medial. Os dados de Ribeiro (2006) revelam que o fenômeno da *palatalização* caiu de 28% para 5%, assim como foi identificado um aumento do apagamento deste fonema, que subiu de 1% para 24%. Quanto às realizações *alveolar* e *glotal*, não houve mudança na produtividade. Dessa maneira, podemos compreender que a presença dos

segmentos /t,d/ condicionam a realização de palatalização da fricativa /s/ em posição de coda medial.

Quanto à manutenção, podemos analisar os dados de Ribeiro (2006) como uma tendência à preservação do segmento /s/ em coda final. Para a autora, os colaboradores realizavam o apagamento do segmento /s/ em posição final de sílaba, quando a função dessa realização era a de morfema de plural.

Durante muito tempo, o estudo da palatalização do /s/ era quase que restrito ao dialeto carioca (CALLOU, LEITE & MORAES, 2002). Durante a colonização portuguesa, os autores afirmam que o falar presente na metrópole acabou modificando a maneira como se falava na colônia, ou seja, adaptando-se às culturas locais sem perder o prestígio linguístico, que até então, era atribuído à produção palatal. Brescancini (1996) acredita que a pronúncia palatalizada do /s/ está mais relacionada à evolução fonético-fonológica do português de Portugal de meados dos séculos XVII e XIX, e que a produção línguo-alveolar foi uma preservação do período de colonização.

Callou, Leite e Morais (2002, p.539), no estudo intitulado *Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Falar Português do Brasil*, atentam para a pluralidade dos comportamentos da fricativa /s/ em algumas capitais brasileiras, tendo como colaboradores da pesquisa homens e mulheres, como se observa na tabela seguinte:

Quadro 2: Comportamento da fricativa /s/ em posição medial. Pesquisa realizada em cinco capitais brasileiras (M) e final (F)

| | Palatal | | Aspiração | | Alveolar | | Apagamento | |
|-----|---------|-----|-----------|-----|----------|-----|------------|----|
| | M | F | M | F | M | F | M | F |
| RJ | 90% | 65% | 6% | 10% | 1% | 8% | 2% | 8% |
| SP | 9% | 5% | 0% | 0% | 88% | 91% | 3% | 3% |
| POA | 23% | 2% | 0% | 0% | 77% | 96% | 0% | 1% |
| RE | 84% | 54% | 5% | 7% | 10% | 34% | 2% | 5% |

| | | | | | | | | |
|----|-----|-----|----|----|-----|-----|----|----|
| SS | 56% | 31% | 4% | 9% | 39% | 51% | 1% | 9% |
|----|-----|-----|----|----|-----|-----|----|----|

Fonte: (Callou, Leite e Moraes, 2002, p. 539)

Callou, Leite e Moraes (2002) tinham por objetivo discutir o processo de enfraquecimento das consoantes no PB. Dessa maneira, foram analisadas as consoantes /l/, /r/ e /s/ pós-vocálicas nos dialetos de cinco capitais brasileiras. Neste estudo, foram recrutados universitários estratificados a partir dos seguintes fatores: *idade, sexo, e origem geográfica*. No que diz respeito à produtividade da fricativa coronal /s/ pós-vocálica, houve um total de 9.026 ocorrências, quando somados os dados de todas as cinco capitais. Neste trabalho, foram analisadas as seguintes variantes: *palatal, aspirada, alveolar e apagada*. No entanto, houve uma priorização da forma palatal em relação às demais variantes.

Em relação à capital do Rio de Janeiro, foi verificado que o comportamento do /s/ pós-vocálico ocorria com maior recorrência em posição medial e final, assim, o estudo apresentou os seguintes percentuais: palatal (90% e 75%); aspirada (6% e 10%); apagamento (2% e 8%) e alveolar (1% e 8%). Desta maneira, Callou, Leite e Moraes (2002) observaram que a realização do /s/ pós-vocálico era mais produtivo em situação palatal tanto em posição medial quanto em posição final do que as demais realizações deste fonema.

A situação da palatalização do /s/ pós-vocálico foi estudo da tese de doutorado de Pedrosa (2009). A autora afirma, à luz de Teyssier (2001), Mateus e Dandrade (1998), que no português de Portugal a realização do /s/ pós-vocálico é majoritariamente palatal. Pedrosa (2009), como já foi corroborado por Hora (2003), ressalta que a realização palatal é também definida por questões de assimilação da sonoridade do segmento fonético posterior, tanto na mesma palavra como em uma palavra que se segue, como por exemplo: “feli[ʒ] demai[ʃ]” e “mai[ʃ] pão” (PEDROSA, 2009, p.13). A primeira palatalização na primeira enunciação é condicionada pelo segmento posterior, neste caso, pelo fonema /d/. Na segunda enunciação, temos a palatalização condicionada pela plosiva labial /p/ (caso que não acontece na realidade dialetal paraibana).

1.3 RESULTADOS DA PESQUISA DE CHACON (2012)

A investigação realizada por Chacon (2012) intitulada por: *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa* é relevante para a construção do presente estudo, primeiro porque sua pesquisa tinha por objetivo analisar quais fatores influenciavam no processo de acomodação dialetal por falantes paulistas residentes em João Pessoa; segundo porque este trabalho traz uma nova perspectiva, no que diz respeito ao prestígio social e linguístico que esses falantes têm sobre seu dialeto. Ou seja, neste caso, o percurso migratório é realizado por falantes que detêm um dialeto de maior prestígio (paulistas) e o local de destino, no caso a Paraíba, na qual apresenta um sotaque estigmatizado e de menor prestígio linguístico.

Chacon (2012) recrutou 10 colaboradores paulistas para a formação da amostragem de sua dissertação. A autora estudou as motivações atitudinais que culminavam na acomodação dialetal por paulistas residentes em João Pessoa. Uma distinção categórica entre os falares neste estudo é a produção da fricativa coronal /s/ antecedendo as oclusivas /t/ e /d/, que no falar paulista, diferentemente do paraibano, não acontece a palatalização deste segmento.

Uma das condições necessárias para a produção deste trabalho era o tempo mínimo de residência na cidade de João Pessoa, de 1 ano e serem paulistas e pertencerem a grupos de fatores estabelecidos previamente à pesquisa. Chacon (2012) estabeleceu como variável dependente a produção do fonema /s/, podendo ser realizado a partir dos alofones [s, z, ʒ, ʃ]. Neste estudo, Chacon (2012) observou que, ou os falantes acomodariam ao falar paraibano, ou não palatalizariam e permaneceriam com traços fonológicos do falar de origem.

Sendo uma pesquisa de caráter quantitativo-qualitativo, a autora obteve os dados finais de seu estudo utilizando o programa estatístico GoldVarbX (TAGLIAMONTE, 2006). Deste modo, foram utilizadas variáveis estilísticas de pesquisa, tais como: entrevista atitudinal em sociolinguística numa abordagem direta; leitura de dois textos contendo frases distratoras, os quais continham os fenômenos a serem observados.

Labov (1972) e Fernández (1998) expõem que a variável estilística pressupõe diferentes níveis de gradação entre a formalidade e informalidade na fala, podendo, dessa maneira, uma *entrevista* ser mais informal e obedecer às condições de produção de fala de uma determinada língua, e o *estilo de leitura de textos*, seria uma maneira de coletar os dados sem que houvesse espontaneidade na fala. Desta maneira, por adotar

um modelo de pesquisa laboviano, Chacon (2012) observou que os estilos não foram tão determinantes para a avaliação da acomodação dialetal.

Na primeira rodada, o programa estatístico *GoldVarbX* detectou um total de 730 ocorrências, das quais 254 foram a quantidade de aplicações do fenômeno, correspondendo a um percentual de 34,8% de palatalização das fricativas, e 476 ocorrências dão conta de 65,2% da não palatalização do fenômeno, ou seja, da não acomodação ao falar paraibano. Os dados, numa primeira rodada, mostraram um desfavorecimento ao fenômeno estudado, o que, segundo Chacon (2012), já era de se esperar, posto que uma variável de maior prestígio linguístico dificilmente acomodaria a uma de menor *status* linguístico, como é o caso do falar paraibano.

Gráfico 3: Acomodação geral da palatalização



Fonte: Chacon (2012)

Após as duas rodadas, verificou-se que a variável *tempo de exposição* apresentava-se como a mais relevante, favorecendo o fenômeno da palatalização do /s/ em posição de coda medial. Dessa maneira, os informantes que apresentavam uma exposição ao dialeto há mais de 8 anos obtiveram um peso relativo de 0,70, um dado que favorece e corrobora a concepção de que o tempo de exposição influencia o fenômeno de convergência linguística. Por outro lado, informantes que tinham entre 3 e 5 anos de residência na Paraíba apresentaram um peso relativo de 0,31 e informantes de 1 a 3 anos de tempo de exposição ao novo dialeto obtiveram um peso relativo de 0,08.

Embora Chacon (2012) acreditasse que os dois primeiros informantes poderiam estar enviesando a pesquisa, a segunda rodada mostra um resultado muito semelhante à primeira. Assim, foram observados pesos relativos de 0,68 aos que tinham mais tempo de exposição; 0,37 aos que tinham um tempo médio de exposição e de 0,16 aos que apresentavam menos tempo de estadia na Paraíba. A segunda rodada só confirmou a importância desta variável em relação ao estudo de acomodação dialetal nesta pesquisa.

1.3.1 Variável idade na pesquisa de Chacon (2012)

No que diz respeito à variável *idade*, observa-se, na tabela 1, que os colaboradores que estavam no grupo de fator de 19 a 25 anos de idade apresentaram uma aplicação favorável ao fenômeno da palatalização com 44,6%. Também foi detectado um peso relativo de 0,67 para estes colaboradores. A literatura nos estudos clássicos da Sociolinguística Variacionista já sinalizava a relevância da idade nos efeitos de acomodação em dialetos em contato. Tarallo (1990; 2005) argumentava que a faixa etária poderia indicar *estabilidade*, caso esse fator não estivesse relacionado aos resultados da pesquisa, como também poderia indicar *mudança em progresso*, quando a variável estivesse relacionada aos sujeitos mais novos de um estudo.

Tabela 1: Acomodação relacionada à Idade

| PALATALIZAÇÃO X IDADE | | | |
|-------------------------|------------|------|---------------|
| Fatores | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| De 19 a 25 anos | 144/323 | 44,6 | 0,67 |
| Acima de 30 anos | 110/407 | 27,0 | 0,36 |

Input: .28

Significância: .015

Fonte: Chacon (2012)

Segundo Giles et al. (1990), a idade funciona como um aspecto convergente de adaptação ao dialeto em contato. Embora existam casos de falantes adultos em mudança dialetal, estudos em contato dialetal com grupos de fatores de idade controlados, geralmente revelam que os colaboradores mais novos são os que mais sofrem pressões sociais e linguísticas para mudarem o falar.

No tocante à idade, podemos perceber que, nos estudos variacionistas, esse fator está quase sempre relacionado à necessidade que os falantes têm de se integrar a determinados grupos sociais; também está relacionado à reafirmação identitária do

dialeto de origem ou até mesmo à mudança identitária, quando neste último caso, os falantes precisam optar por outros registros linguísticos para que sejam aceitos na comunidade em contato.

1.3.2 Variável naturalidade dos pais na pesquisa de Chacon (2012)

Na pesquisa de Chacon (2012), a variável naturalidade dos pais foi controlada com base na premissa de que falantes cujos pais têm naturalidade apenas nordestina apresentariam atitudes positivas quanto ao dialeto paraibano. No caso de falantes com pais de naturalidade apenas do Sudeste, Chacon (2012) avaliou que esses respondentes poderiam apresentar atitudes neutras ou negativas quanto ao falar paraibano. Por fim, a autora verificou que colaboradores, cujos pais fossem tanto do Nordeste quanto do Sudeste, apresentariam um equilíbrio quanto à manutenção e à mudança do dialeto de origem.

Contudo, foi também discutido no trabalho de Chacon (2012), que o preconceito linguístico e histórico que existe quanto à maneira como se fala nos estados do Nordeste, poderia influenciar na maneira como esses falantes iriam encarar a realidade dialetal paraibana. Acreditamos que, neste estudo, as variáveis sociais desempenharam um papel relevante na explicação dos dados da acomodação da fricativa /s/ por falantes paulistas residentes em João Pessoa.

Tabela 2: Acomodação relacionada à naturalidade dos pais

| PALATALIZAÇÃO X NATURALIDADE DOS PAIS | | | |
|--|-------------------|----------|----------------------|
| Fatores | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| Nordeste / Sudeste | 108/238 | 45,4 | 0,62 |
| Sudeste | 10/81 | 12,3 | 0,31 |
| Nordeste | 132/406 | 32,5 | 0,47 |

Input: .28

Significância: .011

Fonte: Chacon (2012)

Conforme a *tabela 2*, podemos inferir que a variável naturalidade dos pais foi a terceira mais importante no que diz respeito ao favorecimento da acomodação dialetal das fricativas alveolares em coda silábica antes de oclusivas dentais surdas e sonoras /t/ e /d/.

Consoante as asserções de Chacon (2012), os resultados mostraram que os colaboradores que tinham pais com naturalidade do Nordeste e do Sudeste apresentaram maior expectativa quanto à acomodação do fenômeno em estudo. Os colaboradores que tinham pais com naturalidade do Sudeste apresentaram o menor peso relativo de 0,31, o que desfavoreceu o fenômeno. Foi observado neste estudo que muitos colaboradores não tinham relações identitárias com o Nordeste, por isso, foram recorrentes no discurso de boa parte dos colaboradores atitudes negativas quanto à maneira que se fala na Paraíba.

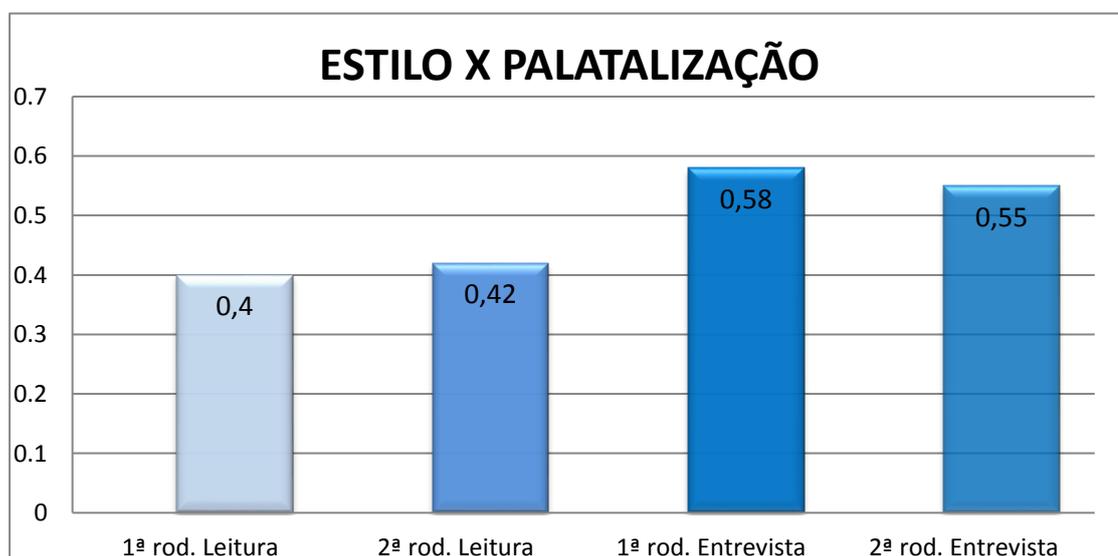
No estudo de Chacon (2012) é notório que variáveis sociais influenciaram o processo de acomodação dialetal, passando a comprometer a marca linguística identitária de origem dos falantes migrantes.

1.3.3 Estilo na pesquisa de Chacon (2012)

Os estilos de coleta utilizados por Chacon (2012) foram: *leituras de textos* e *entrevista*. Chacon (2012), em seus resultados, observou um peso relativo de 0,42 no estilo *leitura de texto* e 0,55 no estilo *entrevista*. Embora os estilos de coleta não sejam determinantes para o fenômeno de acomodação linguística, Labov (1972) argumenta que os estilos podem estabelecer relações de maior e menor atenção à fala, e, no caso do estilo entrevista, os falantes poderiam estar mais próximo do que o autor chama por vernáculo (um estilo de fala causal que propõe a elicitación de narrativas de experiência pessoal, nas quais os informantes estariam bastante envolvidos emocionalmente).

Vejamos os resultados obtidos por Chacon (2012):

Gráfico 4: Acomodação da palatalização relacionada ao estilo em ambas as rodadas



Fonte: Chacon (2012)

Embora os resultados da comparação dos estilos de coleta de dados presentes no *gráfico 4* tenham sido esclarecedores, não houve diferença entre os pesos relativos, o que corrobora as premissas já levantadas por Giles (1973) nos primórdios dos estudos da Teoria da Acomodação da Comunicação, onde o autor sugere uma Teoria da Acomodação da Fala, a partir do qual o autor critica o paradigma laboviano no que diz respeito o papel da formalidade-informalidade da fala.

Giles (1973), por sua vez, compreende o fenômeno da acomodação dialetal como um comportamento linguístico e social, segundo o qual os usuários da língua estão muito mais preocupados em satisfazer as expectativas discursivas de seus interlocutores, do que com a forma como eles se organizam na interação verbal. Em outras palavras, a teoria sugere que a “formalidade-informalidade do texto” poderia ser substituída por uma interpretação interpessoal marcada por grupos de comunidades de fala distintas.

Grosso modo, a pesquisa de Chacon (2012) é relevante à medida que avalia o processo de acomodação de falantes paulistas residentes em João Pessoa. Este estudo é relevante, pois visa compreender como falantes de uma variante linguística de maior prestígio social podem convergir linguisticamente ao falar paraibano. Ainda no que concerne à relevância de seu trabalho, Chacon (2012) argumenta a relação verticalizada de poder através do conceito de *solidariedade orgânica*, cujo objetivo é compreender como se constroem as interações verbais a partir do compartilhamento linguístico, religioso, cultural, político em que o interlocutor da enunciação está inserido.

Por fim, o estudo de Chacon (2012) é relevante no sentido de que reafirma os conceitos de acomodação da comunicação proposta por Giles (1979), como mecanismo de integração e interação com o *Outro*²; também porque desconstrói visões estereotipadas dos falares do PB.

² *Outro*, nesta pesquisa, se refere aos estudos de alteridade da Antropologia Cultural.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, compreendemos o fenômeno da acomodação dialetal partindo dos seguintes aportes teóricos: a Teoria da Variação Linguística, proposta pelo americano William Labov (1972); a Teoria da Acomodação da Comunicação desenvolvida por Giles et al. (1973; 2010), considerações sobre atitudes linguísticas que foram desenvolvidas por Lambert (1967), Giles (1991; 2010) e Coupland (2007).

Ainda neste capítulo, discutiremos a relação entre língua e sociedade, visto que não podemos conceber a língua sem que ela esteja atrelada aos usos de determinada variedade linguística e à dinamicidade que acontece no interior das comunidades de fala. Dessa maneira, a concepção de língua que traremos aqui cobrirá a área normalmente chamada de “linguística geral”, que lida com aspectos da fonologia, fonética e tantas vezes da semântica (LABOV, 1972).

Assim, este capítulo apresenta abordagens teóricas da Sociolinguística Variacionista, cujo principal expoente é o teórico americano William Labov. Em seguida, serão discutidos alguns pontos importantes sobre o percurso da Teoria da Acomodação da Comunicação e algumas contribuições dos estudos de atitudes no que diz respeito ao fenômeno de acomodação entre dialetos.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Um dos estudos clássicos da Sociolinguística Variacionista foi desenvolvido pelo pesquisador americano William Labov, que buscou compreender o inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard*, localizada no Estado de Massachusetts nos Estados Unidos e o inglês vernacular falado na cidade de Nova Iorque.

Após o estudo seminal de Labov sobre a estratificação do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque, o campo da Sociolinguística ganhou mais notoriedade acadêmica. Assim, em 1968, Weinreich et al. começaram a fundamentar uma nova perspectiva teórica que ficou conhecida por Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Dessa maneira, o novo campo acadêmico na Linguística tinha por objetivo inicial investigar a relação entre língua e sociedade, ou seja, tratava-se de um campo cuja preocupação era entender como o uso de determinada variedade linguística se relacionava com a estrutura social da qual o falante fazia parte.

Para Trudgill (1978; 1983), a Sociolinguística se constitui como uma disciplina que estuda a língua e sua relação com a sociedade e a cultura. Essas relações, segundo o autor, podem se configurar em três direções: a influência da sociedade na língua, a variação de fenômenos socioculturais e linguísticos e a influência da língua na sociedade.

Coadunando-se com a visão teórica de Trudgill (1978; 1983), Chambers (2003, *apud* TAGLIAMONTE, 2006, p.3), o autor afirma que a Sociolinguística Variacionista é: “A correlação de variáveis linguísticas dependentes com variáveis sociais dependentes”. Nesse sentido, podemos entender que há uma correlação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas no tocante à mudança de determinado padrão linguístico que um indivíduo compartilhe com sua comunidade de fala. Ou seja, a mudança linguística é, *per se*, condicionada por pressões sociais, culturais e linguísticas.

Ainda no que concerne à variação, Naro (*apud* GOMES, 2014, p.43) afirma que “a heterogeneidade, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras” ou ainda como afirmam Weinreich, Labov & Herzog (*apud* GOMES, 2014, p.45) “A língua é como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada”.

Fernandéz (1998) já argumentava que, em pesquisas variacionistas, as variedades são vistas como um conjunto de elementos ou padrões linguísticos universais associados a contextos específicos, tais como: profissional, social, regional, cultural e político. De certa forma, há uma imbricação entre estruturas ou padrões e o uso desses padrões sendo determinados por questões extralinguísticas.

Outro objetivo essencial aos estudos variacionistas é o de introduzir o conceito de regra variável, demonstrando que há uma covariação sistemática entre as variações linguísticas e sociais. Ou seja, se tomarmos como exemplo a fala espontânea, ainda assim iremos encontrar padrões linguísticos e extralinguísticos. Para tanto, ao defendermos o conceito de regra variável, estamos dialeticamente indo contra ao conceito de regra categórica, a qual é sustentada pelo paradigma gerativo.

Labov (1972), em seu memorável trabalho *Padrões Sociolinguísticos*, discorria acerca da teoria da variação e mudança como uma “linguística socialmente realista”, ou seja, o objetivo teórico dessa corrente era o de compreender como a língua se estruturava a partir dos signos linguísticos do sistema de uma língua. O estudo da linguística diacrônica foi objeto de pesquisa para muitos dos filólogos e comparatistas do século XIX. Entretanto, o Estruturalismo do século XX, ao legar importância ao

aspecto sincrônico em detrimento ao diacrônico, colocou os estudos da mudança num lugar periférico na linguística.

Essa mudança de paradigma na Linguística, sobretudo no que diz respeito à centralidade da sincronia, é um dos interesses da teoria laboviana. Para Labov (1972, p.338), o motivo para desconsiderar esse paradigma saussuriano é que: “[...] A sociolinguística segue o princípio apresentado por Jespersen de que, para compreender alguma coisa, devemos compreender como ela veio a existir”.

Uma das críticas labovianas ao paradigma estruturalista se refere ao fato de que a Linguística passava por uma série de discussões teóricas, dentre as discussões teóricas, destacamos: em primeiro lugar, a língua (*langue*) estava epistemológica e metodologicamente atrelada ao indivíduo. Além disso, os linguistas que representavam esse paradigma saussuriano, não levavam em conta a vida social sem que fosse comparada a um fato social, exterior ao indivíduo e, cujas regras da conduta social eram já previstas através do pacto social. Ou seja, essa tradição teórica argumentava que os fatos linguísticos deviam ser derivados de outros fatos linguísticos, mas sem qualquer relação de dependência com aqueles fatos “externos” do comportamento da fala.

Por sua vez, Saussure também argumentou sobre o outro aspecto da dicotomia língua e fala: “A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos de fala (*parole*)”, (CLG, 2006, p. 23). Dessa maneira, o texto do CLG argumenta que, “a língua distinta da fala é um objeto que se pode estudar separadamente” e, por isso, “a língua não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo” (CLG, 2006, p.22 e 23).

O que Labov (1972) argumentava era que as correntes formalistas dedicaram tantos anos aos estudos do sistema linguístico e da autonomia da sintaxe que acabou esquecendo-se de desenvolver uma Linguística da fala. Assim, Labov (1972) denominou de *paradoxo saussuriano* a incoerência de que a atividade mental “língua” era sistemática, arbitrária, coletiva e homogênea. Por outro lado, a fala era vista como uma atividade assistemática, caótica e regida pela pluralidade discursiva de cada indivíduo. Desse modo, Labov (1972) chamou atenção para a incongruência teórica de que a fala não podia ser resultado do sistema linguístico. Nos moldes saussurianos, a fala (*langue*) é compreendida como parte social e homogênea e a fala (*parole*) como representação assistemática, heterogênea e individual.

Ao rejeitar a variação como uma propriedade da língua, a corrente do estruturalismo se tornou incapaz de dar explicações que pudessem abarcar a variação, mudança, o campo semântico, pragmático, ou seja, para esse paradigma teórico, a língua não exercia funções exteriores ao sistema. Dessa maneira, essa contradição acaba emergindo um novo campo de estudo que surgiu na década de 1960, o chamado Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista, que se baseou nos pressupostos teóricos de Weinreich et al. (1968; 2006).

Além da concepção de língua(gem), há outros importantes pontos teóricos e metodológicos que distinguem essas duas tradições na linguística, que são: (i) a heterogeneidade não comprometia o sistema linguístico, e a adoção de um sistema linguístico imutável era impossível levando-se em consideração os falantes da língua e as comunidades de fala socialmente e culturalmente diversificadas; (ii) a língua era vista como um organismo vivo, intersubjetivo e coletivo que sofria pressões sociais, culturais e linguísticas; (iii) a variação era inerente ao sistema linguístico, que era, *per se*, heterogêneo e composto por regras e unidades que variavam; (iv) a variação era potencialmente a atualização, ou seja, a mudança fazia parte do incurso histórico, assim, mudança implica variação, no entanto, variação não implica necessariamente mudança; (v) a variação não era vista aleatoriamente e a mudança podia ser controlada e estudada a partir da observação gradativa de cada estado da língua.

Com isso, a diferença entre o paradigma da Linguística Estrutural e o da Sociolinguística Variacionista residia basicamente no objeto de estudo, já que, a primeira vertente não levava em consideração as manifestações da fala, mas apenas como a língua se estruturava. A segunda vertente concebia a fala como objeto de estudo atrelado à língua e admitia a possibilidade da variação por razões linguísticas e extralinguísticas.

O papel da agramaticalidade também desempenhava uma importante função nos estudos da Sociolinguística pós-clássica, visto que consoante as argumentações de Carboni (*apud* GOMES, 2014, p.42) “a agramaticalidade e a variação da estrutura linguística não devem ser colocadas fora do sistema, como fazem os estruturalistas e os gerativistas”.

Ainda no que concerne à agramaticalidade, Labov (1972) tece algumas críticas à escola bloomfieldiana quando argumentava que os nativos de uma língua nunca cometeriam erros. No entanto, o ponto de vista oposto a esse prevalece nos dias de hoje, visto que a fala é cheia de formas agramaticais e os falantes da língua (ainda assim

nativos) enfrentam problemas no desempenho linguístico. Para muitos campos de pesquisas do Formalismo, não seria ideal coletar os dados de uma pesquisa a partir do discurso de falantes de determinada comunidade fala, pois existiria nesses dados enunciados malformados.

A concepção de uma língua comum e de um falante-ouvinte ideal foi objeto de estudo para um dos grandes expoentes da corrente gerativa, o americano Noam Chomsky. Chomsky fortaleceu a dicotomia saussuriana de língua-fala, quando propôs uma oposição entre *competência* (o conhecimento abstrato das regras da língua) ao *desempenho* (seleção e execução dessas regras) (LABOV, 1972). Para Labov (1972), os estudos de Chomsky classificavam a Linguística como a ciência da competência. Chomsky também falava sobre o paradoxo saussuriano, ao afirmar que “[...] o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente” (*apud* LABOV, 1972, p.218).

Isso evidencia o descompasso entre o que deveria ser uma comunidade de fala e o que de fato é (onde os falantes de uma língua partilham de regras da substância social, cultural e linguística, de maneira estratificada e heterogênea). Bourdieu (1999), em seu trabalho *Economia das Trocas Simbólicas* (2005), argumentava sobre os capitais sociais e culturais como sendo bens coletivos, mas de experiência individual. Assim, para Bourdieu (2005), o lugar que o sujeito ocupa no mundo determina a sua maneira de organização social através da língua.

Além do mais, Chomsky (1957; 1965) afirma que o mais importante nos estudos da linguagem não são os enunciados proferidos pelos falantes, mas suas intuições acerca da língua. Diante dessa argumentação, Labov (1972) afirma que a ciência da *parole* nunca se desenvolveu, enquanto a ciência da *langue* vem tendo grande sucesso desde o século XX.

Nos moldes das teorias do Formalismo, sobretudo nos estudos chomskianos, a existência da homogeneidade linguística se torna central, pois a competência linguística veio ao centro dos estudos linguísticos determinando a autonomia biológica e da formação da sintaxe. Dessa maneira, a teoria linguística se ocupou do termo *comunidade* somente para designar um modo de produção homogêneo à medida que o indivíduo tornou-se o perfeito representante dela. Dessa forma, não faria parte do objeto de estudo da Linguística o sujeito, suas intenções e os contextos pragmáticos em que as interações verbais aconteciam.

Para Chambers & Trudgill (1985), um modelo linguístico monolítico, como aquele que era defendido pelos estudos do Formalismo, era incapaz de explicar como a estrutura social poderia manter alguma relação causal com as variações presentes no sistema linguístico. Assim, a concepção de comunidade de fala homogênea passa a ser vista nos novos estudos variacionistas como uma comunidade de fala *sistematicamente* heterogênea e, portanto, variável.

Tendo em vista a importância que a comunidade de fala ganhou para os estudos da Sociolinguística Variacionista, Gumperz (1986) delinea a importância da comunidade de fala para os estudos da linguagem, ao dizer:

[...] Os estudos sobre a comunidade de fala têm demonstrado que a questão da uniformidade estrutural das línguas tem dependido amplamente dos postulados básicos do linguístico: o grau de abstração de sua análise com respeito ao comportamento humano cotidiano e, fundamentalmente, do tipo de procedimentos de obtenção de dados que é empregado no estudo exploratório. Quando se estuda com detalhe suficientemente, com métodos de campo desenhados para obter a fala em contextos significativos, todas as comunidades de fala são linguisticamente diversas e pode-se demonstrar que esta diversidade desempenha funções comunicativas importantes na indicação de atitudes entre os falantes e na transmissão de informação sobre as identidades sociais dos falantes. As comunidades de fala variam em seu grau e natureza da relação linguística entre as variáveis intracomunitárias e é esta relação a principal responsável pela mudança social e a mais reveladora de todo tipo de informação social (GUMPERZ, 1986, p.13).

No que diz respeito à variação na fala e na comunidade de fala, Labov (1972, p.238) argumentava que: “é comum que uma língua tenha diversas maneiras de dizer a *mesma coisa*”. Desse modo, para Labov (1972), no interior das comunidades de fala era comum que houvesse distintas formas linguísticas de se referir ao mesmo fenômeno. Assim, a existência da variação nas comunidades de fala também representa que o sistema linguístico tem propriedades de variação, diferentemente do que preconizavam os paradigmas formalistas.

Para Weinreich, Labov & Herzog (1968), não seria ideal que os estudos linguísticos variacionistas focassem apenas em como a língua é organizada sistemicamente, mas, seria necessário que estudos pós-clássicos tentassem explicar como o sistema linguístico desempenha funções sociais e culturais significativas para as interações verbais. Desta maneira, os estudos variacionistas têm como objetivo

compreender a relação língua, sujeito e sociedade, como um evento interdependente da linguagem humana.

2.2 TEORIA DA ACOMODAÇÃO

Embora haja inúmeras pesquisas a respeito da acomodação dialetal no cenário da literatura internacional, ainda há em nosso cenário nacional, certa escassez de trabalhos no que tange a esse processo de dialetos em contato. Os primórdios da Teoria da Acomodação foram desenvolvidos por Howard Giles em 1973, formulados no âmbito dos estudos da Psicologia Social, que também contou com os esforços acadêmicos dos pesquisadores Taylor e Bourhis (1973).

Inicialmente chamada de *Speech Accomodation Theory*, a teoria da acomodação tinha como objetivo entender as interações verbais a partir das influências das relações interpessoais e de intergrupos (COUPLAND & GILES, 1988).

A Teoria da Acomodação busca compreender como usuários de uma língua em situação de interação verbal, alteram, de maneira estratégica (consciente ou não), seus códigos, registros e estilos linguísticos para se adaptarem às necessidades conversacionais, linguísticas, sociais e culturais da situação comunicativa em que esses mesmos sujeitos estão inseridos. Em outras palavras, para Giles et al. (1973), a Teoria da Acomodação busca explicar como os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor no momento da interação verbal. O foco teórico passa a ser o aspecto interpessoal da diversidade da fala, e o desafio para as pesquisadas voltadas aos estudos de contato dialetal é determinar como os tipos específicos de diversidade de fala acontecem e o que os motivam no seio conversacional.

Ainda no que diz respeito aos primórdios dos estudos da Teoria da Acomodação, Giles e Powesland (1975) afirmam que a teoria discute a utilidade em mudança de registros em nível linguístico, como por exemplo, o uso de sotaques (*accent usage*). Assim, com base nessa premissa teórica, os autores argumentam que a avaliação do falante e sua diversidade de fala recaem à situação dialógica, ou seja, quando o emissor quiser aprovação do seu interlocutor, ele mudará registros e adaptará seu padrão de fala ao do seu interlocutor para minimizar as tensões linguísticas envolvidas no ato conversacional.

Levando-se em consideração o ato dialógico em que os falantes de distintas realidades dialetais estão inseridos, a essência teórica dessas pesquisas se encontra em

minimizar as relações de similaridade-atração desenvolvidas no âmbito da psicologia social (GILES et al, 1973). A redução de dissimilaridades é importante no processo de acomodação, pois o processo pode não apenas envolver integração em grupo, aceitação social, melhor desempenho conversacional, mas também recrudescimento identitário linguístico por parte de falantes expostos a uma nova realidade dialetal que não condiz com suas expectativas conversacionais.

Como bem afirmam Giles, Taylor & Bourhis (1973), o processo de acomodação linguístico pode ser um reflexo de um desejo individual de aprovação social, reduzir pressões culturais, estereótipos sociais, culturais e linguísticos. Ainda, segundo os autores, o processo de acomodação pode se dar sem nenhuma aprovação por parte dos interlocutores, como pode ser atenuado por pressão das esferas sócio-discursivas nas instâncias da comunidade de fala em que o indivíduo esteja inserido.

Assim, segundo estudos de Giles et al. (1973, p.167-168), essas pressões do processo de acomodação fazem com os “indivíduos que acomodam seu falar induzem seus destinatários (interlocutores) a avaliá-los mais favoravelmente, e que este fenômeno pode ser visto como do desejo individual por aprovação social”³. Apesar de a interação verbal ser motivada pela díade *locutor-interlocutor*, Giles et al. (1973) afirma que a acomodação não pode ser vista como resultado de aceitação do interlocutor, mas pelo processo de integração linguística.

No âmbito da *Accommodation Theory of Speech* [SAT], há dois conceitos-chave, que são convergência e divergência. Os postuladores dessa teoria, Giles et al. (1973), afirmam que há “convergência de fala” quando o falante procura aprovação do interlocutor ao adaptar seu sotaque na intenção de reduzir as dessemelhanças fônicas que há entre ambos. O processo de convergência linguística obedece às dinâmicas da interação verbal entre os usuários da língua, de forma que aspectos linguísticos e extralinguísticos são determinantes na mudança do falar de um dos usuários da conversação.

Embora o fenômeno da acomodação sofra pressões sociais e linguísticas, é necessário ressaltar que a aprovação recebida não significa necessariamente que haja alguma preferência por parte do remetente. O lugar sócio-historicamente ocupado pelos dialetos em contato é extremamente importante, pois no caso de dialetos com menor prestígio social, em que há exclusão e rechaço, a tendência é que os falantes busquem

³ That accommodating individuals induce their recipients to evaluate them more favorably, and that this phenomena can be viewed as a reflection of an individual's desire for social approval

pistas linguísticas para modificar ou disfarçar as diferenças na fala. Para Giles et al. (1973, p.150), o conceito de convergência deve ser compreendido como:

[...] uma estratégia pela qual os indivíduos se adaptam aos comportamentos comunicativos uns dos outros em termos de características de alcance linguístico, prosódico e não verbal, bem como incluindo velocidade da fala, fenômenos de pausa, duração, variantes fonológicas, sorriso, olhar, e assim por diante [...]⁴.

Ainda segundo Giles et al. (1987; 1973), a convergência linguística não significa que o falante irá modificar todos os aspectos disponíveis de sua fala para o dialeto em contato. Também não quer dizer que o processo de acomodação é inacabado e fragmentado, ou que o fenômeno de divergência não possa fazer parte desse processo.

No tocante à divergência linguística, Giles et al. (1973) afirmam que no fenômeno de acomodação linguística, a divergência aumenta as dissimilaridades entre os falantes quando um falante enfatiza as mudanças fônicas e prosódicas, com o objetivo de dissociar-se do seu interlocutor. Em muitos casos, a divergência linguística funciona como um instrumento de recrudescimento identitário, na qual o sujeito marca linguisticamente sua origem.

A divergência linguística, assim como a convergência linguística, pode se materializar em diversas formas, verbal e não verbalmente. O fenômeno de divergência linguística é por muitas vezes definido como “desacomodação”, que, segundo Giles (1973), o falante opta por manter registros do dialeto de origem, como forma de manter o recrudescimento identitário ou quando não houver pressão para mudar de registro.

Ao longo de doze anos, a Teoria da Acomodação caminhou em direção a estudos mais interdisciplinares, o que causou uma modificação na Teoria da Acomodação da Fala [SAT]. Era necessário, segundo Giles et al. (1983), explorar aspectos linguísticos mais amplos, como os aspectos discursivos da interação social e fenômenos não verbais da língua. A Teoria da Acomodação da Fala [SAT] por não ter abarcado aspectos não verbais da comunicação, dá lugar à proposição teórica intitulada por Teoria da Acomodação da Comunicação [CAT].

O que difere as duas teorias propostas por Giles et al. (1973) é que a primeira [SAT] elaborava as estratégias de convergência e divergência e buscava compreender o

⁴ A strategy whereby individuals adapt to each other's communicative behaviors in terms of a wide range of linguistic-prosodic-nonverbal features including speech rate, pausal phenomena and utterance length, phonological variants, smiling, gaze and so on.

papel psicológico e social atribuído às relações interpessoais. Já a última orientação, a [CAT], ampliou o escopo da análise com as observações não somente da fala e dos padrões discursivos, mas do comportamento não verbal presente na interação verbal.

Outra redefinição teórica nos estudos da Sociolinguística Variacionista, sobretudo, nos moldes labovianos, é a crítica que Giles et al. (2010) fazem à perspectiva variacionista laboviana, na qual Labov (1972) afirmava que a fala acompanhava graus de formalidade-informalidade.

Assim, o papel da formalidade-informalidade da fala cede lugar à possibilidade de interferência do processo de acomodação na fala entre entrevistador e entrevistado. Para Giles et al. (2010), o método laboviano de fazer entrevistas deve contemplar não somente os estilos de coleta de dados, mas o contexto de interação verbal e as formas como esses entrevistados vão interagir com o entrevistador. Assim, o foco teórico que Giles et al. (2010) trazem à Teoria da Acomodação da Comunicação é o de existir um processo de mudança de registros linguísticos, no qual os falantes irão se adaptar às necessidades conversacionais e às necessidades interpessoais.

2.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS

A Sociolinguística é a ciência que analisa o comportamento linguístico desde um ponto de vista sociológico. Deste modo, estudos variacionistas têm como premissa básica os fatores sociais e linguísticos, tais como: idade, sexo, tempo de residência, contexto fonológico e dentre outros fatores.

Os estudos em atitudes linguísticas se tornaram cada vez mais relevantes, pois como bem afirmam os autores que desenvolveram os estudos em atitude linguística, Lambert (1967), Fernández (1998), Coupland (2007) e Giles et al. (1992; 2010), as atitudes são consideradas aspectos *psicossociais* expressados pelo indivíduo de maneira positiva ou negativa, e que corroboram para a convergência ou divergência no processo de acomodação dialetal.

A ciência que se ocupa desses aspectos teóricos de atitudes é a *sociopsicologia*. No entanto, na Sociolinguística, as atitudes são tomadas como parâmetros explicativos de análise do comportamento linguístico vinculado a variantes específicas de uma variedade.

Considerando as atitudes dialetais como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, Oliva e Serrano (*apud* LOPES, 2012, p.26)

argumentam que a variação não pode ser vista como: “uma mera série de escolhas, mais ou menos automáticas realizadas pelo falante”, mas como possibilidades em detrimento do impacto que essas escolhas acabam gerando no interlocutor. De modo geral, a variação está basicamente ligada à escolha linguística de um significado particular (LOPES, 2012).

Para Kaufmann (2011, p.122), a atitude linguística “é um estado mental neutral de prontidão, organizado a partir de experiências e exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todas as situações ali envolvidas”. Assim, compreendemos que as atitudes são uma espécie de disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica e que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos quanto à acomodação a um dialeto.

Assim, é necessário afirmar que os estudos de atitudes não podem ser tomados como explicações generalizadas sobre determinado comportamento linguístico. Estudos em atitudes podem prever uma correlação entre o objeto em que se pretende estudar e padrões gerais de comportamento linguístico. Desta forma, a relação entre atitude e comportamento só é compatível quando se avalia a atitude do indivíduo em relação ao comportamento, mas não a relação atitudinal quanto à meta que se pretende investigar do comportamento (KAUFMANN, 2011).

Para Kaufmann (2011) a incoerência entre o objeto de atitudes e um determinado comportamento pode gerar alguns *insights* para explicar a variação em determinada comunidade de fala. A autora ainda ressalta que “Apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem comportamento social (...) parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que fazem (comportamento linguístico)” (KAUFMANN, 2011, p.125).

No cenário internacional, alguns estudos sobre atitudes numa abordagem direta se tornaram referências, como foi o estudo de MacKinnon (*apud* GARRET, 2010). O autor buscou compreender as atitudes de respondentes escoceses quanto à língua gaélica falada na Escócia. A pesquisa contou com uma amostragem de 1.117 participantes que tinham que responder a uma entrevista contendo dezesseis perguntas com base em seis respostas distratoras: 1) se os respondentes discordavam completamente; 2) se discordavam com a maior parte; 3) não tinham objeções; 4) concordavam com maior parte; 5) concordavam completamente; 6) ou não tinham nenhuma resposta (neutro). O objetivo da pesquisa era avaliar padrões de atitudes quanto à língua gaélica na Escócia.

Uma das perguntas era se os respondentes achavam a língua gaélica importante para o povo escocês e se a língua deveria ser oficialmente reconhecida.

Os resultados da pesquisa de MacKinnon (*apud* GARRET, 2010) foram relevantes, pois mostraram uma discrepância quanto às atitudes nas regiões em que os respondentes moravam. Respondentes que moravam na parte mais ocidental da Escócia apresentaram respostas mais otimistas quanto à língua gaélica e, possivelmente, tinham comportamentos mais favoráveis, visto que em alguns comentários alguns colaboradores pontuavam não só a importância da língua, mas como forma de inclusão, pluralidade linguística e de memória social. Enquanto as regiões mais favoráveis à língua gaélica apontavam um percentual de mais de 50%, nas regiões mais tradicionais, os respondentes tinham atitudes mais negativas quanto à língua.

Outro parâmetro relevante a se considerar nesta pesquisa é quando a consciência linguística estiver intimamente ligada à consciência sociolinguística, cujas crenças acerca do prestígio social atribuído a uma variedade linguística podem ser representadas por atitudes positivas. Assim, segundo Bourdieu (1999), quanto mais plural for o conhecimento cultural e social, e quanto mais interação houver nas distintas instituições sociais, menor será o preconceito linguístico.

Assim, se levarmos em consideração a consciência sociolinguística como parte integrante da competência linguística, a repercussão de juízos de valores serão amenizados pela consciência social coletiva; portanto, determinados comportamentos estereotipados e preconceituosos poderão ser amenizados. Deste modo, quanto maior for o mercado linguístico, ou seja, o trânsito desses falantes entre comunidades de fala, maior será a possibilidade de os colaboradores em uma pesquisa sociolinguística em entender que não há falar “agramatical”.

No âmbito doméstico, há pesquisas na Sociolinguística Variacionista, tais como as dissertações de mestrado de Lima (2013) e Chacon (2012), que têm em comum a análise da fricativa /s/ em posição de coda silábica. A realização desse segmento segue acompanhada por comportamentos que podem ser positivos, negativos, de aceitação e de rechaço quanto à nova realidade dialetal a que seus respectivos informantes estavam sendo expostos. Na dissertação de mestrado de Lima (2013), intitulada por *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*, a autora admite que as atitudes positivas acabam forjando uma tendência à palatalização, pois no contexto anterior às oclusivas /t/ e /d/, esse segmento

se torna palatal no dialeto paraibano. Em Recife, a palatalização é motivada por outros contextos, labiais, coronais e dorsais.

As atitudes linguísticas são também objetos de estudo da dissertação de mestrado de Chacon (2012), é intitulada: *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Neste estudo, Chacon (2012) investiga a relação entre atitudes linguísticas e a produção da fricativa /s/ em posição de coda por falantes paulistas residentes em João Pessoa.

Outro estudo relevante sobre as atitudes é a tese de doutorado de Lopes (2012), intitulada por: *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo*. Nesse trabalho, o autor chegou à conclusão que os ouvintes perceberam e avaliaram as diferenças entre traços linguísticos suavizados e regionais na fala de duas telejornalistas profissionais. De maneira geral, a pesquisa revela que os ouvintes tinham preferência à fala sem características de sotaque regional na fala das telejornalistas.

Na pesquisa de Lopes (2012), foram avaliadas: a palatalização do /s/ em coda medial, monotongação, palatalização das dentais, assimilação da dental e harmonização vocálica. Essas pesquisas no âmbito acadêmico brasileiro servem como parâmetros de contribuições para o campo de estudo das atitudes linguísticas na Sociolinguística. De todo modo, a Teoria da Acomodação afirma que a convergência e divergência ao dialeto estão condicionadas a vários fatores sociais, linguísticos e *psicossociais*, e neste último caso, as atitudes são variáveis relevantes para explicar o fenômeno de acomodação dialetal.

Diante disso, Giles et al. (*apud* CHACON, 2012, p.37) argumentam sobre o valor simbólico que variáveis linguísticas carregam: “tanto a convergência quanto a divergência podem ser positivas ou negativas [...]”, pois estão ligadas a questões emocionais. Assim, as atitudes nos estudos de dialetologia, podem influenciar um falante a mudar sua forma de falar por questões de valorização da linguística do dialeto em contato, ou vice-versa.

Nos estudos em contato linguístico, Marques (2006) argumenta que grupos acomodam traços linguísticos por questões migratórias e de ação comunicativa, e que o menos relevante é saber quem acomoda a quem, visto que algumas outras forças interiores e exteriores à língua também influenciam no processo de acomodação. Destarte, Marques (2006, p. 8) afirma:

A acomodação pode ocorrer também entre sotaques que diferem de regional mais do que socialmente e pode ocorrer tanto em nível de longa duração (*long-term*) como em nível de curta duração (*short-term*). Nos contatos de longa duração, quem se acomoda a quem é menos problemático, visto que, na maioria dos casos onde esse fenômeno está ocorrendo, lida-se com contato entre falantes de diferentes variedades regionais e com indivíduos regionalmente móveis ou grupos de minorias que se acomodam, no *long-term*, há uma maioria não móvel. O problema então é determinar como os falantes se acomodam, a extensão e porque algumas situações e alguns indivíduos produzem mais ou menos tipos diferentes de acomodação do que outros. Sendo assim, a acomodação de longa duração é de considerável interesse para o linguista.

Para Marques (2006), o interesse do linguista quanto ao fenômeno de acomodação dialetal reside nos processos de acomodação de longa duração. Pois, nesses processos, os falantes estão intimamente envolvidos na dinâmica de interação social. Quanto maior mobilidade social, maior trânsito entre as esferas discursivas, maior será a possibilidade de acomodarem-se ao falar em contato.

Desta maneira, questões atitudinais na língua também podem ser observadas a partir do “mercado linguístico”, como argumenta o sociólogo Pierre Bourdieu (1985), ao dizer que existe um mercado linguístico em que a competência funciona como capital, que possibilita um sistema de trocas simbólicas dentro do universo social, e essas trocas são mediadas por valores arbitrários do uso da língua e da localização de grupos socialmente providos de estratos “dominantes” sobre grupos “dominados”. Assim sendo, o poder faz as pessoas julgarem o *lugar do Outro*, desconsiderando o dialeto de menor prestígio como uma possibilidade linguística para a comunicação interpessoal.

Em nossa pesquisa, observamos, à luz do discurso de alguns falantes, que houve uma acentuada desconsideração da falar paraibano, e que o discurso do *Outro* acabou gerando uma predileção atitudinal em relação ao sotaque paulista para os informantes deste estudo (BHABHA, 1990). Diante disso, ainda consoante as contribuições sociológicos de Bourdieu (1985), observamos indícios de *violência simbólica*, aqui entendida como um mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “naturais” as representações ou as ideias sociais dominantes. A violência simbólica é materializada inicialmente *na e pela* linguagem e se enraízam nos aparelhos ideológicos do estado como forma de coerção social a tudo que foge do padrão.

A força intersubjetiva e opressora que obriga (in)conscientemente alguém a adotar novas posições, podem ser entendidas como violência simbólica. O acúmulo de

bens simbólicos, que é transcrito e externalizado em *habitus* (entendido como uma reprodução do que os indivíduos incorporam dos *capitais sociais, culturais, simbólicos e econômicos*).

Para Fernández (1998, p.179), a atitude linguística é “uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por estar centrada e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade [...]”. Portanto, as atitudes por serem norteadas por um comportamento psicossocial acabam também forjando comportamentos positivos ou negativos. Giles (1982), Coupland (2007) e também Fernández (1998) acreditam que uma única variável linguística pode ser objeto de atitudes, dependendo do grupo e do lugar em que a interação ocorreu.

Chacon (2012), em sua dissertação de mestrado, também argumentou o papel verticalizado dos micropoderes no discurso, como mecanismos de coerção e redirecionamento às atitudes. Chianca (1999, apud CHACON, 2012, p.41) complementa, afirmando que “o sotaque desempenha uma função identificadora, permitindo reconhecer sociológica e culturalmente um sujeito falante”. Na voz das autoras, o sotaque é a materialização da identidade de um povo, e que devido também às trocas interculturais e intersubjetivas, essa identidade linguística pode passar por ressignificações.

Hall (2006), em seu emblemático estudo sobre *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, afirmava o valor linguístico nas práticas sociais:

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu (HALL, 2006, GRIFOS NOSSOS).

Como exposto, a língua também obedece às questões de localização, tempo e espaço, e que para Hall (2006, p.78), as identidades estão embrincadas em circuitos de cultura, em que os sujeitos produzem e consomem distintas formas de falar e agir no mundo social. O resultado desse compartilhamento é a perda das representações, que

para o autor, na pós-modernidade, as identidades linguísticas nunca são fixas, mas são sempre instáveis e em constante ressignificação.

Assim, compreendemos que as atitudes podem desencadear certos comportamentos linguísticos, favoráveis (ou não) à situação em contato dialetal. Ou seja, o processo de acomodação torna-se também um processo de percepção de mundo, de mudança, e não apenas de mudança de registro linguístico, mas de identidade linguística.

No que tange este trabalho, especificamente às atitudes linguísticas dos falantes paraibanos residentes em São Paulo, percebemos no capítulo IV de análise qualitativa, que os falantes paraibanos tornaram-se conscientes de si mesmos no processo de tornarem-se conscientes dos outros. Ou seja, a percepção de que eles estavam em situações dialógicas conflitantes e que o lugar deles era simbolicamente marcado a partir do discurso das “vozes dirigentes”, é que esses falantes notaram o seu *não lugar*.

Coadunamo-nos com Moita Lopes (2012), em seu trabalho *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*, ao afirmar à luz de Bakhtin (2011), que o poder da palavra enquanto produtivo de interação verbal é sempre dirigido a um interlocutor e, sua função, é também o interlocutor. Portanto, acreditamos que, inconscientemente, os preconceitos linguísticos atribuídos ao paraibano como “barriga verde”, “Zé Paraíba”, “o Paraíba”, são discursos que tentam ridicularizar e anular a história e a existência de minorias, como é o caso dos paraibanos aqui neste estudo.

Por fim, observamos que, na história dos paraibanos em São Paulo, o falar paraibano sempre foi categorizado linguisticamente a partir de atitudes negativas, e essa categorização é resultado do discurso das histórias “bem sucedidas”. Os falantes paraibanos acomodavam ao falar paulista por razões coercitivas do discurso, de oportunidades de trabalho, opressão por parte das instituições sociais ou por estarem envolvidos em interação verbal. Assim, o primeiro lugar que esses sujeitos perceberam que eles não pertenciam àqueles espaços foi *através* da linguagem.

3. METODOLOGIA

Ao longo deste capítulo, discutiremos os procedimentos que foram utilizados para a realização deste estudo. Inicialmente, descreveremos o perfil dos falantes colaboradores desta pesquisa para que, *a posteriori*, possamos explicar os aspectos metodológicos que a nortearam, tais como: a tipologia da pesquisa e sua natureza; a definição das variáveis linguísticas e extralinguísticas; a coleta de dados a partir de entrevistas e da observação etnográfica (no próximo capítulo, contrastaremos os resultados e explicaremos os desdobramentos desses estilos). Por fim, ainda neste capítulo, examinaremos a formação do corpus e o método de coleta dos dados.

3.1 PERFIL DOS PARAIBANOS EM CONTATO DIALETAL EM SÃO PAULO

Foram recrutados 10 falantes paraibanos residentes na grande São Paulo. Para compor a amostragem de falantes paraibanos em contato dialetal, estabelecemos alguns critérios:

- ✓ Serem naturais da Paraíba
- ✓ Estarem em São Paulo há mais de dois anos
- ✓ Estarem em dois grupos de faixa etária: de 18-30 anos e acima de 30 anos.

Todos os colaboradores paraibanos deste estudo são filhos de nordestinos e que foram a São Paulo basicamente pelo mesmo propósito – conquistar estabilidade de vida; trabalhar numa cidade grande, a fim de conquistar um bom emprego; garantir boas escolas aos seus filhos; em alguns casos, fugir da seca e da miséria em que viviam na Paraíba.

Todos os falantes recrutados residiam na grande São Paulo (GSP), fato que facilitou não apenas a coleta, mas a compreensão do objeto de estudo, já que todos os falantes estavam numa mesma comunidade de fala.

Nesse primeiro momento, é imprescindível introduzir um pouco do perfil⁵ dos colaboradores, uma vez que esse ponto de partida será extremamente relevante para

⁵ O perfil geral dos informantes também se encontra resumido na ficha de caracterização dos sujeitos nos apêndices desta pesquisa.

compreender os resultados desta pesquisa (que serão apresentados no Capítulo de Análise e Discussão).

No *quadro 3*, podemos observar uma breve descrição do perfil dos falantes paraibanos:

Quadro 3: Resumo do perfil dos falantes paraibanos em São Paulo

| PERFIL DOS PARAIBANOS EM SÃO PAULO | | | | | | |
|--|----------------------------|------------------|-------------------------|--------------------|---------------------------------|---|
| F A L A N T E S | S E X O | Faixa Etária | Localidade Em São Paulo | Tempo de exposição | Contato com falantes paraibanos | Contato Diuturno Com falantes paulistas |
| 1 | F | 18-30 Anos | Interlagos (ZS) | Até 10 anos | SIM | SIM |
| 2 | M | Acima de 30 anos | Parque Américo (ZS) | Acima de 10 anos | SIM | SIM |
| 3 | M | Acima de 30 anos | Jardim V. Cruz (ZS) | Acima de 10 anos | NÃO | SIM |
| 4 | M | 18-30 anos | Jardim V. Cruz (ZS) | Até 10 anos | SIM | NÃO |
| 5 | F | Acima de 30 anos | Parque São José (ZS) | Até 10 anos | SIM | SIM |
| 6 | M | Acima de 30 anos | Capão Redondo (ZS) | Acima de 10 anos | SIM | NÃO |
| 7 | F | Acima de 30 anos | Guaianases (ZL) | Acima de 10 anos | NÃO | SIM |
| 8 | F | Acima de 30 anos | Parque São José (ZS) | Acima de 10 anos | SIM | NÃO |
| 9 | F | 18-30 anos | Parque São José (ZS) | Até 10 anos | NÃO | SIM |
| 10 | M | 18-30 anos | Parque São José (ZS) | Até 10 anos | SIM | SIM |

Chamou-nos atenção, durante o primeiro contato com as colaboradoras 1 e 9, o fato de que elas foram morar na capital paulista pois precisavam acompanhar os seus maridos. A informante 1 não parou seus estudos, continuou o nível superior na capital paulista e já estava fazendo uma pós-graduação (nível mestrado) na área em que atuava. Antes de ir morar em São Paulo, a colaboradora 1 já era casada, com um paulista, e já tinha um filho.

Ambas as colaboradoras 1 e 9 eram inexperientes em cidades tão grandes. Era a primeira vez que saíam de suas cidades para morar em outro estado brasileiro. A colaboradora 9 também já tinha filhos, dois, mas não tinha nível superior nem ensino médio completos, o que dificultou a sua permanência na capital paulista nos primeiros anos de residência.

Embora essas colaboradoras apresentassem semelhanças quanto ao motivo da saída de sua terra natal, o ponto de partida de cada uma é diferenciado. Tanto a colaboradora 1 quanto a 9 não tinham familiares paraibanos em São Paulo. No caso da colaboradora 1, havia alguns tios, tias e primos paulistas espalhados pela grande São Paulo, o que de certa maneira facilitou a sua adaptação à nova realidade.

O motivo maior da saída da colaboradora 1 e de sua família da capital paraibana foi a procura por experiência profissional e acadêmica, visto que segundo ela “Havia uma desvalorização do meu ofício lá na Paraíba. Eu não conseguia nem meu marido sobrevivermos com o que ganhávamos. Chegava a ser cômico”. Eles reclamavam da falta de oportunidade de emprego e de boas remunerações na capital paraibana, e alegavam que em São Paulo havia muito mais oportunidades, com maiores benefícios e maiores salários.

No caso da nossa colaboradora 9, além da necessidade de acompanhar seu esposo, ela relata uma triste experiência na cidade onde morava próximo à cidade de São João do Cariri: “Meu pai tinha plantios de cana-de-açúcar, mas após a sua morte tudo desandou, a seca acabou com os plantios. A gente não tinha mais como se sustentar lá, né? Minha mãe ficou com meu irmão, mas vim pra cá arrumar dinheiro e mandar para lá, sabe? a gente passava fome. Aquilo não era vida de gente”.

O relato da colaboradora 9 é recorrente entre muitos dos colaboradores que fizeram parte da amostragem desta pesquisa. A fuga de nordestinos para o Sudeste do Brasil é representado por uma série de fatores como bem destacam Amorim Filho & Serra (2001): um dos maiores motivadores da fuga do nordestino se deve à dívida sócio-histórica que o Estado tem com essa região; a falta de planejamento e da solução com o

problema da seca; estagnação econômica, que contribui para o desemprego, fome, aumentos de morte por subnutrição; desigualdade social e povoamento de grandes capitais. Assim, acreditamos que a história de migração de muitos nordestinos é marcada pela falta de condições de produção dignas na cidade de origem.

A história do colaborador 2 também nos chamou atenção. Ele é natural de Pombal/Pb e trabalhava na agricultura, mas estava cansado da vida que levava no interior da Paraíba. Resolveu então se mudar para São Paulo, onde morou por 5 anos na cidade de Campinas, 3 anos em São Mateus, 2 anos e meio na cidade de Guarulhos e morou em vários bairros da Zona Sul da capital paulista. Atualmente o colaborador 2 mora no Parque São Américo há mais de 7 anos.

O principal motivo de sua migração a São Paulo foi a busca por novas oportunidades de vida. Ele não tinha amigos nem parentes na capital paulista, assim, um dos motivos para sua migração foi a vontade de se aventurar pela nova cidade. Em São Paulo, o colaborador 2 se casou com uma baiana, que já morava por São Paulo há quase 14 anos, e com ela teve quatro filhos na capital.

O que nos chamou atenção nesse colaborador foi sua trajetória de vida, que não foi marcada por grandes dificuldades de vida, como foi a história da colaboradora 2. Também nos chamou atenção o fato de que ele não tinha familiares em São Paulo e por ter apenas o ensino fundamental completo. O colaborador 2 é serralheiro por profissão e é dono de uma grande empresa de móveis projetos localizada na Avenida Paulista e em outras regiões da grande São Paulo. O colaborador costumava dizer que só faltava um “lugar certo, oportunidade e ideia” para que pudesse crescer financeiramente na vida.

Muito semelhante à história do colaborador 2 é a história do nosso falante 6, que é natural da cidade de Brejo de Areia/Pb. Na Paraíba, esse informante trabalhava na agricultura, tinha uma esposa paraibana e um filho, também passou por grandes necessidades econômicas. O motivo de sua ida a São Paulo foi, inicialmente, a necessidade por melhores condições de vida.

Semiletrado, o colaborador 6 chegou a trabalhar na cidade de São Paulo como porteiro, motorista e pedreiro (nesta última profissão, ele conseguiu obter muito sucesso no bairro onde morava). Após três anos morando em São Paulo, o informante resolveu trazer a sua companheira.

Na nova profissão, a de pedreiro, o colaborador 6 trabalhou por inúmeras empresas do ramo da construção civil, mas tinha como objetivo ser autônomo e viver do próprio negócio. Hoje, ele vive do aluguel que recebe de vários imóveis que possui. Ele

também relata que embora haja um estereótipo acerca da profissão que se espera de um migrante nordestino em São Paulo, ele tem melhores condições financeiras do que boa parte dos paulistas com formação educacional superior.

Outra trajetória de vida relevante a ser mencionada aqui é a dos informantes 3 e 4, os quais são irmãos. O falante 3 é natural da cidade de Ibiara, enquanto o colaborador 4 é natural da cidade de Santana de Mangueira. Eles residem na cidade de São Paulo desde 2007. Assim como o respondente 2, eles tiveram experiências fora da capital – em Santos, litoral paulistano, onde eles tiveram a oportunidade de trabalhar o ramo industrial.

Na Paraíba, ambos os colaboradores trabalhavam na agricultura familiar, mas, segundo eles, o que ganhavam não garantia o sustento da família. A principal razão da migração desses dois falantes paraibanos à cidade de São Paulo foi a necessidade de sobrevivência, pois o informante 3 e sua família chegaram a passar fome por diversas vezes.

O colaborador 3 tem o ensino médio incompleto, enquanto o informante 4, o ensino fundamental completo. O colaborador 4 foi o primeiro a ir para São Paulo, pois já tinha alguns amigos pedreiros que moravam por lá. Somente após conseguir emprego e estabilidade, ele trouxe o seu irmão e sua família.

Assim, esse falante veio com 18 anos para São Paulo e lá ele arrumou uma esposa paulista, teve filhos e conseguiu emprego como encarregado (setor de carpintaria). Os colaboradores 3 e 4 residem atualmente no bairro de Jardim Vera Cruz, localizado na Zona Sul de São Paulo.

Dentre todos os colaboradores, os que mais apresentaram rejeição à cidade natal e ao dialeto paraibano foram os informantes 3 e 4. Eles alegam que embora a adaptação à capital paulista fosse difícil devido aos preconceitos contra paraibanos, ainda assim, a migração foi relevante, pois eles conquistaram independência financeira.

Outra colaboradora relevante a ser destacada nesta pesquisa é a de número 7, natural de João Pessoa. Em João Pessoa, essa colaboradora era estudante e veio para São Paulo com 17 anos. O principal motivo de sua migração foi o de acompanhar os seus pais, que estavam em busca de melhores oportunidades de vida. Essa informante se graduou em São Paulo e no momento faz especialização em negócios e administração. Em São Paulo, ela se casou com um paulistano e mora no bairro de Guaianases, região conhecida como o extremo leste de São Paulo, fazendo fronteira com a cidade de Guarulhos.

O fato de essa colaboradora ser casada com um paulistano, morar numa região que sofre influências das variações linguísticas do falar interiorano, nos chamou atenção quanto à produção do /s/ antes das oclusivas surdas e sonoras /t/ e /d/. Também nos chamou atenção o fato de essa colaboradora ter trabalhado alguns anos na capital paulista como profissional de *telemarketing*, profissão que ela mesma considerava um fator relevante para mudar o sotaque. Ela explica a relevância do trabalho quanto à convergência ao falar paulista, ao dizer: “quando trabalhava como telemarketing numa grande empresa aqui em São Paulo eu fiz um curso de suavização de sotaque, pois me aconselharam lá na empresa, e também meu marido me ajudou muito. Eu queria falar igual ao pessoal daqui, por que acho bonito, mas também por que as pessoas pegavam muito no meu pé por eu ser paraibana. Tinha que mudar né? Tanto tempo a gente acaba mudando”.

3.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa configura-se como um trabalho explanatório quase experimental, pois escolhemos um grupo específico de falantes paraibanos residentes em São Paulo a partir de critérios previamente estabelecidos à coleta de dados. A partir da recorrência do objeto de pesquisa, ou seja, a produção da fricativa /s/ antes dos segmentos /t/ e /d/, é que buscamos entender se havia ou não condicionamento entre as variáveis independentes sobre a dependente.

Essa flexibilidade de se observar novos dados a partir de uma coleta já realizada é inerente ao próprio objeto de pesquisa. Segundo Gil (*apud* SELLTZ, 1974, p.89), “uma vez que o problema de pesquisa tenha sido formulado de maneira suficientemente clara para que se possam especificar os tipos de informações necessárias, o pesquisador precisa criar o seu planejamento de pesquisa”.

Embora houvesse critérios no processo para recrutar colaboradores para a formação do corpus desta pesquisa, não consideramos este estudo somente experimental, pois as variáveis de controle teriam que ter um trato mais explanatório e, portanto, não manipulado.

No que concerne à pesquisa explanatória, Mattar (1999) afirma que esse tipo de estudo é usado quando não se conhece muito sobre o assunto, tendo como principal característica a flexibilidade. Deste modo, a maneira como esse tipo de pesquisa se

caracteriza é devido a sua própria natureza, de acordo com a qual as informações são extraídas dos dados espontaneamente.

Desta maneira, a natureza deste estudo é quantitativo e qualitativo, tendo em vista que o objetivo de compreender o comportamento da fricativa /s/ antes das oclusivas /t/ e /d/ se deu através do controle de variáveis linguísticas (tratamento estatístico) e análise do discurso dos falantes (análise qualitativa). Todo o percurso de obtenção dos dados foi a partir de entrevistas da observação etnográfica. Quanto ao tratamento dos dados coletados, fizemos uso do programa estatístico *GoldVarbX* (TAGLIAMONTE, 2006), que é amplamente usado nos estudos de variação linguística.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos colaboradores, e as observações etnográficas foram gravadas em situação de interação verbal com diferentes interlocutores do dia a dia de apenas três colaboradores deste estudo. Ou seja, as observações etnográficas foram gravadas em diferentes esferas sócio-discursivas, tais como: na rua, no shopping, em casa, no restaurante, na igreja, e dentre outros espaços dos quais os colaboradores circulavam.

3.3 DA ENTREVISTA E ETNOGRAFIA

Nos estudos sociolinguísticos labovianos, a entrevista é compreendida como um mecanismo de fazer o colaborador alcançar o vernáculo, ou seja, o momento menos crítico e monitorado de interação, em que os informantes estão mais preocupados *em* falar do que *como* falar.

O desafio nos estudos variacionistas é conseguir dados de fala espontâneos e que consigam responder às questões de pesquisa previamente levantadas. No entanto, Labov (1972) alega que todo entrevistador deve buscar questionamentos relevantes para cada falante, seja sobre sua vida pessoal, profissional ou da comunidade onde mora. Labov (1972) afirma que o entrevistador deve deixar o entrevistado o mais à vontade possível para que ele possa atingir o vernáculo.

De acordo com Tagliamonte (2008), a técnica ideal é aquela que produz narrativas de experiências pessoais, como por exemplo: a infância, perigo de morte, sonhos, medos, aventuras etc. As questões linguísticas, nesse caso sobre atitudes linguísticas, devem ser abordadas no final da entrevista quando o falante estiver próximo ou tiver atingido o vernáculo.

Dentro do modelo laboviano de entrevista, buscamos hierarquizar nossas entrevistas com perguntas mais panorâmicas sobre o dia-a-dia em São Paulo, diferenças culturais entre o Nordeste e São Paulo, até abordar o roteiro de interesse de nosso estudo, que eram as perguntas voltadas às atitudes linguísticas. Fizemos a hierarquização dessa maneira, pois as perguntas sobre atitudes poderiam parecer um pouco relativizadas e acabar influenciando nas respostas dos falantes.

Como a Teoria da Acomodação da Comunicação é um aporte teórico primordial para o desenvolvimento deste estudo, as observações etnográficas foram relevantes para a compreensão do fenômeno da convergência linguística. Para Giles et al. (2010), a acomodação entre dialetos se dá mais por questões de interação entre locutor e interlocutor do que por questões da organização discursiva (entrevista, leitura de texto). Assim, para a Teoria da Acomodação da Comunicação, o foco teórico recai no interlocutor da interação verbal.

A partir dessas conjecturas teóricas, optamos por coletar dados de interação dos falantes paraibanos em situação de interação com *outrem*, que não fosse mais com o entrevistador. Comprendemos que os falantes paraibanos passariam a atender as expectativas discursivas de outros interlocutores devido às necessidades contextuais, integração em grupo e de aceitação social.

No que concerne à coleta de dados através da observação etnográfica, tivemos como base o estudo de Malinowski (1976) *Argonautas do Pacífico*, também fundador do funcionalismo britânico da antropologia cultural. Malinowski (1976) afirma que a etnografia é um estudo baseado nas descrições de culturas, sendo o objetivo de o investigador etnógrafo compreender a maneira de viver a partir do ponto de vista dos seus nativos. A partir dos estudos de Malinowski, acreditamos que outro papel fundamental do observador etnógrafo é o de interpretar e o de descobrir os modos de pensar e sentir típicos correspondentes à comunidade em estudo. Assim, nesse segundo momento, nosso objetivo era o de coletar dados de interação verbal de falantes paraibanos em contato linguístico com falantes paulistas.

3.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas na Sociolinguística Variacionista estão relacionadas quase sempre aos fenômenos fonéticos e fonológicos, por serem mais recorrentes, mais

fácil de manipular e livres da dubiedade de sentido, como é o caso de estudos na Semântica.

Assim, segundo Fernández (*apud* CHACON, 2012), as formas fonéticas e fonológicas são mais estudadas, pois possuem traços que permitem analisar e averiguar de forma objetiva e fidedigna os fatores que implicam a aparição de determinada variante, a partir do peso relativo gerado pelo programa estatístico *GoldVarbX*.

Consoante Câmara Jr. (2006), o dialeto paulista em oposição ao paraibano se caracteriza por apresentar a realização fricativa alveolar do fone /s/ antes das oclusivas /t/ e /d/. Essa distinção categórica entre os falares também é defendida por Callou e Leite (2009), ao afirmarem que, dependendo do dialeto, só ocorrem [s] ou [ʃ] quando seguido de uma consoante surda, como em li[s]ta ou li[ʃ]ta. O mesmo também acontece quando o segmento posterior é uma consoante sonora, como em de[z]de e de[ʒ]de.

Dessa maneira, o *quadro 4* apresenta a delimitação das variáveis deste estudo:

Quadro 4 – variável fricativa e variantes antes das oclusivas dentais surdas /t/ e sonoras /d/

| Variável Fonema | Variantes Alofones | Oclusivas dentais |
|-----------------|--------------------|-------------------|
| /s/ | [s] | /t/ |
| | [ʃ] | |
| | [z] | /d/ |
| | [ʒ] | |

3.5 VARIÁVEIS SOCIAIS

Os fatores sociais são variáveis independentes, que podem ou não influenciar no processo de variação linguística.

Observamos o *quadro 5*, no qual estão apresentadas as variáveis sociais controladas neste estudo

Quadro 5: Variáveis sociais

| |
|----------------------------------|
| Códigos |
| Variáveis Sociais |
| Tempo de residência em São Paulo |

| | |
|---|---|
| (c) até 12 anos | (l) mais de 12 anos |
| Contato diuturno com falantes paulistas | |
| (r) reside com paulistas | (n) não reside com paulistas |
| Contato com falantes paraibanos | |
| (p) Falantes com contato com paraibanos | (s) Falantes sem contato com paraibanos |
| Idade | |
| (e) Adulto emergente (18-30 anos) | (d) Adulto acima dos 30 anos |
| Sexo | |
| (m) masculino | (f) feminino |
| Anos de escolarização | |
| (a) Até 2 anos de escolarização | (b) De 3 a 9 anos |
| Acima de 9 anos | |

A seguir, discorreremos sobre a importância de cada uma dessas variáveis sociais.

3.5.1 Tempo de residência em São Paulo

De acordo com Marques (2006), o tempo de residência é uma variável significativa para a acomodação linguística. Para esta variável, distribuimos os informantes em dois grupos, conforme apresentados no *quadro 5*.

Os estudos dos autores Laver e Trudgill (1979) argumentavam acerca da importância da variável *tempo de residência* em que o falante estaria em contato com um novo dialeto. O tempo de residência numa nova comunidade de fala é extremamente relevante e, por vezes, determinante para a compreensão do fenômeno de acomodação dialetal. Falava-se sobre essa variável desde os primórdios da Teoria da Acomodação, proposta por Giles (1970). Também já se discutia essa variável em estudos mais recentes, como os de Chacon (2012), Marques (2006) e Martins (2008). Grosso modo, foi observado que colaboradores com mais anos de residência em comunidades de fala em contato apresentavam maior expectativa quanto à convergência linguística.

3.5.2 Contato diuturno com falantes paulistas

A variável social *contato diuturno com falantes paulistas* se mostrou uma das mais relevantes neste estudo. A relevância desta variável aos estudos de acomodação dialetal se deve ao fato de que falantes paraibanos teriam maiores interações verbais com falantes paulistas. Deste modo, no caso de falantes paraibanos, cujo cônjuge fosse paulista, poderia haver maior expectativa quanto à convergência linguística ao falar paulista.

A pesquisa de Lima (2013) também apontou a relevância dessa variável quanto à mudança do falar recifense na Paraíba. Os dados desse estudo revelaram que informantes recifenses em contato diuturno com paraibanos obtiveram um peso relativo de 0,67 contra 0,33 dos que não tinham contato com paraibanos.

Dessa maneira, acreditamos que a mudança de um falar é decorrente da troca intersubjetiva entre os usuários de uma língua. Segundo Bourdieu (1999), as identidades sociais são criadas e sustentadas nos embates diários. Portanto, não é diferente nos estudos em dialetologia, cuja convergência de um dialeto para outro sofre influência das relações interpessoais.

3.5.3 Contato com falantes paraibanos

Dialeticamente, pensamos que se o contato diário com falantes paulistas poderia ser relevante aos estudos de acomodação dialetal, o contato com paraibanos também poderia refletir uma divergência linguística, ou seja, um retrocesso quanto à convergência linguística. Para isso, buscamos compreender quais grupos tinham ou não contato intenso com paraibanos.

3.5.4 Idade

O conceito de *idade* em estudos nas Ciências Humanas venha sendo revisitado ao longo. Assim, cunhamos a variável social *idade* a partir dos estudos de Labov (1991; 1972), sobre *a estratificação do [r] nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*, onde o fator idade teve um peso determinante na relação do objeto em estudo.

Sabemos que estudos da Sociolinguística clássica e pós-clássica atribuem importância ao fator idade, sobretudo, no que diz respeito aos jovens como “sujeitos

mais propensos à mudança linguística”, pois estão mais inseridos em distintas instituições sociais e esferas sócio-discursivas por representarem um grupo que ainda está em processo de recrudescimento identitário (TARALLO, 2005).

O fator *idade* não pode ser concebido de maneira estanque, pois o peso desse fator vai variar de acordo com a comunidade em estudo. Assim, Fernández (1998, p. 40) discute o papel da idade:

Conforme o tempo passa, determina e modifica as características e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos [...] e que de certa forma a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade que outros fatores como sexo ou classe social.

Dessa maneira, acreditamos que a variável *idade* vai dialogar com outras variáveis desta pesquisa, podendo adultos emergentes ou adultos acima dos trinta anos terem índices favoráveis à acomodação dialetal. Aliado à idade, devemos nos questionar quem é esse colaborador, o que faz em São Paulo, em quais espaços ele circula, para que nossa explicação não se torne reducionista no sentido de que somente os falantes mais jovens convergem sua maneira de falar e os falantes mais velhos, por questões de idade, passam a divergir do falar paulista.

3.5.5 Sexo

Outra variável que tem sido examinada como fator preponderante à acomodação dialetal entre homens e mulheres é a variável sexo (FISCHER, 1958; SCHERRE, 1996; LABERGE, 1977). Nos estudos de Fischer (1958), foi verificado que o uso da língua diferiria quanto aos usuários da língua, sendo homens e mulheres os grupos dessa variável. Não muito diferente Labov (1972) observou que a pronúncia do /r/ pós-vocálico em Nova York na fala feminina era proporcional ao aumento do nível de formalidade do discurso utilizado.

Diante desses estudos, devemos levar em conta o lugar em que a mulher ocupava na sociedade, quase sempre restrita ao doméstico, enquanto os homens tinham livre acesso ao público-privado. Assim, acreditava-se que as mulheres eram culturalmente mais propensas às regras formais da língua.

Em comunidades patriarcais, onde a cultura machista predomina, é possível perceber diferenças de *performance* quanto a uma variável linguística relacionada ao uso por homens e mulheres. No entanto, devemos ressaltar que essa relação entre sexo e desempenho linguístico nos estudos sociolinguísticos, assim como nesta pesquisa,

levam em consideração os espaços sociais e culturais conquistados pelas mulheres, o lugar de onde elas falam e com quem falam.

Este estudo contou com uma quantidade de 5 homens e 5 mulheres para a formação da amostragem, e evidenciamos que esse grupo de fator, aliado a outros fatores, tais como a escolarização, pode representar diferenças no comportamento linguístico. Esta variável foi controlada a partir dos seguintes grupos: a) falantes com idade entre 18 e 30 anos (dentro do conceito de “adulto emergente”, proposto por Arnett (2007); b) falantes acima 30 anos.

3.5.6 Anos de Escolarização

Labov (1966) havia refletido sobre a importância do nível de escolarização e observou que falantes menos escolarizados utilizavam variedades linguísticas não padrão com maior frequência, enquanto falantes mais escolarizados utilizavam um vocabulário mais formal. Decidimos escolher essa variável, pois, como bem afirmam Oliveira e Silva (*apud* MARQUES, 2006, p.78), a participação da escola é decisiva na configuração linguística da comunidade.

Oliveira e Silva (*apud* MARQUES, 2006, p.78) afirmam que fenômenos linguísticos como esses estudados na Sociolinguística Variacionista, mesmo não fazendo parte da agenda escolar, mostram-se quantitativamente tão condicionados pelo grau de escolarização quanto pelos que são parte da agenda escolar.

A variável *anos de escolarização* pode representar escolhas linguísticas que o falante faz para convergir a sua forma de falar para o dialeto de contato. Na pesquisa de Lopes (2012, p.98), o autor argumenta que o nível de instrução escolar foi controlado, e ele observou que: “de modo geral, os falantes com mais anos de escolarização tendem a usar as formas padronizadas e de maior prestígio”. Ou seja, os falantes desse estudo tendiam a privilegiar mudanças que representassem formas socialmente aceitas, desfavorecendo as que se opõem à forma padrão.

Nesta pesquisa, o fator *anos de escolarização* mostrou-se a variável mais relevante para o fenômeno de acomodação dialetal. No capítulo seguinte, iremos problematizar os resultados e como essa variável foi predominante no que concerne à convergência linguística.

3.6 VARIÁVEL ATITUDES LINGUÍSTICAS

A variável *atitudes linguísticas* foi examinada a partir da percepção do falante paraibano quanto à forma de falar típica do estado de origem e a forma de falar da comunidade de fala em contato.

A variável foi observada a partir da entrevista sociolinguística em atitudes, que continha questões e respostas relativas à maneira como os falantes achavam que melhor adjetivariam os falares paraibano e paulista. Os colaboradores tinham que escolher alternativas que apresentavam respostas de atitudes negativas, positivas ou neutras quanto à forma de falar na Paraíba e em São Paulo.

O objetivo de investigar as atitudes é o de compreender se elas podem ou não culminar em comportamentos linguísticos. Para isso, o pesquisador ao estudar as atitudes deve levar em consideração as experiências e necessidades de integração em distintos grupo sociais. Coupland (2007) afirma que a atitude linguística vincula-se a questões de status e solidariedade, constituindo-se como um aspecto *psicossocial* da memória coletiva, ou seja, que as atitudes são autoavaliações sobre determinado comportamento linguístico.

Percebemos, em nossa pesquisa, que o problema com as atitudes negativas é também devido ao sistema normativo de aprendizagem brasileiro, de acordo com o qual se aprende uma única maneira de falar, mas não se reconhecem outras possibilidades. Ou seja, a existência de outros dialetos nunca é vista como possibilidade.

Com base nos questionários e no discurso dos falantes consideraremos quais atitudes linguísticas esses colaboradores apresentam quanto ao falares em contato.

3.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa seção foi dividida em duas etapas: formação do *corpus* e etapas de coleta de dados, que incluía tanto as entrevistas como as observações etnográficas. Essa divisão facilitará a compreensão geral da pesquisa.

3.7.1 Formação do *Corpus*

Por questões de natureza de pesquisa, os instrumentos de coleta foram adaptados a fim de facilitar a avaliação qualitativa do estudo. Dessa maneira, seguimos as seguintes etapas:

Etapa 1: a ficha de caracterização do falante foi desenvolvida para traçar o perfil social do sujeito da pesquisa, assegurando que informações importantes fossem registradas durante o contato com os colaboradores. Em um segundo momento, após ter conhecido o novo colaborador, marcamos um dia apropriado para que a entrevista pudesse acontecer. A entrevista foi aplicada com uma média de quarenta a uma hora de duração, e envolvia questões desde o dia-a-dia, sonhos em morar em São Paulo, até questões específicas de atitude dialetal.

Etapa 2: Junto à entrevista de atitude linguística, aplicamos uma entrevista sociocultural e sociolinguística que foi baseada e adaptada de acordo com indicações de Tagliamonte (2006). O intuito dessa entrevista era de conhecer um pouco mais sobre os colaboradores, se poderia haver algum aspecto econômico, cultural e idiossincrático em comum entre eles e como forma de facilitar a dissertação qualitativa sobre eles.

Etapa 3: Não utilizamos pequenos textos com palavras previamente selecionadas com o intuito de investigar a percepção dialetal dos colaboradores. Em vez disso, optamos por compreender através de observações etnográficas como esses colaboradores se comportavam em distintos espaços discursivos com variados interlocutores. Acreditamos que a acomodação dialetal, conforme os expoentes da teoria já discutiam, é determinada pelas condições de produção de linguagem – quem fala, sobre o que fala, onde fala e, sobretudo, com quem fala. Tendo em vista que nem todos os colaboradores estavam dispostos a serem gravados, essa segunda etapa só foi possível com três colaboradores. Os espaços sociais escolhidos também obedecem às regras éticas de etnografia, e os sujeitos envolvidos na gravação autorizaram a gravação.

3.8 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

O método que norteou a coleta de dados seguiu alguns passos: primeiramente, explicamos a natureza da pesquisa e pedimos a autorização para realizá-la com base no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (no apêndice A).

O segundo passo foi o preenchimento da ficha de caracterização do falante, com o intuito de conhecer os falantes anteriormente à entrevista e para registrar informações prévias sobre o perfil de cada colaborador.

Logo em seguida foram realizadas as entrevistas, sendo estas agendadas por cada colaborador em dias diferentes. As entrevistas foram gravadas com a ajuda de um aparelho celular *Iphone modelo 5S*.

Após a gravação, tivemos que ouvir de *oitiva* cada áudio e codificamos os fenômenos que apareciam quanto às realizações do /s/ antes de /t/ e /d/. Esse momento foi duplicado, visto que o mesmo processo foi repetido com os dados coletados da análise etnográfica. Após a realização de todas as entrevistas, percebemos que alguns falantes se comportaram de maneira diferente quando interagem com outros falantes. Assim, decidimos fazer gravações a partir da observação etnográfica.

Por fim, é relevante informar neste capítulo que a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CCS-UFPB), com aprovação unânime durante a 5ª reunião de discussão sobre os aspectos éticos em pesquisas científicas na data de 16/06/2016, com nº 0239/16 e CAAE: 56258016.4.0000.5188.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo está dividido em duas etapas: análise quantitativa dos dados e, logo após, a análise qualitativa com base nos discursos dos colaboradores. Para a análise quantitativa, foi necessário tratar os dados após a coleta, codificando-os e passando para a etapa de rodada no programa estatístico *GoldVarbX* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

Como este estudo nasce numa perspectiva quantitativa, tendo objetivo compreender os desdobramentos sociolinguísticos e levando-se em conta o perfil e a trajetória dos colaboradores, foram necessárias duas rodadas gerais: a primeira com os dados coletados na entrevista e a última com os dados coletados na observação etnográfica.

Após a análise quantitativa, vamos discutir o comportamento atitudinal linguístico dos colaboradores quanto à forma de falar em seu dialeto de origem (paraibano) e no dialeto de contato (paulista).

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Neste primeiro momento, nosso objetivo é o de identificar quantitativamente os dados quanto à acomodação dialetal da fricativa /s/ antes de oclusivas surdas e sonoras /t/ e /d/ por falantes paraibanos residentes em São Paulo.

Assim, os dados são apresentados com base em índices percentuais e em peso relativo, neste último caso, quando o fator de controle é sinalizado como relevante pelo programa estatístico. Também observamos os fatores que não foram apontados como mais relevantes para o programa.

Para sabermos se os paraibanos estavam acomodando ao falar paulista, no que se refere ao fenômeno da *não* palatalização do segmento /s/ em coda silábica medial antes das oclusivas alveolares /t/ e /d/, selecionamos todos os fones produzidos nessa posição silábica em uma situação que favorecia menor monitoração da fala (no caso as entrevistas e etnografia).

Nesta rodada, obtivemos um total de 843 realizações da variável /s/, sendo 573 favorecendo ao fenômeno de acomodação dialetal contra 269 ocorrências de permanência do comportamento linguístico paraibano na fala dos colaboradores.

Observamos no *gráfico 5* um resumo da acomodação geral da fricativa /s/:

Gráfico 5: acomodação geral do fenômeno da não palatalização da fricativa /s/ anterior às oclusivas vozeadas e desvozeadas /t/ e /d/.



Os dados apontam um favorecimento do fenômeno da acomodação dialetal do falar paraibano em São Paulo. Inicialmente, observamos que, embora os falantes selecionados nesta pesquisa apresentassem certa quantidade de anos de exposição ao dialeto paulista, o que, conforme a literatura, essa variável desempenha um papel extremamente importante no processo de acomodação dialetal, observamos que boa parte dos falantes deste estudo residia há muitos anos na cidade de São Paulo. Assim, o fator *tempo de residência* não foi tão decisivo no processo de convergência linguística. No entanto, verificamos que além da variável *tempo de residência*, o fator *anos de escolarização* poderia influenciar no processo de acomodação.

Percebemos neste estudo que o fator *anos de escolarização* dá ao indivíduo mais acesso às oportunidades e, por conseguinte, acaba fazendo-os ascender a cargos de maior prestígio. A variável *anos de escolarização*, segundo Labov (1972), pode sinalizar certo aumento da capacidade do indivíduo em pensar sobre questões linguísticas, tornando-o capaz de notar distinções dialetais.

Conforme os dados obtidos no *gráfico 5*, podemos observar que 68% das ocorrências do fenômeno em estudo já sinalizam um acentuado favorecimento à convergência linguística. Por outro lado, o percentual de 32% pode revelar a manutenção do falar paraibano em alguns contextos de interação verbal.

O programa estatístico *GoldVarbX* selecionou, durante a primeira rodada, seis das oito variáveis em estudo como relevantes para a convergência ao falar paulista. Assim, em ordem crescente de relevância, temos as seguintes variáveis: anos de escolarização; contato com falantes paraibanos; contato diuturno com falantes paulistas; sexo; idade e contexto fonológico antecedente. As variáveis não selecionadas pelo programa foram: tempo de residência em São Paulo, tonicidade e número de sílabas.

Observamos os fatores relevantes em ordem de influência ao fenômeno de convergência linguística.

4.1.1 Anos de escolarização

Essa variável foi relevante para a compreensão do fenômeno de acomodação dialetal desse grupo de falantes paraibanos residentes em São Paulo, pois acreditamos que a escola pode influenciar direta ou indiretamente na forma como nos organizamos no mundo social através da língua.

A *tabela 3* mostra a relação entre os grupos e seus respectivos pesos relativos:

Tabela 3: Anos de escolarização

| ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO X NÃO PALATALIZAÇÃO | | | |
|--|-------------------|----------|----------------------|
| Anos | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| Até 2 anos | 98/175 | 56 | 0,34 |
| De 3 até 9 anos | 382/563 | 68 | 0,57 |
| Acima de 9 anos | 93/105 | 90 | 0,83 |

Input: .0.686

Significância: 0.048

Conforme aponta a literatura nos estudos variacionistas, a variável *anos de escolarização* pode se caracterizar como o conhecimento formal sobre a língua que o falante tem. Assim, durante as entrevistas, ao questionarmos se os colaboradores percebiam algo de diferente e categórico entre os falares paraibano e paulista, podíamos perceber que as respostas mais próximas ao nosso fenômeno fonológico eram de falantes com mais anos de escolarização. Como é possível observar na tabela 3, os falantes com menos anos de escolarização foram os que apresentaram um peso relativo de 0,34.

No grupo de 3 até 9 anos de escolarização, havia falantes com baixos anos de instrução e informantes com mais anos de escolarização. A média de 9 anos de escolarização é ainda relevante, tendo sido apontado pelo programa estatístico um peso relativo de 0,57, o que demonstra um favorecimento ao fenômeno de convergência linguística.

Ainda nessa variável, apenas o grupo de colaboradores com 9 anos de escolarização mostrou uma formação acadêmica e profissional acima dos demais. Tínhamos colaboradores especialistas, mestrandos na composição da amostragem deste trabalho, o que sinaliza que o conhecimento formal educacional pode torná-los falantes mais conscientes quanto à distinção dialetal. Deste modo, verificamos conforme a *tabela 3*, esse grupo apresentou um peso relativo de 0,83 e foi o maior peso relativo apontado pelo programa.

4.1.2 Variável contato com falantes paraibanos

Os resultados obtidos por esse grupo de fator nos chamou bastante atenção, pois, aliado às atitudes linguísticas negativas, acreditamos que a repulsa ao modo de falar paraibano e, portanto, a falta de contato com falantes paraibanos poderiam ajudar no processo de convergência linguística.

A segunda variável mais relevante para esta pesquisa encontra-se detalhada na *tabela 4*.

Tabela 4: Contato com falantes paraibanos

| CONTATO COM FALANTES PARAIBANOS X NÃO PALATALIZAÇÃO | | | |
|--|-------------------|----------|----------------------|
| Contato | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| Contato com paraibanos | 384/615 | 62,5 | 0,31 |
| Sem contato com Paraibanos | 189/228 | 83 | 0,69 |

Input: .0.686

Significância: 0.048

Observando a *tabela 4*, podemos verificar uma discrepância quanto à acomodação do segmento /s/ por falantes que têm contato com paraibanos e por falantes que não têm contato com paraibanos. Assim, os colaboradores que tinham contato com

paraibanos apresentaram um peso relativo de 0,31, o que desfavorece o fenômeno em estudo; enquanto falantes que não possuíam contato com paraibanos apresentaram um peso relativo de 0,69.

O contato foi avaliado levando-se em conta a maneira como esses falantes se relacionam com paraibanos, tanto em São Paulo, como viajando com certa frequência à Paraíba.

Chamou-nos atenção que nesse grupo de falantes sem contato com paraibanos, muitos deles tinham lembranças que eles julgavam “ruins” da cidade natal, e, portanto, apresentaram atitudes negativas quanto ao falar de origem.

Considerando a trajetória de nossos colaboradores e aliado à concepção de língua como prática intersubjetiva, podemos conjecturar que falantes ao estarem expostos a uma nova realidade dialetal, procurariam meios de participar das regras do convívio social e do dialeto em contato para que fossem aceitos socialmente. Assim, era de se esperar que falantes que não tivessem contato com pessoas de sua cidade de origem iriam ter como parâmetro linguístico os traços da comunidade alvo.

4.1.3 Contato diuturno com falantes paulistas

Apesar do trânsito dos falantes pelas distintas esferas sócio-discursivas numa comunidade de fala representar um fator de grande importância a ser analisado na versão qualitativa, acreditamos que o contato diuturno com falantes daquela comunidade, no caso do contato diuturno com falantes paulistas, poderia favorecer ainda mais o fenômeno.

Tabela 5: Contato diuturno com falantes paulistas

| CONTATO DIUTURNO X NÃO PALATALIZAÇÃO | | | |
|---|-------------------|----------|----------------------|
| Contato | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| Sem contato | 327/536 | 61 | 0,36 |
| diuturno com paulistas | | | |
| contato diuturno com paulistas | 246/307 | 80,2 | 0,64 |

Input: .0.686

Significância: 0.048

Ao controlarmos essa variável, tínhamos em mente que além da exposição ao dialeto paulista, colaboradores que tinham contato diuturno com falantes paulistas poderiam apresentar maior favorecimento quanto à convergência dialetal; enquanto falantes que não tinha contato diuturno com paulistas talvez não apresentassem expressiva acomodação ao falar paulista.

Assim, os números expressam o que já vislumbrávamos. Falantes com contato diuturno com paulistas apresentaram um peso relativo de 0,64, mostrando-se ser a terceira variável mais relevante desta pesquisa. Por outro lado, falantes que não tinham contato diuturno com paulistas apresentaram um peso relativo de 0,36, o que de certa maneira desfavoreceu o fenômeno de acomodação linguística.

4.1.4 Sexo

Tabela 6: Variável sexo *versus* não palatalização do /s/

| SEXO X NÃO PALATALIZAÇÃO | | | |
|---------------------------------|-------------------|----------|----------------------|
| Sexo | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| Feminino | 230/334 | 69 | 0,59 |
| Masculino | 157/509 | 31 | 0,41 |

Input: .0.686

Significância: 0.048

Atribuímos nesta pesquisa a variável *sexo* como uma forma de investigar se há diferenças comportamentais linguísticas entre homens e mulheres colaboradores deste estudo. Assim, não examinaremos essa distinção binária a partir da condição biológica, mas a partir do lugar que esses sujeitos ocupam no mundo social, sobretudo, na vida cotidiana e profissional na cidade de São Paulo.

Os dados revelaram que as mulheres desta pesquisa apresentaram um peso relativo acima dos homens, de 0,59 contra 0,41 do sexo masculino. Neste estudo, as mulheres são as colaboradoras com mais anos de escolarização, são também as que possuem maior trânsito e envolvimento na vida social na cidade de São Paulo. Deste modo, a premissa de que as mulheres se adaptam melhor às normas linguísticas está muito mais relacionada por questões de formação e de interação, do que por associação do sexo à necessidade de se adaptar às regras linguísticas da comunidade de fala em contato.

4.1.5 Idade

A quinta variável mais relevante foi outra variável extralinguística, a idade. Consoante a literatura internacional, é sabido que em muitos estudos clássicos da Sociolinguística Variacionista, a idade desempenha um papel extremamente relevante para a compreensão da mudança linguística.

Neste estudo, também esperávamos que falantes mais jovens pudessem sofrer maiores pressões linguísticas e sociais, por conta da formação identitária, necessidade de se integrar em grupos e por estarem mais preocupados em atender às necessidades conversacionais de seus interlocutores. Por outro lado, os colaboradores mais velhos estariam menos propensos à mudança linguística, por não estarem envolvidos diariamente em esferas de maior pressão social. Observamos na *tabela 6* os resultados dessa variável.

Tabela 7: Idade x Palatalização

| IDADE X PALATALIZAÇÃO | | | |
|------------------------------|-------------------|----------|----------------------|
| Idade | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| 18-30 anos | 273/394 | 69,7 | 0,57 |
| Acima de 30 anos | 287/449 | 54 | 0,44 |

Input: .0.686

Significância: 0.048

Em nossa pesquisa, as hipóteses de que os falantes mais novos apresentariam maior expectativa e falantes mais velhos menores expectativas quanto à convergência linguística se confirmaram. A *tabela 6* mostra que falantes do grupo de 18-30 anos apresentaram um percentual de 69,7% e 0,57 de peso relativo, contra 54% e peso relativo de 0,44 dos falantes mais velhos deste estudo.

4.1.6 Contexto fonológico anterior

Acreditamos que o segmento anterior à variável de controle poderia ser relevante ao fenômeno em estudo. O programa detectou, após o cruzamento de variáveis, que a variável contexto fonológico precedente era a sexta variável de maior influência ao fenômeno de acomodação linguística.

Tabela 8: Contexto fonológico anterior

| CONTEXTO FONOLÓGICO ANTERIOR X PALATALIZAÇÃO | | | |
|--|------------|----|---------------|
| Contexto | Apl./Total | % | Peso Relativo |
| Vogal dorsal | 193/262 | 74 | 0,54 |
| Vogal labial | 267/383 | 69 | 0,51 |
| Vogal coronal | 79/130 | 60 | 0,46 |
| Vogal nasal | 34/68 | 52 | 0,32 |

Input: .0.686

Significância: 0.048

A última variável que o programa *GoldVarbX* detectou, como relevante para este estudo, foi o contexto fonológico anterior à fricativa /s/. Delimitamos essas ocorrências somente após ouvir os áudios de nossas entrevistas, e percebemos a ocorrência das seguintes vogais: dorsal /a/, labial /o/, coronal /e/ e nasal /o/.

Conforme a *tabela 8*, podemos verificar que o fenômeno de produção do fonema sibilante /s/ antes de /t/ e /d/ foi mais produtivo quando a vogal dorsal /a/ era o contexto fonológico anterior, como na palavra *ba[s]tante*. O peso relativo atribuído a esse contexto dorsal foi de 0,54 e um percentual de 74% das ocorrências pertinentes ao fenômeno. Em segundo lugar, ficou a vogal labial /õ/, com 69% das ocorrências e 0,51 do peso relativo. Um exemplo para esse segundo contexto é a palavra *go[s]to*. Em seguida, o programa detectou as ocorrências para o segmento coronal /e/, como em *re[s]taurante*, e representou um percentual de 60% e um peso relativo de 0,46, que desfavoreceu ao fenômeno. Por fim, o programa detectou uma menor relevância da vogal nasal /õ/, com 52% de ocorrência e um peso relativo de 0,32, um exemplo dessa ocorrência é visto na palavra *con[s]trução*.

Cagliari (1974, p.118), ao estudar a palatalização do português do Brasil, especificamente do dialeto paulista, afirma que, do ponto de vista fonético, a palatalização caracteriza-se por “uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória de produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”. Ou seja, o comportamento da fricativa /s/ em situação palatal é também parte do processo de assimilação sofrido por certas consoantes e vogais em contato com um fonema palatal.

4.2 Variáveis não detectadas pelo programa estatístico

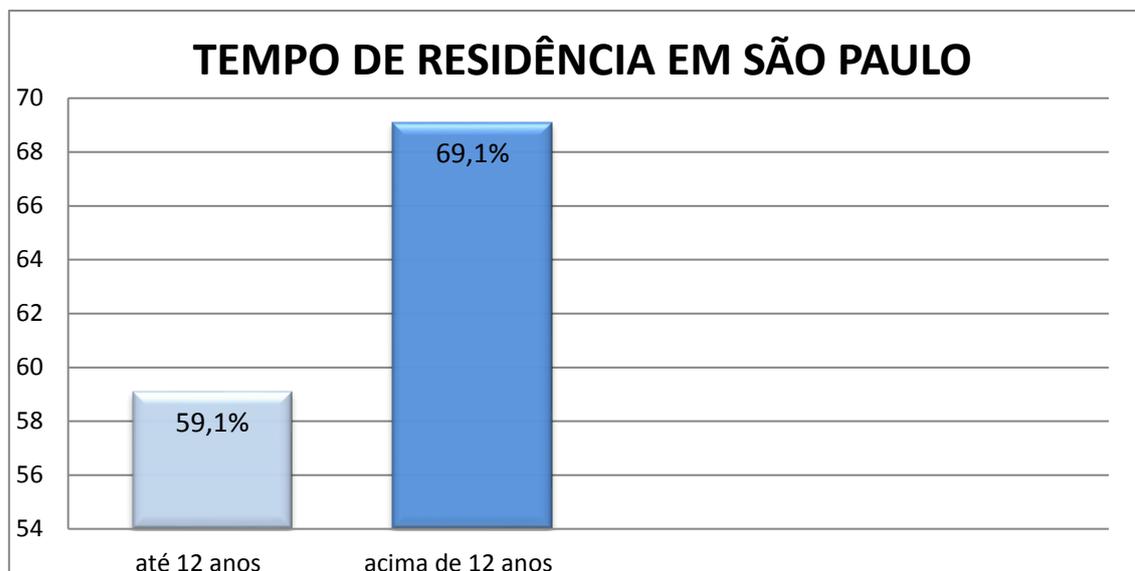
Após o cruzamento das oito variáveis sociais e linguísticas, o programa detectou que algumas variáveis já não influenciavam no processo de acomodação do segmento /s/ anterior às oclusivas /t/ e /d/ no falar paulista. As variáveis não detectadas, porém, ainda relevantes para este estudo, foram: tempo de residência em São Paulo, tonicidade e tamanho de palavra.

Por não terem sido acusadas na melhor rodada no programa estatístico, essas variáveis não receberão peso relativo, mas apenas um percentual das ocorrências.

4.2.1 Tempo de residência em São Paulo

Uma das surpresas ao rodar os dados coletados foi que a variável tempo de residência em São Paulo não foi selecionada dentre as mais relevantes. No entanto, neste estudo, embora tivéssemos separado os falantes em dois grupos de fatores, todos os colaboradores dessa pesquisa já moravam há pelo menos 6 anos em São Paulo. Assim, acreditamos que a variável já não era tão determinante para a convergência linguística quanto às demais selecionadas. Vejamos o *gráfico 6*.

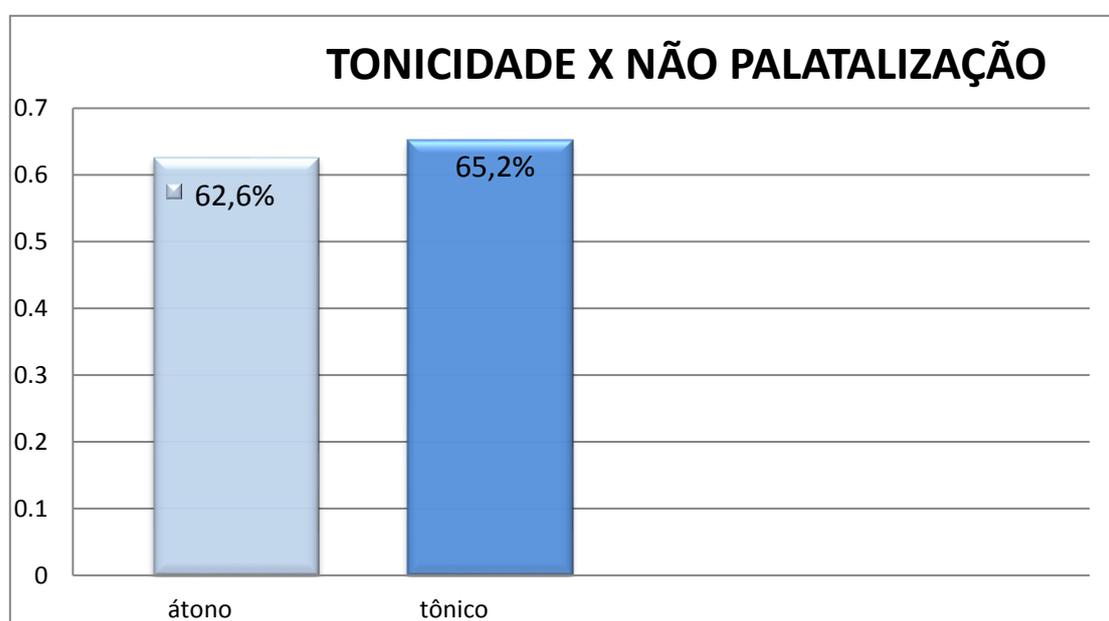
Gráfico 6: tempo de residência em São Paulo



4.2.2 Tonicidade

Ao selecionarmos a variável linguística *tonicidade*, coadunamo-nos às contribuições de Cagliari (1974), quanto à palatalização no estado de São Paulo, pois, esperávamos que sílabas tônicas e átonas pudessem induzir os falantes à convergência e/ou à divergência linguística, pois a marca do prolongamento silábico em sílabas tônicas poderia tornar o segmento /s/ antes de /t/ e /d/ mais notório aos colaboradores deste estudo. No *gráfico 7*, temos um breve resumo de como foi o comportamento dessa variável em nossa coleta de dados.

Gráfico 7: Tonicidade x não palatalização do segmento /s/



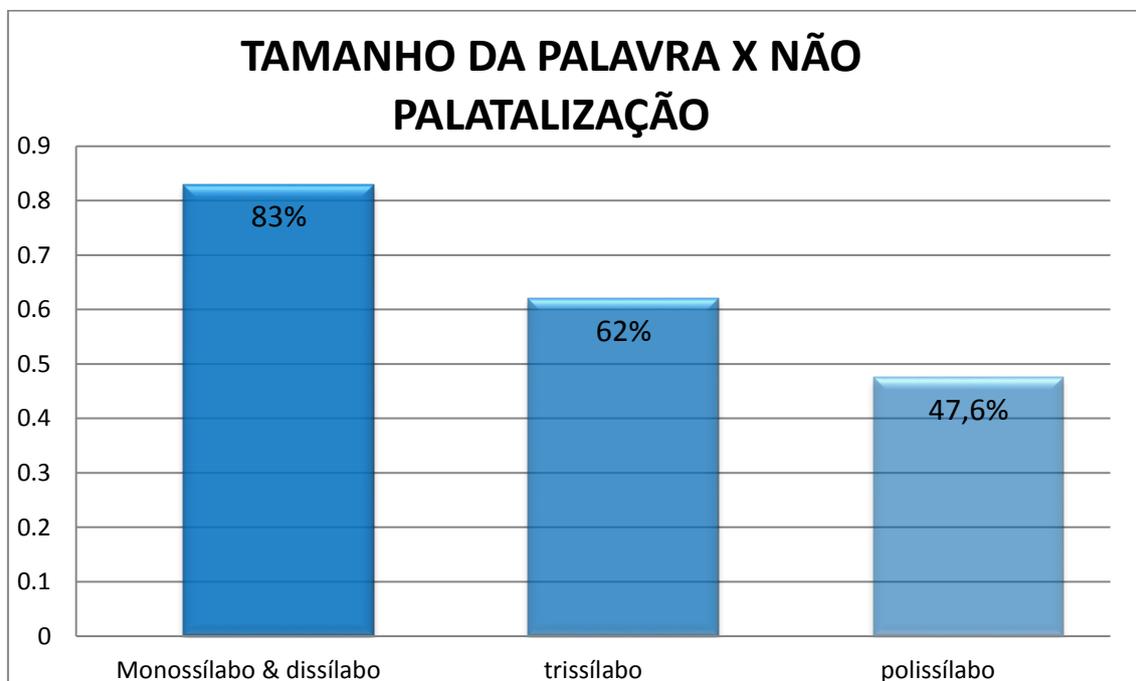
Neste estudo, verificamos que o segmento /s/ antes de /t/ e /d/ favorecia mais ao fenômeno de convergência linguística quando recaía numa sílaba tônica. Conforme o *gráfico 7*, o percentual de favorecimento foi de 65,2% contra 62,6% em casos de sílaba átona. Observamos que quase não houve diferença entre os fatores.

4.2.3 Tamanho da palavra

A *variável tamanho da palavra* foi outro fator linguística que o programa detectou como não influente para o processo de acomodação dialetal do objeto de estudo em questão. Acreditamos que o tamanho da palavra junto à tonicidade poderiam revelar a pronúncia através da sílaba (sendo acentuada ou não) e seu comprimento em:

monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo. No *gráfico 8*, temos um breve resumo de como se comportou essa variável.

Gráfico 8: Tamanho da palavra x não palatalização



Conforme o *gráfico 8*, podemos fazer uma leitura de que palavras com até duas sílabas eram mais comuns de acontecer a convergência linguística ao falar paulista. Assim, esse contexto linguístico apresentou um percentual de 83% de possibilidade de ocorrência da acomodação da fricativa /s/; enquanto o tamanho da palavra em até três sílabas, percebemos um percentual de 62%. O tamanho da palavra menos relevante neste contexto foi o tamanho polissílabo, que recebeu 47,6% das ocorrências.

4.2.4 Resultados etnografia *versus* entrevista

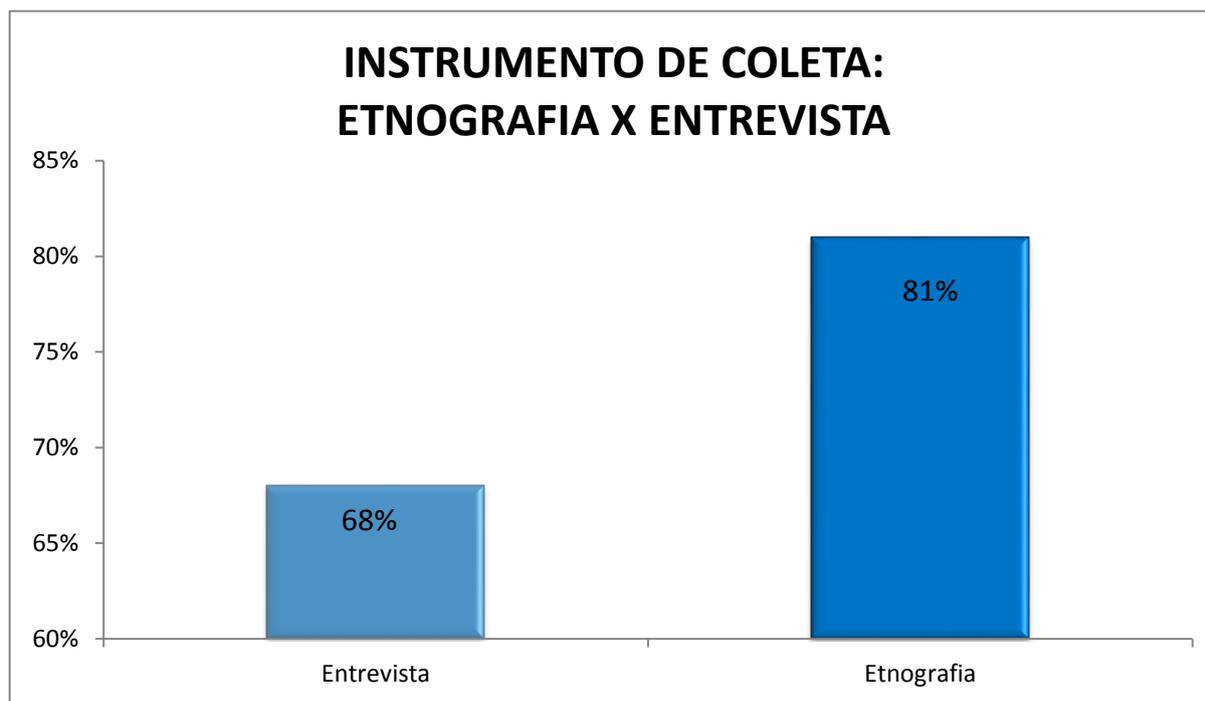
Conforme argumentamos na metodologia, apenas três colaboradores permitiram a realização da observação etnográfica em outras situações além da entrevista sociolinguística. Os colaboradores que participaram dessa segunda etapa foram os falantes 1, 4 e 7. Nessa segunda rodada, foram detectadas 922 ocorrências, das quais 746 favoreciam a acomodação dialetal, contra 176 ocorrências de manutenção do sotaque paraibano.

É relevante ressaltar que dos três colaboradores, duas eram mulheres, com muitos anos de escolarização e anos de exposição ao dialeto paulista. Interessa-nos aqui,

comparar os resultados obtidos na entrevista e na etnografia, portanto, não discorreremos sobre variáveis que o programa detectou. Assim, utilizaremos as situações mais relevantes dos discursos em situação de entrevista e observação etnográfica na análise qualitativa.

Observamos o *gráfico 9* para melhor compreender a comparação entre os estilos de coleta:

Gráfico 9: Resultados etnografia x entrevista



O percentual de acomodação da fricativa /s/ no falar paulista por paraibanos residentes em São Paulo nos mostra que o estilo observação etnográfica favoreceu mais à convergência linguística do que o estilo de coleta entrevista. Acreditamos que esses dados são reflexos do que já era discutido no âmbito da Teoria da Acomodação da Comunicação, no qual os falantes de uma língua sofriam pressões para atender às necessidades do contexto de interação verbal. Desta maneira, na observação etnográfica, observamos que o foco da interação verbal entre falantes reside na própria condição de produção de fala, ou seja, um sujeito que age no mundo *na e pela* língua, dirige-se a um interlocutor da interação e essa situação de interação também é organizada num contexto sócio-histórico determinado.

No *gráfico 9*, podemos compreender que apesar de termos feito a entrevista numa perspectiva menos monitorada e seguindo todas as recomendações de Tagliamonte (2008), no que concerne à entrevista, o resultado não é tão favorável quanto o resultado obtido na observação etnográfica.

Na observação etnográfica, diferentemente da entrevista, os dados foram coletados em situação espontânea de interação verbal, na qual os falantes sofriam pressões sociais e linguísticas condizentes aquele específico momento. Como afirma Malinowski (1976), a etnografia é uma experiência real de vida, cuja organização social é mantida pela dinamicidade dos sujeitos, de sua cultura e do lugar de onde eles falam.

4.3 Resultados e análise qualitativa

Antes de adentrarmos as falas dos colaboradores deste estudo, é necessário que observemos um resumo dos falantes que mais acomodaram ao falar paulista. O *quadro 6* apresenta um resumo do percentual de convergência linguística a partir das análises das aplicações durante a pesquisa em situação de entrevista e observação

Quadro 6: Percentual de acomodação ao falar paulista

| TOTAL DE APLICAÇÕES POR FALANTE PARAIBANO | | | | |
|---|-------------------------|-------|-------------------------|-------|
| Falantes | Nº app/total entrevista | % | Nº app/total etnografia | % |
| 1 | 73/101 | 71,6% | 329/412 | 80% |
| 2 | 86/113 | 75% | Não participou | |
| 3 | 49/87 | 58% | Não participou | |
| 4 | 42/79 | 54% | 133/186 | 72,9% |
| 5 | 27/66 | 40,8% | Não participou | |
| 6 | 31/66 | 48% | Não participou | |
| 7 | 112/144 | 74,2% | 293/324 | 91% |

| | | | | |
|-----------|-------|--------------|----------------|--|
| 8 | 39/59 | 66,6% | Não participou | |
| 9 | 49/74 | 62% | Não participou | |
| 10 | 36/54 | 68,9% | Não participou | |

O percentual de cada falante em situação de entrevista ou em situação de etnografia nos permitiu realizar uma análise qualitativa tendo como parâmetro o comportamento desses falantes em situação de interação verbal. O discurso dos falantes paraibanos em São Paulo nos permitiu compreender se houve uma relação atitudes linguísticas e comportamento linguístico.

Consoante as contribuições de Coupland (2007) e Fernández (1998), as atitudes são construções *psicossociais* valorativas que podem contribuir para determinado comportamento linguístico, mas não é um comportamento em si mesmo. As atitudes foram observadas em escaladas de adjetivos, tais como: feio, arrastado, bonito, agradável; como também em escala numérica do grau de satisfação do sotaque que o colaborador tinha quanto ao falar de origem e de contato; as atitudes foram avaliadas a partir do discurso dos próprios falantes, ou seja, se eles apontavam algum preconceito ou estereótipo quanto aos falares em estudo. Outra forma de avaliação das atitudes foi a de considerá-las em grupos de positividade, negatividade, e/ou neutralidade.

Quanto aos resultados obtidos na observação etnográfica, verificamos que os colaboradores 1, 4 e 7 apresentaram uma relação positiva quanto à convergência linguística. O falante 4 nos chamou atenção pelo seu nível de instrução mais baixo. Por essa razão, saiu de um resultado quase que neutro, de 54% na entrevista para 71,9% em situação de etnografia, o que compreendemos como um favorecimento ao fenômeno em estudo. Por outro lado, as colaboradoras 1 e 7 são as que mais têm anos de escolarização, portanto, não dá para saber através do instrumento etnografia, se elas estavam conscientes ou não quanto à mudança de registro linguístico.

Partindo da importância dos estudos em atitudes linguísticas, estabelecemos alguns critérios para identificar a extensão dessa variável quanto à acomodação. Em situação de entrevista, tentamos avaliar esse aspecto atitudinal a partir de questões:

- ❖ Percepção das diferenças linguísticas entre os dois dialetos.

- ❖ Avaliação de atitude sobre o falar paraibano, se positiva, negativa ou neutra;
- ❖ Avaliação do falar paulista;
- ❖ Percepção de preconceito sofrido em relação ao dialeto paraibano em São Paulo;
- ❖ Atitudes que outras pessoas têm quanto ao dialeto de origem (paraibano);
- ❖ Avaliação sobre a mudança do sotaque;
- ❖ Identificação dos fatores que influenciam a assimilação do falar paulista;
- ❖ Perguntas sobre a Paraíba e São Paulo, dialetos em contato, aspecto cultural, e tópicos que versam sobre estilo de vida, amizade, inserção social e profissional na capital paulista.

4.4 Análise qualitativa da fala dos colaboradores paraibanos

Colaborador 1

Essa colaboradora mora em São Paulo há 7 anos, é casada com um paulista e também tem família paulista. Ela é graduada em arquitetura, faz pós-graduação na área e trabalha numa empresa há 4 anos. O perfil dessa colaboradora é relevante por conta de sua trajetória profissional e acadêmica que a fez se mudar de cidade. A seguir, abordaremos trechos transcritos da entrevista.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Neste estudo, apesar de a abordagem direta ser o ponto de partida para a coleta dos dados em atitudes, achamos relevante ressaltar a importância da percepção linguística quanto às diferenças dialetais, pois acreditamos que as noções perceptivas são *a priori* à produção e, portanto, falantes mais sensíveis a essa percepção dialetal estariam mais conscientes quanto à produção linguística da comunidade de fala em contato:

Interlocutor 1(entrevistador): Você percebe alguma diferença entre a forma de falar lá da Paraíba com a daqui de São Paulo? Você acha que mudou sua maneira de falar?

Colaborador 1: Olha, essa diferença eu já comecei a notar de[s]de que eu comecei a namorar meu marido, que é pauli[s]ta. Tem diferenças sim, lá na Paraíba, as pessoas falam mais rápido e o pessoal daqui co[ʃ]tuma dizer que a gente fala meio cantando. Eu não acho que eu falo cantando, mas eu ainda falo um pouco rápido, dá pra ver, né? Aqui em São Paulo tem uns “chiados” que não tem no sotaque paraibano. Por exemplo, quando eu comecei a trabalhar no aeroporto, tinha um rapaz que se chama T[ʃ]iago, e todos o os dias as pessoas chamavam ele de “t[ʃ]i” ou “t[ʃ]it[ʃ]i”. De início foi e[s]tranho me aco[ʃ]tumar com essa realidade e eu insi[s]tia chamá-lo da forma como eu falo mesmo, mas eu iria ser a diferente na empresa e também porque as pessoas já pegavam no meu pé pela diferença do meu sotaque. Eu moro aqui há sete anos e é impossível não mudar, mas as pessoas ainda percebem que não sou daqui e eu acho isso ótimo, pois mesmo que muitos da minha família digam que eu mudei a forma de falar, não acho que mudei tanto como alguns colegas paraibanos que conheço e que moram aqui em São Paulo.

Colaborador 1

No momento da entrevista, podemos perceber que o *colaborador 1* fez alterações quanto à produção do /s/ antes de oclusivas /t/ e /d. É possível também perceber que esse colaborador estava consciente quanto às diferenças entre o dialeto paraibano e paulista e também quanto à variedade do falar no estado de São Paulo.

Interlocutor 1(entrevistador): O que você acha do seu sotaque? Tem algo que não gosta? Você prefere a forma de falar daqui?

Interlocutor 2: Colaborador 1: Eu acho que meu sotaque é meio mi[s]turado, mas acho que mais paraibano que pauli[ʃ]ta. A única coisa que eu acho que precisava mudar para trabalhar onde trabalho é a altura da minha voz, pois eu falo alto. Acho que é isso o que eu não go[s]tava na forma de falar, porque a gente acaba se passando por mal educado. Não vou mentir que sofri **MUITO** aqui em São Paulo por ser paraibana, também não posso negar que tive muitas oportunidades e fiz boas amizades. Eu acho o sotaque daqui bonito, os “esses” são bonitinhos, mas a nossa forma de falar é mais bonita. O que eu não go[s]to da forma de falar daqui é a pronúncia do “erre” do interior. Há duas moças que trabalham comigo e são de Rio Claro. MINHA NOSSA! Me dá agonia aqueles “erres” longos.

Colaborador 1

Nesse trecho da conversa, percebemos através do discurso do *colaborador 1*, que sua forma de falar ocupa um *entrelugar* linguístico – de um dialeto menos prestigioso (falar paraibano) em contato com um de maior prestígio social e linguístico (falar paulista). Apesar dessa consciência linguística, o *colaborador 1* afirma que sua fala está em manutenção e não apresenta, apesar dos preconceitos sofridos, nenhuma grande rejeição quanto a sua maneira de falar em São Paulo (BHABHA, 1999).

Uma atitude negativa que o *colaborador 1* tem quanto à forma de falar paraibana é a de achar que todo paraibano fala alto, sendo, portanto, mal educado. Esse discurso de que o paraibano fala *alto, arrastado, cantando, comendo as palavras ou produzindo sons que não “há” no PB* são construções de atitudes linguísticas negativas. E muitas vezes essa percepção é aprendida na escola, universidade, na família, nas mídias sociais, ou seja, nas distintas discursivas.

Assim, conforme as contribuições de Fenández (1998), acreditamos que as atitudes são aspectos etnocêntricos que podem estar explícitos e condicionando determinados comportamentos linguísticos. O discurso proferido por determinadas instituições sociais também tem valor simbólico na construção desse ideário de que há maneiras “belas” e “feias” de falar uma variedade de uma língua.

- ❖ Avaliação de preconceitos sofridos e atitudes que paulistas têm quanto ao falar paraibano

Interlocutor 1 (entrevistador): Alguém já riu, criticou, elogiou ou teve uma atitude preconceituosa quanto à sua forma de falar, apenas por ser paraibana?

Interlocutor 2 Colaborador 1: Já sofri mais preconceito do que situações de elogio. Quando as pessoas vêm elogiando, no fundo elas acabam ridicularizando a nossa forma de falar. Uma vez eu e[s]tava no metrô e um senhor puxou assunto, isso quando eu tinha chegado aqui em São Paulo. Ele notou que eu não era daqui e eu disse que era paraibana. Eu acho que ele não sabia sequer onde fica a Paraíba, pela forma que ele falava, mas ele já começou a tirar “onda”, de maneira mais “leve”, claro! Ele já começou com “**oxente, Paraíba?**” E eu já fiquei por toda “por fora”. Quando eu falei um pouco de mim, que era formada, que trabalhava numa boa empresa, ele logo se admirou, pois acho que ele pensou que lá na Paraíba só tem “mato” ou que viria trabalhar como doméstica aqui. É o que pensam da gente aqui, infelizmente.

Uma situação pior aconteceu na universidade, quando eu e[s]tava apresentando um seminário, alguns alunos e o próprio professor ficavam rindo da minha forma de falar e, às vezes, quase que “corrigindo”. Eu ficava irritada, mas não tentava brigar por que eu era minoria ali. Eu sentia que esse professor me perseguia [...] uma colega minha disse que quando eu faltava ele dizia “**Ah, a paraibana arretada faltou...?**”. Mas é isso, viver aqui em São Paulo é matar um leão por dia.

Colaborador 1

Em vários momentos, o discurso do *colaborador 1* apresenta marcas preconceituosas com relação à migração paraibana em São Paulo. Neste trecho, percebemos que as pessoas na cidade de São Paulo logo associam paraibanos aos cargos de menor prestígio, como na situação do metrô. Nessa situação, é possível perceber que atitudes etnocêntricas e xenofóbicas ainda ocorrem em instituições de ensino, como é o caso do exemplo do professor universitário.

Segundo Rocha (1984), o ego etnocêntrico ocorre em distintas instituições da sociedade. Para o autor, o princípio dos comportamentos etnocêntricos se dá por meio do relativismo cultural e científico. No caso da instituição escola, percebemos que por muitos anos a escola vem funcionando como uma instituição que reproduz comportamentos das classes que detêm o poder.

❖ **Violência simbólica e mudança dialetal**

Interlocutor 1(entrevistador): Você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceita? Você gostaria de falar como as pessoas daqui?

Interlocutor 2 Colaborador 1: Como eu falei, eu achava que iria sofrer mais preconceito na rua, mas não na universidade ou no trabalho. Fiquei surpresa. Eu tentava, conforme o tempo, me adaptar e mudar minha forma de falar para que as pessoas não percebessem que eu era paraibana. Atualmente eu trabalho em outro lugar, **GRAÇAS A DEUS!** E lá não sofri nenhum preconceito, acho até que “tô” voltando a ser mais paraibana. [...] Eu tentava mudar meu vocabulário, falava mais devagar, os “esses” eu mudava os “chidos” que eram mais necessários, o vocabulário que faz parte daqui [...] eu não gostaria de falar como as pessoas daqui, eu quero ser aceita e respeitada por ser paraibana, se eu mudar a minha forma de falar será devido ao tempo que moro aqui, mas não por pressão. Assim que eu gostaria que fosse.

Colaborador 1

A fala da colaboradora demonstra que os efeitos da acomodação dialetal eram motivados por pressões sociais, preconceito, xenofobia e por atitudes etnocêntricas. Segundo Bourdieu (1999), a língua, assim como qualquer outra atividade social, é mediada por trocas simbólicas, tanto por questões negativas como por questões de integração em grupo, como é o caso da violência simbólica em que o *colaborador 1* sente-se pressionado a se adaptar ao ritmo linguístico da comunidade de fala em contato.

Ainda no que diz respeito à violência simbólica, Bourdieu (1999) assinala que é através do que ele chama de *sistemas simbólicos*, ou seja, a língua, a arte, a religião, que o poder se edifica e se materializa. Tendo como ponto de análise os capitais simbólicos postulados por Bourdieu (1999), podemos conjecturar que o lugar ocupado pelo paraibano em São Paulo é na verdade um *não lugar*, ou seja, é viver num horizonte de injúrias e de constante ameaça à identidade linguística de origem.

Colaborador 2

Esse colaborador é natural de Pombal/Pb e na Paraíba ele trabalhava na agricultura, porém, não estava satisfeito com a vida que levava e decidiu morar em São Paulo, onde poderia arrumar melhores condições de vida.

❖ Percepção de diferenças dialetais

Interlocutor 1 (entrevistador): Você percebe alguma diferença entre a forma de falar lá da Paraíba com a daqui de São Paulo? Você acha que mudou sua maneira de falar?

Interlocutor 2 Colaborador 2: Pra ser sincero, quando vim pra São Paulo eu sabia que era diferente, uma cidade gigante. O pessoal aqui fala um pouco diferente [...] o vocabulário que é diferente. Aqui o pessoal fala *biscoito* em vez de *bolacha*. São pequenas diferenças que a gente acaba pegando. Minha esposa, que é da Bahia, fala que eu mudei ba[s]tante na forma de falar. Meus parentes de lá de Pombal quando vêm aqui ou quando “nois fala” pelo telefone também diz que mudei, mas não acho que mudei não.

Colaborador 2

Nosso colaborador 2 percebe que há diferenças na forma de falar, mas não identifica como diferença questões fonológicas entre os dialetos. A percepção de distinção dialetal que esse colaborador tem é mais no que diz respeito ao léxico. O *colaborador 2* não passou por situações de preconceito linguístico, pois, diferentemente dos demais colaboradores deste estudo, ele não sofre tantas pressões sociais e linguísticas e não está inserido em situações de opressão sociais como é o caso do colaborador 1, que cursava nível superior e trabalhava numa empresa.

❖ Atitudes quanto os dialetos paraibano e paulista

Interlocutor 1(entrevistador): O que você acha do seu sotaque? Tem algo de que não gosta? Você prefere a forma de falar daqui?

Interlocutor 2: Colaborador 2: Sim, go[s]to muito da forma como falo, não há nada que eu não go[s]to. Eu acho bonita a maneira como as pessoas daqui de São Paulo *fala*, mas não é pra mim não. Sou paraibano e vou morrer paraibano, nunca precisei mudar a forma de falar, e sabe quanto tempo moro aqui? Há 18 anos e sempre muito bem tratado.

Colaborador 2

Embora esse colaborador enfatize que nunca precisou mudar e que goste da forma como fala, é necessário ressaltar que, após as colaboradoras com maior escolarização, ele foi o que mais acomodou ao falar paulista. A relação que o *colaborador 2* tem com os paulistas é muito mais profissional e, talvez por isso, não haja tanto atrito quanto à sua identidade linguística.

❖ Avaliação de preconceitos sofridos e atitudes que paulistas têm quanto ao falar paraibano

Interlocutor 1(entrevistador): Alguém já riu, criticou, elogiou ou teve uma atitude preconceituosa quanto à sua forma de falar, apenas por ser paraibano?

Interlocutor 2 Colaborador 2: Sempre fui bem tratado por onde e[s]tive aqui em São Paulo. Tenho amigos paraibanos que sempre falam “desse preconceito”, comigo nunca houve isso. Acho que sei me comportar, respeitar a opinião dos outros. É mais fácil que as pessoas elogiem o meu sotaque por ser diferente do daqui [...] e olhe que já morei em vários lugares, até no interior. Sabe aquele ditado, respeito é bom e todo mundo go[s]ta? Eu respeito e quero ser respeitado, se falam mal “por trás”, aí não sei, mas sempre fui bem tratado.

Colaborador 2

Diferentemente do *colaborador 1*, o *colaborador 2* não sofreu preconceito linguístico durante seus dezoito anos em São Paulo. Ele relata que teve sorte e que por respeitar as pessoas onde trabalha, ele recebe acolhimento. Embora sendo paraibano, o lugar onde transita e o espaço onde se organiza na cidade também é diferente, o contato interpessoal também é diferenciado nos dois casos até aqui analisados, portanto não nos cabe relativizar sobre a proeminência do preconceito em São Paulo.

❖ Violência simbólica e mudança dialetal

Interlocutor 1 (entrevistador): Você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceita? Você gostaria de falar como as pessoas daqui?

Interlocutor 2 Colaborador 1: Isso não! Não, nunca precisei fingir ser o que não sou. Mudar a forma de falar é esconder que você é. Nunca precisei não. No começo quando morei em São Mateus, eu achava bonita a maneira como falavam lá. Eu não sei, nunca fui obrigado a mudar a maneira de falar, mas ainda acho linda a forma de falar daqui, acho **suave** e o sotaque não é tão “**aperreado**” como o de vocês de lá.

Colaborador 2

Quanto às atitudes linguísticas, desde o início, observamos no *colaborador 2* atitudes positivas quanto à forma de falar tanto na Paraíba como em São Paulo. Por vezes, defendendo a ideia de que não vem mudando a sua forma de falar e de que não sofreu preconceito. O *colaborador 2* caracteriza linguisticamente a forma de falar paraibana como “aperreada”, ou seja, “caótica”, e não se inclui nesse “caos” quando faz uso do pronome dêitico “vocês” e aponta para o entrevistador conferindo a ele e a todos os outros paraibanos que estão na Paraíba.

Por outro lado, o *colaborador 2* ao adjetivar o sotaque paulista como “suave”, observamos que essa escolha refletiu-se por achar o sotaque paraibano “arrastado”. Conforme explicita Bakhtin (2011), a palavra é uma ponte estabelecida entre o locutor e interlocutor, sendo ela marcada por sua característica polifônica. Ainda segundo o autor, a palavra nunca é vista como “item dicionarizado”, mas como “produto de interação verbal” causando efeito dialógico a quem se direciona.

Acreditamos que as vozes que permeiam no discurso do falante são vozes “dominantes” marcadas historicamente e que tentam caracterizar linguisticamente a supremacia de um dialeto sobre outro. Percebemos que esse relativismo cultural e linguístico também contribuiu para a convergência linguística do falar paraibano em São Paulo.

Colaborador 3

O colaborador 3, que é natural da cidade de Ibiara, mora em São Paulo desde 2007 e trabalha como ajudante de pedreiro desde que chegou à capital paulista. Em São

Paulo, ele conquistou seu lugar, independência financeira e pôde ajudar a sua família na Paraíba. Esse colaborador, assim como os demais colaboradores, relata experiências de dificuldades e de preconceito.

❖ Percepção de diferenças dialetais

Interlocutor 1(entrevistador): Você percebe alguma diferença entre a forma de falar lá da Paraíba com a daqui de São Paulo? Você acha que mudou sua maneira de falar?

Interlocutor 2 Colaborador 3: Sim, sim, é notável a diferença de um paraibano e um paulista falando. Dá pra perceber de longe, as conversas são diferentes, a forma de falar, a educação também. Aqui as pessoas não falam arra[s]tado, há muita palavra diferente e gírias também. Quando eu voltei a e[s]tudar, eu achava que fosse melhorar minha forma de falar, que fosse me adaptar à maneira que falam aqui. [...] então eu acho que mudei, mas não muito.

Colaborador 3

Quanto às percepções dialetais, embora o *colaborador 3* notasse que houvesse diferença, ele não conseguiu identificar durante a entrevista distinções fonológicas entre os dialetos em estudo. Em seu discurso, há atitudes positivas quanto ao falar paulista, atribuindo ao dialeto a palavra “não arrastado” e ao paraibano “arrastado”.

Esse colaborador, por ter ido muito novo a São Paulo e sem grandes oportunidades de estudo, viu-se obrigado a trabalhar da maneira como podia, e durante os relatos dele, houve muitas experiências de humilhação pela sua condição de negro e nordestino.

❖ Atitudes quanto os dialetos paraibano e paulista

Interlocutor 1(entrevistador): O que você acha do seu sotaque? Tem algo que não gosta? Você prefere a forma de falar daqui?

Interlocutor 2: Colaborador 3: É pra falar a verdade? Pode? Eu acho feia a forma de falar na Paraíba [...]. desculpa, sei que você também é de lá. Quando eu ligo para meus pais e familiares, eu acho e[s]tranho, porque falam muito rápido, alto e arra[s]tado, no final ninguém entende nada. Eu odiava a forma como eu falava, parecia um **matuto**, as pessoas riam demais da forma como eu falava, até meu irmão que chegou a morar aqui antes de mim. Eu tive que **reaprender** a falar como as pessoas daqui. Eu não acho que o português falado aqui é o mais correto, mas comparado com o de lá, aqui falam mais correto, mais devagar, respeitam as regras da linguagem, pelo menos eu acho. Meu filho nasceu aqui, fala como as pessoas daqui, eu go[f]to mais da forma de falar daqui.

Colaborador 3

É notório que o discurso do *colaborador 3* é repleto de atitudes negativas quanto à forma de falar na Paraíba. Seu discurso não é neutro, é dialógico e ressignificado a partir dos discursos que oprimem a variedade linguística. Ao dizer que “reaprendeu a falar como as pessoas daqui”, o colaborador anula a possibilidade de se comportar como paraibano, e que qualquer variedade linguística que não esteja dentro dos padrões linguísticos paulistas será considerada “feia”, “desagradável”, “não padrão”, “agramatical”.

Esse discurso verticalizado já era comum na época da colonização portuguesa no Brasil. Segundo Said em seu livro *Cultura e Imperialismo* (1995), as relações de poder entre colônia e metrópole se firmavam antemão *na* e *pela* linguagem. Não muito diferente do contexto desta pesquisa, percebemos que o discurso do falante 3 também é modificado a partir da ótica das vozes “superiores”, nesse caso, o falar paulista.

- ❖ Avaliação de preconceitos sofridos e atitudes que paulistas têm quanto ao falar paraibano

Interlocutor 1 (entrevistador): Alguém já riu, criticou, elogiou ou teve uma atitude preconceituosa quanto à sua forma de falar, apenas por ser paraibano?

Interlocutor 2 Colaborador 3: Vou falar a verdade. O povo aqui é ba[s]tante preconceituoso com relação aos norde[s]tinos. Agora com a vitória da Dilma, não que eu concorde, mas quem for norde[s]tino, “tá” sofrendo muito preconceito. Nunca elogiaram, sofri muito.... não sei se é preconceito, mas já fui xingado de muita coisa por ser norde[s]tino...eu trabalho numa obra onde até hoje me chamam de **barriga verde**, sabe? É na brincadeira, mas sei que tem fundo é verdade, todos os pedreiros são nordestinos, e que me chama é o pessoal da engenharia. Já ouvi que “não ba[s]ta ser negro, tem que ser norde[s]tino”. Hoje eu encaro na brincadeira, vou fazer o quê, né?

O relato do *colaborador 3* representa a forma como muitos paraibanos e nordestinos são tratados em São Paulo. Não muito diferente da universidade, onde a *colaboradora 1* estava envolvida em situações de opressão, o *colaborador 3* também está inserido em ambientes de relações de poder.

O contexto de opressão vivenciado por esse colaborador é numa obra de construção civil. Assim, os pedreiros e serralheiros trabalhavam numa relação de poder verticalizada, na qual engenheiros e arquitetos detinham o saber acadêmico e eles a mão-de-obra.

Outro relato de preconceito vivenciado por colaborador é quando ele diz que foi chamado de “barriga verde”, que em outras palavras, refere-se ao relativismo cultural, em que o *verde* representa a mata, ou seja, o “débil”, o “incivilizado”, o de falar “arrastado”, o “Paraíba”, o que vem de uma sociedade “não institucionalizada”; e o termo *barriga* representa simbolicamente a incapacidade desses sujeitos de abandonarem comportamentos “incivilizados”. Em outras palavras, a expressão representa que os falantes paraibanos, apesar de morarem anos em São Paulo, tinham o espírito “matuto” e “incivilizado” dentro de si.

Decerto, essa expressão foi a que mais nos surpreendeu na pesquisa, pois ela é repleta de relativismo linguístico e cultural, é a máxima expressão de preconceito e xenofobia contra o povo do Nordeste. Apesar de receber tais insultos, o colaborador não consegue compreender essa violência simbólica como atitude preconceituosa.

❖ Violência simbólica e mudança dialetal

Interlocutor 1 (entrevistador): Você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceito? Você gostaria de falar como as pessoas daqui?

Interlocutor 2 Colaborador 3: JÁ, MUITO! Quando cheguei aqui eu passei muita vergonha, as pessoas pediam para eu repetir o que tinha acabado de falar apenas para rir da minha forma de falar. Era horrível! Mas eu sabia que não fala correto, tinha que mudar... Eu pre[s]tava atenção na maneira como eles falavam, se comportavam e ia aprendendo. Os *mano* do trabalho dizia “**lá vai zé paraíba**”. E eu tenho orgulho da Paraíba, mas não da forma como falava. É feia, você vai num banco falar com a gerente, a moça super simpática e falando correto e eu lá falando errado [...] ela já pensa, é do norde[s]te, só pode!

Colaborador 3

No que diz respeito à violência simbólica, podemos ver como exemplo a situação vivenciada por esse colaborador em um banco, em que ele precisa estabelecer interação verbal com a gerente. Ele sabe que fala diferente dele, e essa diferença é o objeto a ser violentado simbolicamente. O falar paraibano, por ser considerado pelas vozes “dominantes” como uma variedade “sem prestígio”, acaba refletindo na maneira como esse colaborador passa a encarar o seu vocabulário. Ele não buscava convergir sua fala ao dialeto em contato por questões apenas de integração em grupos sociais, mas para amenizar o sofrimento de ser paraibano, negro e com baixa escolarização. No caso do *colaborador 1*, por ser branca e com alto nível de instrução, não sofreu o preconceito

dessa maneira como o *colaborador 3*. No caso desse colaborador, por ele fazer parte de uma minoria com tamanha peculiaridade, podemos perceber que ele sentiu que era necessário mudar a sua forma de falar para poder ser mais aceito socialmente.

Colaborador 5

A *colaboradora 5* foi a São Paulo para acompanhar seu marido em busca de melhores condições de vida. Ambos são paraibanos e naturais da cidade de Cruz do Espírito do Santo. Ela não trabalhava na Paraíba, mas em São Paulo começou a trabalhar como doméstica e como babá. Observemos alguns trechos da entrevista feita com essa colaboradora.

❖ Percepção de diferenças dialetais

Interlocutor 1(entrevistador): Você percebe alguma diferença entre a forma de falar lá da Paraíba com a daqui de São Paulo? Você acha que mudou sua maneira de falar?

Interlocutor 2 Colaborador 5: Meu filho, tem ba[ʃ]tante diferença sim, viu?. Lá o povo é mais “avexado”, né? Aqui não, as pessoas têm mais calma, falam mais pausadamente... É bonito, mas né pra mim não! Viu? Minha irmã que mora lá sempre diz “valha como você tá falando chique”. Aí eu já começo a me achar, achando que “tô” falando diferente mesmo. Mas eu acho que não mudei muito não. Lá as pessoas falam “visse!” aqui já não se fala, inclusive minha filha, que nasceu aqui me corrige quando falo assim “**visse o quê, mamãe?**”. Olha... outra palavra, eu chamo “**mainha**”, aqui é “mãe” ou “mamãe”. Lá em João Pessoa as pessoas falam “**quentinha**” já aqui é “**marmitex**”, não sei qual palavra é mais feia. [...] Eu ainda falo “**jerimum**”, aqui a gente fala “**abóbora**”, besteira da “molé[ʃ]tia”, né? Minha melhor amiga aqui ela ri demais e já me batizou de “**da gota serena**” (risos)... Porque ela nunca ouviu essa expressão e fala que a gente, norde[ʃ]tino inventa muita palavra e[s]tranha. [...] Minhas duas patroas [...] deixa explicar (risos)... Eu sou domé[ʃ]tica, trabalho em alguns lugares, e minha patroa às vezes me corrige, porque eu não tenho muito estudo, e elas têm, sabe? Mas minha fala mudou muito não, “tá” parecida com a do povo de lá.

Colaborador 5

A entrevista com a colaboradora 5 fluiu muito bem. Ela estava à vontade e disposta a conceder a entrevista. Com base na transcrição de um pequeno trecho da entrevista, podemos perceber que quanto à percepção entre os dialetos, ela só conseguiu dar como exemplo casos envolvendo o campo lexical. Ela representa um grupo de nordestinas que, apesar de sofrer preconceito linguístico, tentam conviver com essa realidade.

No que concerne à acomodação dialetal, essa colaboradora apresentou um percentual de 40,8% de aplicações favoráveis ao fenômeno, constituindo ainda um baixo índice de convergência.

❖ Atitudes quanto aos dialetos paraibano e paulista

Interlocutor 1(entrevistador): O que você acha do seu sotaque? Tem algo de que não gosta? Você prefere a forma de falar daqui?

Interlocutor 2: Colaborador 5: Não é que eu não go[s]to, é que toda patroa pede para eu falar mais baixo, além de corrigir um monte de coisa que falo. Eu acho que porque eu cuido da casa e dos filhos delas, elas ficam com medo de que as filhinhas dela aprendam a minha fala errada. Eu queria falar mais correto, não envergonhar minhas filhas, nem a mim mesma. Eu amo o sotaque norde[.]tino, adoro ser norde[.]tina, não mudaria muita coisa não. Eu acho bonita e mais correta a fala daqui, mas eu prefiro a de lá, não tem comparação, né?

Colaborador 5

No que concerne o discurso da falante 5, percebemos que sua vontade em mudar ou reajustar algo que a incomoda em sua maneira de falar não é por vontade própria, mas devido a sua preocupação com seus interlocutores. Durante toda a entrevista ela foi educada, mas percebemos que ela preferiria estar em sua cidade em vez de está passando humilhações numa cidade como São Paulo. É possível perceber que ela demorou muito na entrevista para poder dizer o que realmente acha sobre os dialetos em contato.

❖ Avaliação de preconceitos sofridos e atitudes que paulistas têm quanto ao falar paraibano

Interlocutor 1(entrevistador): Alguém já riu, criticou, elogiou ou teve uma atitude preconceituosa quanto à sua forma de falar, apenas por ser paraibana?

Interlocutor 2 Colaborador 5: Aqui como é um bairro simples, periferia, não há essa besteira não, mas onde eu trabalho e nos lugares mais nobres, as pessoas são muito preconceituosas sim. Parece que quanto mais rico, mais nojenta a pessoa fica. Uma vez, lá onde eu trabalho na pauli[s]ta, eu falei pro sobrinho pequenininho da minha patroa, que estava bagunçando a casa “menino, pára de bulir aí”, ela ouviu e me questionou achando que eu tinha falado um palavrão. Ele me repreendeu, e dizendo para eu falar mais “civilizadamente”. [...] Nas faxinas que faço por aqui, as pessoas se divertem comigo, lá nos bairros nobres não, eu tenho que ser “fina” e “pauli[s]ta” pra elas. Uma vez a minha patroa trouxe algo bem go[.]toso de uma lanchonete “Starbucks”, e ela disse: “...come algo de futuro, que não tem na Paraíba”, não sei se tem na Paraíba, tem? Enfim, mas era go[.]toso. E eu disse “**go[.]toso e ela disse é go[s]toso!**”

Colaborador 5

Conforme o discurso da *colaboradora 5*, podemos perceber que a opressão sofrida por ela quanto à sua maneira de falar é mais recorrente nas esferas discursivas onde ela se sente menos parte, das quais são geralmente formadas por paulistas, ricos e brancos. Conforme os discursos dos demais falantes, podemos analisar que o falar nordestino é sempre ridicularizado e comparado como formas “incivilizadas” de falar. Por estar numa posição socioeconômica diferenciada, a patroa da nossa colaboradora acha que pregar o preconceito linguístico é a melhor forma de tratar a sua ajudante. Portanto, assim como a relação aluna-professora, pedreiro-engenheiro, e agora doméstica-patroa, observamos que o ego etnocêntrico surge nas relações onde o exercício de poder precisa ser estabelecido verticalmente.

Outro momento desse trecho é quando ela tenta falar o nome da filial americana de lanches “Starbucks”. Ao mencionar que sua patroa a corrigiu quanto à produção do /s/ antes de /t/ e /d/ no vocábulo go[s]toso, percebemos que a correção é, *per se*, uma violência simbólica, conforme afirma Bourdieu (1999).

❖ Violência simbólica e mudança dialetal

Interlocutor 1(entrevistador): Você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceito? Você gostaria de falar como as pessoas daqui?

Interlocutor 2 Colaborador 5: Só nas ocasiões onde trabalho, por que eu trabalho nas casas de elite, então, para passar menos vergonha eu tento mudar um pouco. Eu nunca passei fome na Paraíba, mas não vivia tão bem como aqui. Então, só em falar que eu sou paraibana meus padrões já esperam que eu vá pedir aumento ou outra ajuda. Ou que eu não posso ser confiável, a gente sente a diferença de tratamento. No começo, quando vim eu não me adaptava e queria muito falar como eles, como se fosse mágica, para eu não ser vista como burra, né? Mas já tem 8 anos que moro aqui, acho que não mudo mais não.

Colaborador 5

Diferente do *colaborador 2*, que é o próprio padrão e que não sofre essa pressão verticalizada de poder, a *colaboradora 5* apresenta um discurso oprimido por sua condição sócio-história de paraibana numa cidade tão grande como São Paulo. Diante desse depoimento, era de se esperar que ela tentasse, de alguma forma, mudar a sua maneira de falar, para ser menos estigmatizada por parte de suas patroas.

Colaboradora 7

A *colaboradora 7*, que é natural de João Pessoa, foi para São Paulo acompanhada de seus pais, os quais estavam em busca de melhores condições de trabalho e educação para seus filhos. O perfil dessa colaboradora é relevante para este estudo, pois ela trabalhou como operadora de *telemarketing* durante alguns anos e passou por um processo de suavização de sotaque para que pudesse continuar no emprego.

❖ Percepção de diferenças dialetais

Interlocutor 1 (entrevistador): Você percebe alguma diferença entre a forma de falar lá da Paraíba com a daqui de São Paulo? Você acha que mudou sua maneira de falar?

Interlocutor 2 Colaborador 7: Com certeza, apesar de aqui ainda ser Brasil, aqui é um outro mundo, a forma de falar aqui é extremamente diferente da forma que falamos na Paraíba. [...] Aqui tem uns “chiados” onde não tem na fala paraibana, como em “**t[ʃ]io, t[ʃ]inha**”, etc. Tem esse “chiado”... Ah, também tem os “erres” que são diferentes em João Pessoa, não são tão fortes, aqui são marcados demais, como em “**fêrnando**”. Eu mesma não uso esse “erre”, acho forçado demais. Os “esses” são limpinhos aqui, não há “chiado”, diferente do “t”, como em **re[s]taurante[tʃ]i**. Lá na Paraíba se fala com “chiado”? Nem lembro, faz tanto tempo que não vou à Paraíba. Sei que é diferente do RJ, porque tem uma colega minha que trabalha comigo que ela é de lá, é tanto “chiado”, posso e[s]tar confundindo com a paraíba. Sim, minha maneira de falar mudou ba[s]tante, e[s]tremamente eu diria, apesar de que muitos pauli[s]tas da “gema” percebem que não sou daqui, uns acham que sou do Sul, outros quando digo que sou norde[s]tina, acham que sou da Bahia ou do Maranhão, talvez porque eu estou num meio-termo, né? Enfim. Então eu digo que minha fala mudou, quando meus parentes vêm da Paraíba eu mesma percebo a diferença e penso, Jesus, o que é isso? (risos).

Colaborador 7

Dentre todos os colaboradores desta pesquisa, a *colaboradora 7* foi a que mais apresentou consciência fonológica quanto à variedade dialetal em questão. Ela não apresenta o maior tempo de residência em São Paulo. Mesmo assim, apresentou um percentual de mais de 70% de acomodação em situação de entrevista e mais de 90% em situação de observação etnográfica. Essa colaboradora tem muitos anos de escolarização e passou, por o que ela mesma chama de trauma, um processo de “suavização de sotaque” quando trabalhou como operadora de *telemarketing*.

No que concerne ao trecho da entrevista, podemos observar que essa colaboradora compreende as variedades linguísticas de comunidades de fala do Brasil, ao exemplificar que seu sotaque não apresenta tanta semelhança com o falar paraibano. Também é notório que essa falante tem consciência fonológica sobre o fenômeno em estudo, quando ela aponta para as possíveis semelhanças do seu falar modificado com os falares presentes em algumas regiões dos estados do Nordeste, os quais apresentam uma produção suavizada do segmento /s/ antes de /t/ e /d/.

❖ Atitudes quanto os dialetos paraibano e paulista

Interlocutor 1(entrevistador): O que você acha do seu sotaque? Tem algo de que não gosta? Você prefere a forma de falar daqui?

Interlocutor 2: Colaborador 7: Sei que mudou ba[s]tante quando cheguei aqui. Eu já percebia a drá[s]tica diferença entre meu falar e o das pessoas aqui, mas aos poucos, fui mudando. Eu acho meu sotaque ainda parecido em algumas situações com os das pessoas da Paraíba, mas ainda assim é diferente. Não sei o que preferir, o go[s]to do daqui e go[s]to do de lá. Mas para não fazer a “neutra”, eu não go[s]to muito do sotaque do interior daqui. [...] Como falei, os “erres” são forçados, longos, intermináveis. Posso responder que go[s]to dos dois falares? ... É verdade, eu go[s]to. Eu não acho o seu sotaque arra[s]tado, mas conheço paraibanos que têm um cantado [...] não é feio, mas eu não quero pra mim (risos).

Colaborador 7

A *falante 7*, embora quisesse não aparentar ser neutra quanto às atitudes linguísticas, afirmou no final da entrevista que ela tinha certa predileção quanto o falar paulista.

Quando a colaboradora diz que ao chegar a São Paulo falava como as pessoas de “lá”, o uso do advérbio de lugar “lá” evidencia que ela ainda compartilhava traços linguísticos comuns ao falar paraibano. Por outro lado a partícula “aqui” é usada para se distanciar da fala que ela carregava e, que agora, a falante se identifica mais com o falar paulista.

- ❖ Avaliação de preconceitos sofridos e atitudes que paulistas têm quanto ao falar paraibano

Interlocutor 1(entrevistador): Alguém já riu, criticou, elogiou ou teve uma atitude preconceituosa quanto à sua forma de falar, apenas por ser paraibana?

Interlocutor 2 Colaborador 7: Já passei por muita pressão aqui em São Paulo por ser paraibana. A maior parte do preconceito aqui, ao menos comigo, foi muito sutil, as pessoas são educadas demais para “xingar”, elas brincam, ironizam, e te atinge da pior forma possível, sem você saber se foi por querer ou por aquele preconceito “inconsciente”, sabe? [...] O primeiro emprego que consegui aqui em São Paulo foi como operadora de *telemarketing*, e no dia da minha entrevista, numa empresa grande e renomada daqui, a gerente percebeu que eu não era daqui. Sem olhar na minha cara ela disse “**De onde você é?**” eu disse: “**da Paraíba**”, e ela disse apenas uma coisa que ficou na minha cabeça “**vamos trabalhar esse sotaque carregado, certo?**”. Meus primos que são daqui já haviam dito que o maior preconceito aqui é institucional, na rua ninguém se preocupa como você fala, mas no ambiente de trabalho, eles prezam pela formalidade. Eu fiz um curso que tinha aulas para melhorar o sotaque, a gente aprendia técnicas de pausa, de como perguntar e responder, de produzir sons daqui (para quem não é paulista), era uma tortura, por que eu sentia que eu estava sendo ca[s]trada, perdendo minha identidade. Eu hoje sou formada em Administração e Relações públicas, trabalho com comunicação, com público, então você deve imaginar que eu sofri ba[s]tante para mudar e me adaptar às necessidades de trabalho, né? Hoje como mudei o suficiente, já não sofro tanto... Mas foi tenso!!!! Cheguei até pensar em voltar. Hoje não mais, não me vejo longe de São Paulo!

Colaborador 7

O que diferencia essa colaboradora dos demais é sua trajetória pelos espaços de comunicação social, fazendo com que ela tivesse acesso às instruções explícitas quanto à forma de falar em São Paulo. No entanto, não muito diferente dos demais colaboradores, a forma de opressão também era estabelecida de maneira vertical e institucional, na qual a “norma padrão” era vista literalmente como regra a ser seguida e tudo o que fugisse desses moldes seria rechaçado.

Outro ponto relevante nesse trecho da entrevista com a colaboradora⁷ é quando a informante relaciona a forma de falar à identidade linguística, afirmando que a mudança do sotaque e o curso de “mudança de sotaque” eram formas de desconstruir a identidade linguística. Uma das formas de ressignificação identitária é partir das discussões sobre língua e linguagem, nas quais Bakhtin (2011) levanta, ao dizer que o agir no mundo social é o agir discursivamente, e esse discurso é intersubjetivo e

identitário. Assim, acreditamos que qualquer forma de anulação de uma variedade linguística é uma construção de violência simbólica.

❖ Violência simbólica e mudança dialetal

Interlocutor 1 (entrevistador): Você já precisou mudar a sua maneira de falar para ser aceito? Você gostaria de falar como as pessoas daqui?

Interlocutor 2 Colaborador 7: Inicialmente eu mudei porque era precisava, porque eu trabalhava com a comunicação, meus pais com venda, então, todo mundo lá em casa buscou maneiras de mudar um pouco, sabe?. Acho que dava mais credibilidade, as pessoas paravam de perguntar com tanta frequência de onde éramos, entende? Era um saco! Não é ruim dizer que é da Paraíba, ruim é explicar onde fica [...] “tipo” as pessoas nunca sabem, ou quando sabem, tem uma visão muito preconceituosa, e pra evitar atrito eu não prolongava na conversa. No início eu go[s]tava de falar iguais as pessoas daqui, mas hoje eu já no meu emprego, queria que fosse o contrário, mas acho que se fosse, eu não e[s]taria onde e[s]tou. *É muito louco isso, como a comunicação interfere na nossa forma de interagir com os outros, e como isso muda nossa vida.* É tri[s]te também que há tanto preconceito contra norde[s]tinos. Eu não passei por nenhum momento de insulto grave, mas conheço colegas que passaram [...] um horror!

Colaborador 7

Por fim, podemos compreender, a partir do discurso da *colaboradora 7*, que as pressões sociais e linguísticas, a que ela era submetida, vinham das esferas profissionais em que ela trabalhava. Ao usar a palavra “credibilidade”, podemos estabelecer um paralelismo do que não é “credível”, ou seja, o sotaque paraibano. Assim, nesse contexto de trabalho ser paraibano é sinônimo de não passar “credibilidade”.

Em um dos trechos finais da entrevista, a falante começa a refletir sobre as condições de produção linguísticas, e passou a reavaliar a importância do discurso e da interação verbal. É *na* e *pela* língua(gem) que nos constituímos enquanto sujeitos, assim, é válido ressaltar como afirma Moita Lopes (2009), as identidades linguísticas são construtos de artefatos culturais e sociais, constituindo nossa maneira de *ser* e *agir* no mundo *através* da língua.

Desta maneira, a convergência linguística é também mudança identitária, e essa mudança acontece devido às forças internas (linguísticas) e por questões extralinguísticas (fatores sociais e culturais) que nos fazem repensar nossa maneira de ser. O papel da díade locutor-interlocutor, como nos casos aluno-professor, empregada-

patroa, pedreiro-engenheiro, vendedor-cliente, é fundamental na construção de nossa identidade linguística, como já afirmavam Giles et al. (2010). Percebemos, por fim, que a convergência linguística foi motivada pelas atitudes linguísticas, e que a mudança do falar também foi resultado das preferências de cada falante quanto ao dialeto em contato e das crenças linguísticas que cada falante carregava consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido ao longo desta pesquisa, propusemo-nos a analisar como as atitudes linguísticas podem influenciar no processo de acomodação linguística de falantes paraibanos residentes em São Paulo. Sabemos que para alcançarmos esse objetivo, precisávamos também examinar as atitudes linguísticas dentro de situações de interação verbal. Para isso, recorremos aos estilos de coleta *entrevista* e *observação etnográfica*.

A abordagem utilizada ao longo da pesquisa foi de caráter direto, visto que acreditamos que trabalhar em comunidades de prática geraria maiores expectativas quanto aos resultados sobre convergência linguística. Ao utilizarmos os estilos entrevista e observação etnográfica, estávamos preocupados em observar a espontaneidade de fala, pois, consoante as pesquisas de Labov (1972), o entrevistador deve buscar questionamentos relevantes com o intuito de fazer com que ao conversar esse falante atinja o vernáculo, ou seja, a forma de interação menos monitorada possível.

Outra preocupação teórico-metodológica que tínhamos era seguir táticas ideais de entrevistas, como bem argumenta Tagliamonte (2008), ao dizer que a técnica ideal é aquela que produz narrativas de experiências pessoais, como por exemplo: a infância, perigo de morte, sonhos, medos, aventuras e assim por diante.

Assim, anteriormente à coleta, tivemos o cuidado em recrutar um grupo de falantes paraibanos residentes em São Paulo a partir de critérios sociolinguísticos com a finalidade de que as variáveis tivessem a mesma quantidade de respondentes.

Após a coleta, conforme detalhamos no capítulo III, buscamos ouvir cada áudio para verificarmos se o fenômeno fonológico em estudo, no caso, o comportamento da fricativa /s/ antes das oclusivas surdas e sonoras /t/ e /d/, era recorrente em posição não palatal. O fenômeno da palatalização, segundo Hora (2003), é um fenômeno categórico do falar paraibano, correspondendo a um percentual de 28% no dialeto paraibano. Trata-se de um fenômeno motivado pelos contextos fonológicos posteriores /t/ e /d/.

A escolha da fricativa /s/ antes de /t/ e /d/, se deu por sua *performance* ser categórica em ambos os falares: no falar paraibano esse fonema é marcado pela sua palatalização, que segundo Crystal (1985, p.192), o termo palatal “refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato

duro”, enquanto no caso do falar paulista, a realização do fone /s/ não ocorre quase sempre em posição línguo-alveolar, não causando obstrução do palato.

Embora a escolha fonético-fonológica tenha essa razão de “categorização” dos falares aqui em estudo, é necessário ressaltar que o valor simbólico atribuído a cada falar nos fez escolher esse determinado fenômeno. Ou seja, uma escolha fonético-fonológica por si só não justificaria a relevância de uma pesquisa no âmbito da Sociolinguística Variacionista. É necessário, portanto, que existam motivações, pressões linguísticas e sociais envolvendo o fenômeno.

Dessa maneira, no que tange à realização do fonema /s/ antes de /t/ e /d/ na Paraíba, podemos dizer que essa variável tem um menor prestígio linguístico e social, enquanto a realização desse fonema na comunidade de fala paulista tem status social e linguístico mais prestigioso.

Diante dessa construção sócio-histórica e linguística em torno da produção do /s/ em ambos os falares, observamos que falantes migrantes paraibanos em São Paulo, em situação de interação verbal com distintos interlocutores, eram mais coagidos a mudar a maneira de falar para atender às necessidades conversacionais de seus interlocutores.

Os resultados obtidos na primeira rodada (em situação de entrevista) mostraram um total de 843 realizações da variável /s/, sendo 573 favorecendo ao fenômeno de acomodação dialetal e 269 ocorrências que ainda mostravam o comportamento tipicamente paraibano na fala dos colaboradores deste estudo. Diante disso, observamos que 68% dos dados obtidos pelo programa estatístico *GoldVarbX* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) favorecia ao fenômeno de mudança dialetal.

Dentre as variáveis sociais e linguísticas que controlamos, três delas nos chamou particularmente a atenção a variável *anos de escolarização*, que previamente à coleta separamos em três grupos de fatores em ordem crescente de anos de escolarização. Essa variável é extremamente relevante para os estudos em acomodação dialetal, pois o papel da escola pode interferir direta e indiretamente na maneira como nos organizamos na língua. Deste modo, falantes com mais de 9 anos de escolarização apresentaram um peso relativo de 0.83; enquanto falantes semiletrados (com apenas dois anos de escolarização) apresentaram um peso relativo de 0.34.

Quanto à segunda variável mais importante, concluímos que falantes que não tinham contato com outros paraibanos apresentaram um resultado favorecendo aos estudos de convergência linguística com peso relativo de 0.69. Por fim, ainda no que diz respeito às variáveis mais importantes desta pesquisa, o programa apontou como a

terceira variável mais relevante o contato diuturno com falantes paulistas. Como era de se esperar, falantes que interagiam mais com paulistas e tinham contato diuturno apresentaram um peso relativo de 0.64 de favorecimento ao fenômeno em estudo.

Quanto às variáveis que não obtiveram relevância estatística para a pesquisa, em nossas hipóteses, esperávamos que a variável tempo de residência em São Paulo fosse apresentar um peso importante neste estudo. No entanto, como não foi possível recrutar um número de falantes necessários com baixos anos de residência, resolvemos excluir esses colaboradores e apenas utilizamos colaboradores que estariam entre os grupos de fatores médios e altos de residência. Dessa maneira, como todos os falantes já apresentavam muitos anos de residência na capital Paulista, acreditamos que essa variável já não era tão relevante para compreendermos o fenômeno da acomodação dialetal.

A segunda rodada que fizemos no programa estatístico foi para analisar se em situação de observação etnográfica etnografia, os falantes 1, 4 e 7 apresentariam maiores expectativas quanto à acomodação dialetal. A escolha desses falantes se deu por eles apresentarem maiores níveis de escolarização e por aceitarem participar dessa segunda etapa da pesquisa. O objetivo dessa rodada foi meramente qualitativo, tendo em vista a quantidade reduzida de falantes nesse segundo momento.

A coleta no estilo observação etnográfica nos mostrou o que a Teoria da Acomodação da Comunicação já tinha disseminado na literatura da Sociolinguística Variacionista, que o foco da interação verbal entre falantes recaía nas formas de interação com outros interlocutores. Ou seja, ao estabelecer interação verbal, o falante está mais preocupado em atender às necessidades conversacionais de seu interlocutor, também porque o falante espera ter aceitação social (GILES et al., 2010).

Na segunda rodada, foram detectadas 922 ocorrências, das quais 746 favoreciam a acomodação dialetal e 176 ocorrências representavam a manutenção do sotaque paraibano. Os falantes de 1 e 7, os quais apresentaram maiores níveis de escolarização, foram também os que apresentaram maior percentual de acomodação, respectivamente 80% e 91% de favorecimento ao fenômeno.

À luz dos dados, observamos que na técnica de etnografia, assim como da entrevista, os dados estavam sendo coletados em situação ainda mais espontânea de interação verbal, nas quais os falantes passavam por reais pressões sociais e linguísticas. Como bem afirma Malinowski (1976, p.89), etnografar “é um cruzamento de olhares, é experiência real de vida, cuja organização social é construída, mantida e ressignificada a

partir do lugar ocupado pelos sujeitos de interação cultural”. Assim, acreditamos que a etnografia constituiu-se nessa pesquisa como uma técnica preferível de coleta de dados, pois, tendo a língua(gem) como objeto de pesquisa, nada melhor do que abordar a língua do ponto de vista do falante e dos contextos de interação verbal.

Dessa maneira, percebemos que as atitudes dos nossos colaboradores diferiam muito entre si, e atribuímos essa diferença à trajetória de vida de cada um. Para Bourdieu (1999), o lugar ocupado pelo homem na atividade que ele mesmo produz é resultado de forças de ação e opressão de capitais simbólicos, culturais, econômicos e linguísticos. Portanto, acreditamos que os falantes 1, 3, 5 e 7 apresentaram em seus discursos maiores ocorrências de opressão e de violência simbólica quanto à maneira paraibana de falar dos paraibanos residentes em São Paulo.

Foucault (1989), em seu texto *Genealogia do Poder* em seu célebre livro *Microfísica do Poder*, argumenta que as relações de poder através da linguagem eram o único meio disponível para se chegar a certo conhecimento do homem, enquanto sujeito, e do mundo, enquanto fenômeno. A linguagem por ser uma prática social constitutiva, é *nela* e *através* dela que passamos a incluir e excluir nossos interlocutores de determinados espaços sociais.

Não muito diferente dos estudos em atitudes linguísticas, acreditamos que essas relações de poder estabelecidas através da língua em instituições sociais, fez com que alguns de nossos colaboradores fossem atingidos por discursos contrários à adoção da variação linguística. No caso do falante 2, que é o falante mais velho dessa pesquisa e que é o único trabalhador autônomo, acreditamos que ele pôde não ter passado por tais pressões de poder institucionais com os demais colaboradores, e por isso, acredita não existir preconceito contra nordestino na cidade de São Paulo.

Por fim, observamos neste estudo que as atitudes positivas influenciaram o processo de acomodação dialetal de falantes paraibanos residentes em São Paulo, e verificamos também que as atitudes negativas quanto ao próprio dialeto causaram a divergência linguística. Consideramos que os estilos de coleta de dados escolhidos neste estudo, tais como a observação etnográfica e a entrevista, foram relevantes para que pudessemos observar como as atitudes podiam influenciar determinados comportamentos linguísticos. Assim, é necessário que outros estudos no campo da Sociolinguística Variacionista passem a observar o papel da variável *atitude* na mudança de determinados comportamentos linguísticos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. D.M. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2019.

AMORIM, F. O. B. SERRA, R.V. **Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento Urbano e Regional**. In: ANDRADE, T.A.; SERRA, R.V. (Org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 01-34.

ARNETT, J. J. (2007). **Emerging adulthood: What is it, and what is it good for?** *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x>

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M.H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas Livraria, 1999.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2011.

BHABHA, H. "Dissemination: Time, narrative and the margins of the modern nation." In: **The Location of Culture**. London. Routledge. 1990.

BOURDIEU, P. **¿Qué significa hablar?** Madrid: Ediciones Akal, 1999.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRESCANCINI, C. **A fricativa alveolar e sua complexidade**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica: introdução à teoria prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. São Paulo: Mercado de letras, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CALLOU, D; MORAES, J; LEITE, Y. **Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Falar Português do Brasil**. In: ABAURRE, M. B.M; Rodrigues. A. C. S.(orgs). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: UNICAMP. 2002

CÂMARA JR.,J.M. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAMBERS, H. J. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 2003.

CHACON, K.A. **Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa**. Dissertação (Mestrado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2012. 118p.

- CHIANCA, R.M.S. **Interagir em língua estrangeira: um assunto sócio-cultural**. Tradução, Elisa____ Ingrid Farias Fechine Oliveira; Sandra Helena Gurgel. _____. Dantas de Medeiros. In: MOARA, Revista dos Cursos de pós-graduação em Letras da UFPA, Belém. Editora Universitária (UFPA), n.11, pp. 1-164, jan.-jun., 1999, pp.65-84
- COLLISCHONN, G. G. A sílaba em português. In____.: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 5ª ed, 2010.
- COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. Cambridge: University Press, 2007.
- FERNÁNDEZ, F. M. **Principios sociolingüísticos y sociología del lenguaje**. Barcelona: ariel, 1998.
- FISCHER, J. L. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. *Word*, 14:47-56, 1958.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Pontes, 2 edição, São Paulo, 1999.
- GARRETT, P. **Attitudes to language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILES, H. *et al.* **Dimensions of welsh identity**. *European Journal of Social Psychology*, 7,29-39, 1973.
- _____. **Language, ethnicity and intergroup relations**. London: cademicpress, 1977.
- _____ *et al.* **Contexts of Accommodation**. Cambridge University Press, 2010, [1991].
- GOMES, A.A.A. **A epêntese vocálica inicial em clusters sC por aprendentes brasileiros de inglês como LDE**. Dissertação de Mestrado, João Pessoa: UFPB, 2014.
- GUMPERZ, J. J. **Linguistics and social intraction in two communities**. In: GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (Ed.). *The ethnography of communication*. Washington: D. C. American Anthropological Association, 1986, p. 137-154
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HORA, D. **Estudos linguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: UFPB/BC, 2003, p. 111-128.
- _____; WETZELS, L. Róticos: uma po[h,r,t]ta entre paraibanos e paulistanos. **Revista Linguística, ALFAL**, v. 24, p.51-76, 2010.

_____; PEDROSA, J.; CARDOSO, W. **Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?**. Letras de hoje, Porto Alegre, v.45, n.1, p. 71-79, Jan./Mar, 2010.

_____; WETZELS, L. **A variação linguística e as restrições estilísticas**. Revista ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p.147-188, 2011.

HOOPER J. B. **An introduction to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.

KAUFMANN, G. **Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos**. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madri: Cátedra, 1983 [1972].

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____; *et al.* **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

LAMBERT, W.E. **A Social Psychology of Bilingualism**. Journal of Social Issues. 1967. Abstract. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com>> Acesso: 11 mar. 2011.

LAMBERT, W. **The social psychology of bilingualism**. Journal of Social Issues, v.23, p.91-109, 1967.

LAMBERT, W.E.; GARDNER, R.C.; BARIK, H.C.; TUNSTALL, K. **Attitudinal and cognitive aspects of intensive study of a second language**. Journal of Abnormal and Social Psychology, v.66, n.4, p.358-68, 1963.

LEITE, C. **Atitudes Linguísticas e Teoria da Acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social**. In: SEMINÁRIO DO GEL, 58., 2010, *Programação...* São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6421-10>>. Acesso em: 12. dez. 2011.

LIMA, I. S. **Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife**. Dissertação (Mestrado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2013. 113p.

LIMA, I.S. LUCENA, R.M. **Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife**. Revista Letrônica, porto alegre, v.6, n.1, p.161-178, 2013.

LOPES, L.M. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo.** Tese (Doutorado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2012. 141p.

LUCENA, R. M. **Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. Paraibano) na aquisição de obstruentes em coda por aprendizes de inglês: uma análise Variacionista.** Letras de Hoje, v.45, p.35-42, 2010.

_____. **Comportamento Sociolinguístico da preposição para na Paraíba.** In: **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade.** HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.

MACEDO, S.S. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense.** Recife, 2004. 87 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia.** São Paulo: Abril Cultural, 1976. p.285-436 (Pensadores(os); v.43).

MARQUES, S. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal.** Rio de Janeiro, 2006. 159 p. Tese de Doutorado. Coordenação de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras, UFRJ.

MARTINS, M. **A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal.** Rio de Janeiro, 2008.146 p. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação em Linguística, universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARTINS, I. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: DERMEVAL, H (org.). **Estudos sociolinguísticos: o perfil de uma comunidade.** João Pessoa, 2004, pp. 55-82.

MATHEUS, M. H; DANDRADE, E. **The syllable structure in portuguese.** D.E.L.T.A. v.14, n.1, 1998.

MOITA LOPES, L.P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2012.

MOLLICA, M.C. **Relevância das variáveis não linguísticas.** In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M.L.(orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004, p.27 a 29.

NARO, A. J. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico.** In:_____. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, p. 15-25, 2003.

OLIVA, M.A.A.; SERRANO, M.J. **Towards a comprehensive view of variation in language: the absolute variable.** Language & Communication. In press, 2011.

PEDROSA, J.L.R. **Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?**. 2009. 159 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

RIBEIRO, S. R. **Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense**. João Pessoa, 2006. 111 p. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação em Linguística, universidade Federal da Paraíba.

ROCHA, E P. G. **O que é etnocentrismo**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SAID, E.W. **Cultura e Imperialismo**. Denise Bottman trad., São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

SELKIRK E. The syllable. HULST, H. V. D., SMITH. **The structure of phonological representations (part II)**. Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

SILVA, A.H.P. **Existe uma lateral palatal no PB?** In: Seminário do Gel. Resumo. 58, 2011.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Press, 2006.

TAGLIAMONT, S. A. Sali and SMITH, Eric. **Goldvarb X: variable rule application for Macintosh and Windows**. Departamento de linguística, Universidade de Toronto, 2005.

TARALLO, F. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: an introduction**. London, 1974.

_____. **Dialects in contact**. Oxford: Blackew, 1986.

_____. **Language contact and inherent variability: the absence of**

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 1968.

WARDHAUGH, R. **An Introduction to Sociolinguistics**. – 6th ed. Wiley-blacwell, 2010.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICES



APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

Prezado senhor(a) participante,

O presente formulário traz informações importantes acerca do estudo do qual você participará, e, portanto, deve ser lido cuidadosamente.

Esta pesquisa contribuirá para a elaboração da dissertação do mestrando Mikaylson Rocha da Silva sob orientação do Prof^o. Dr. Rubens Marques de Lucena, e tem como objetivo fortalecer o desenvolvimento de estudos linguísticos no estado da Paraíba, de modo a contribuir com a linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, vinculada ao programa de Pós Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa (UFPB – Campus I).

Os alunos que se comprometerem a participar da pesquisa podem, a qualquer momento, mudar de ideia e cancelar sua integração à mesma, visto que a sua participação é de caráter voluntário.

A tarefa a ser desempenhada pelo participante da pesquisa constitui o preenchimento de um questionário de informações pessoais e a realização de uma conversa informal acerca dos motivos que o trouxeram à cidade de São Paulo. As gravações serão examinadas somente pelo pesquisador e pelo orientador, permanecendo confidencial a identidade do aluno participante.

Consideramos, em relação à pesquisa, que sempre haverá riscos, principalmente quando se lida com a fala dos sujeitos. Assim sendo, após a leitura deste documento, por favor, assine-o, indicando que você está de acordo em fazer parte desta pesquisa.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e compreendi as informações acima e que consinto em participar desta pesquisa.

Nome

Assinatura

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar ou mande e-mail para o pesquisador Mikaylson Rocha da Silva.

E-mail: mikaylson_rocha@hotmail.com

Endereço (Setor de Trabalho): Sala do VALPB – Projeto de Variação Linguística no CCHLA-UFPB. Telefone: 3216-7280

Comitê de Ética em Pesquisa: Centro de Ciências da Saúde – CCS, campus I, cidade Universitária.

CEP: 58051:900

Telefone: (83) 3216-7791

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

Data: ____/____/____

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR

Ficha de Caracterização do Sujeito

1. Sexo: () F () M

2. Idade: _____.

3. Natural de qual cidade da
Paraíba: _____.4. Tempo em que reside em São Paulo:
_____.5. Naturalidade dos
pais: _____.

6. Costuma visitar a Paraíba? () sim () Não

7. Se a resposta 6 for sim, diga:

Qual a frequência ? _____.

Quanto tempo costuma ficar? _____.

8. Reside em São Paulo com paulistas? Se sim marque:

() filhos () companheiro(a) () amigos () parentes () outros

9. Se têm filhos nascidos em Recife:

Quantos? _____.

Qual idade? _____.

10. Convive com recifenses em qual âmbito?

escola trabalho vizinhança outros: _____.

11. Seu nível de escolaridades: _____.

12. Profissão: _____.

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO ATITUDE DIALETAL

1) Histórico sócio-geográfico do falante

Nome:

Idade:

Sexo:

Raça (observar IBGE):

Naturalidade:

Estado civil:

Naturalidade do cônjuge:

Naturalidade do pai:

Naturalidade da mãe:

Escolaridade:

Profissão no estado de origem:

Profissão atual:

Tempo de estada em São Paulo:

Renda (observar IBGE):

Razão da transferência de domicílio para a SP:

Bairro em que mora atualmente:

2) Atitudes com relação ao seu próprio falar/dialeto

O que você acha da sua forma de falar?

Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

Você tem algum sotaque? Se sim, qual?

O que você acha do seu sotaque?

3) Atitudes que outros têm com relação ao seu falar/dialeto

Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?

Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?

Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?

Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para São Paulo?

4) Atitudes com relação a dialetos/sotaques em geral

Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira pela qual falam?

Alguém já o julgou dessa forma?

Você acha fácil compreender pessoas de outras partes do país?

Você já se sentiu intimidada ou confusa pelo sotaque/falar de alguém?

Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

5) Nesta seção, você lerá uma série de afirmativas. Para cada uma, avalie se ela se aplica a você. Se você concorda totalmente, pontue como 1; se você discorda totalmente, pontue como 5. (pode ser feito em forma de perguntas)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---|---|---|---|-------|
| Eu falo com um sotaque típico da região onde nasci. | | | | | _____ |
| Tenho orgulho de ter crescido na PB. | | | | | _____ |
| A maneira como os paraibanos falam é difícil de compreender. | | | | | _____ |
| Meu sotaque é muito diferente do falado na PB. | | | | | _____ |
| Meu sotaque é muito diferente do falado em SP. | | | | | _____ |
| Não tenho nenhuma relação especial com a SP. | | | | | _____ |
| Sinto pressão para me livrar do meu sotaque de origem. | | | | | _____ |
| Tenho vergonha do meu sotaque de origem. | | | | | _____ |

6) Perguntas:

a) Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre São Paulo, antes de vir para cá?

O conceito mudou? Você tem interesse em voltar para o seu lugar de origem?

b) As pessoas, na sua terra, têm uma fala (modo de falar) que você considera: a) feia; b) bonita. E as pessoas de SP?

- c) No geral, as pessoas na sua terra, falam de modo: a) agradável; b) desagradável. E as pessoas de SP?
- d) Você acredita que, estando aqui em SP, as pessoas podem saber de onde você é, simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
- e) Quando você compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas de SP, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.
- f) Você gostaria de falar igual aos paulistas?
- g) Você tinha contato com paulistas no antes de vir à São Paulo?
- h) Você acredita que com o passar dos anos estará falando como os paulistas? Você acredita que sua fala mudou? Alguém já percebeu alguma diferença no seu falar?
- i) O que você gosta/não gosta da cultura de São Paulo?
- j) Você se sente deslocado? Com falta de amigos? Sofreu algum preconceito?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 5ª Reunião realizada no dia 16/06/2016, o Projeto de pesquisa intitulado: **“CONTATO DIALETAL: ATITUDES DO FALAR PARAIBANO EM SÃO PAULO”**, do pesquisador Mikalson Rocha da Silva. Prot. nº 0239/16. CAAE: 56258016.4.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB